

ISSN 0006-5218

# BLUMENAU

*em Cadernos*

tomo 51 número 1 janeiro/fevereiro 2010

Leia nesta edição:

- Na Alemanha e no Brasil
- Associação de Moradores em Blumenau: continuidades e mudanças na prática da democracia
- A Instituição Museológica no ensino da História
- A Subjetividade no mundo da prostituição
- Tamandaré Futebol Clube
- E os morros andaram
- Correspondências de imigrantes
- Patronos e Sonetos

Apoio

Genésio Deschamps



Blumenau em Cadernos t.51 n.1 jan/fev. 2010



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.  
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento  
Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001  
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing  
Vice-prefeito | Rufinus Seibet  
Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schindwein  
Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller  
Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff  
Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli M. V. Petry

Blumenau em Cadernos  
Editor | Órgão de fomento | Divulgação | Distribuição | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva  
Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010  
Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br  
Diretora | Sueli M. V. Petry  
Conselho Editorial  
Presidente | Annemarie Fouquet Schünke  
Carla Fernanda da Silva  
Cristina Ferreira  
Gervásio Tessaleno Luz  
Ivo Marcos Theis  
Marcos Schroeder  
Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos  
Capa | Elaborada por Nubia Abe | Fotografia de Rafaela Martins  
Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva  
Revisão | Valdir A. Petry Secretária | Mirela Adriana Nolasco

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,  
concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;  
Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras.  
Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.  
Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.  
Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

---

#### Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

---

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],  
1957- .  
v.; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.  
Fundada por José Ferreira da Silva.  
Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.  
Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome  
para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.  
Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.  
Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos  
45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.  
Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral  
com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração  
alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.  
Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide  
Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry, 1996. ISBN 85-328-0062-9  
ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos  
1. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

---

## SUMÁRIO

### **Documentos originais | Imigrante**

Na Alemanha e no Brasil

In Deutschland und Brasilien

Gustav Stutzer

7

### **Artigo**

Associação de moradores em Blumenau: continuidades e mudanças na prática da democracia

Edinara Terezinha de Andrade; Lahra Neves Batista

37

A instituição museológica no ensino da História

Carmen Hoffmann

61

A subjetividade no mundo da prostituição

Celso Kraemer

77

### **Memórias**

Tamandaré Futebol Clube

Walmor E. Belz

105

E os morros andaram

Alda Niemeyer

108

Correspondências de imigrantes

112

### **Autores Catarinenses**

Patronos e Sonetos

Enéas Athanázio

120

Blumenau cad., Blumenau, t. 51, n. 1, p. 1-128, jan./fev. 2010

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## APRESENTAÇÃO

Com a intenção de lançar um olhar a muitas questões que levam reflexão a pesquisadores e leitores, Blumenau em Cadernos publica variados temas relacionados à historiografia regional.

Sendo assim, a coluna bilíngue, **Documentos Originais**, apresenta um texto extraído da obra *“In Deutschland und Brasilien”* (Na Alemanha e no Brasil), de autoria do imigrante alemão Gustav Stutzer. A edição, publicada em 1930, relata observações e experiências vividas durante sua permanência com a família na cidade de Blumenau, na década de oitenta do século XIX. Veio estimulado pelo irmão Otto Stutzer, já residente há mais tempo na cidade. Aqui adquiriu terras anteriormente pertencentes ao fundador. Descontente com a propriedade, se desfez do negócio. No texto ora publicado, entre outros assuntos, registra suas impressões sobre o impacto que causou a notícia de um ataque de nativos em um lote colonial. Em outro momento, narra impressões e o encontro com o pesquisador Fritz Müller.

Na seção **Artigos**, a doutora em Ciência Política, Mestre em Sociologia Política, e Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Regional de Blumenau, Edinara Terezinha de Andrade, juntamente com a acadêmica Lahra Neves Batista, do curso de Ciências Sociais produziram, o artigo “Associação de moradores em Blumenau: continuidades e mudanças na prática da democracia”. Na estrutura do texto, as autoras analisam como se caracteriza a relação entre o associativismo comunitário em Blumenau, expresso pelas associações de moradores e o poder legislativo municipal.

O segundo artigo tem como autora Carmem Hoffmann, licenciada em História pelo Núcleo de Estudos à Distância do Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. O texto, intitulado “A instituição museológica no ensino da História”, é o resultado do seu estudo em torno do museu como ponte mediadora entre o passado presente, num determinado modelo social. Segundo a autora, é “neste ambiente histórico

que os professores podem e devem buscar parâmetros para a formação de seus educandos, e as possibilidades de como os objetos (...) podem e são capazes de gerar conhecimentos”.

Com o artigo “A subjetividade no mundo da prostituição”, o doutor e professor de Filosofia do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia do Centro de Ciências Humanas e da Comunicação – FURB, Celso Kraemer, publica uma parte do resultado de sua pesquisa relacionada à prostituição em Blumenau. Enriquecido por gráficos e depoimentos, o texto revela uma construção de subjetividade que contraria os valores tradicionais que impõem à mulher restrições na expressão e no sentimento.

Nasequência, em **Correspondências de Imigrantes**, continuamos com a publicação de cartas, trocadas no século XIX, entre os familiares do engenheiro Emil Odebrecht, responsável pelas medições e mapeamentos de vastas regiões da floresta no sul do Brasil. Sua permanência junto à família foi muito reduzida em virtude dos trabalhos de campo, e o único elo de contato durante meses eram as correspondências. O seu teor é significativo para estudo e análise no que concerne ao estudo das relações de família.

Em **Memórias**, o médico, Dr. Valmor Belz, relembra os tempos do “Tamandaré Futebol Clube”, o qual era constituído por um grupo de jovens amadores do Colégio Santo Antônio.

Continuando a seção, a radioamadora Alda Niemeyer, através do texto “E os morros andaram”, registra aspectos da catástrofe ocorrida na região do Vale do Itajaí em novembro de 2008.

Finalizando, o escritor Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses**, comenta sobre autores e obras relacionadas à literatura catarinense.

Convidamos leitores e pesquisadores a enviarem textos para as colunas Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano.

Sueli M. V. Petry  
Diretora da revista Blumenau em Cadernos



NA ALEMANHA E NO BRASIL  
IN DEUTSCHLAND UND BRASILIEN

## EIN SONNTAG IM FEBRUAR 1886\*

Der Wagen hielt vor unserm Hause. Das Ziel unserer Fahrt war die evangelische Kirche. Wir machten sonst die halbe Stunde gern zu Fuss; aber der Gottesdienst fing erst um 10 Uhr an, und es gab einen heissen Nachsommertag.

Trotzdem war der Weg zur Kirche von Wagen, Reitern und Fussgängern belebt; mehr als sonst, denn die Zeitungen hatten angekündigt, dass ein Geistlicher von auswärts eine Missionspredigt halten würde. Er sprach warm und gut über die weltumfassende Bedeutung und die Welt und Seelen erobernde Kraft des christlichen Glaubens. Der Schlussgesang "Wach auf, du Geist der ersten Zeugen" erfüllte kräftig den weiten Raum. – Es ist ergreifend, so fern vom alten Vaterlande mit Hunderten zusammen einen deutschen Choral zu singen, dasselbe Sonntagsevangelium zu hören und im Kirchengebete für das Land und seinen Fürsten und ausdrücklich auch für Deutschland und den deutschen Kaiser Fürbitte zu tun. Wie lebhaft gedachten wir dabei des demütigen alten Kaisers Wilhelm!

Aber ich vermisste in der Predigt doch sehr, dass das allernächst liegende mit keiner Andeutung gestreift wurde. Es sollte uns wenige Stunden später mit gellenden Tönen in die Ohren klingen.

An der Stelle, auf der die Kirche steht, hausten 40 Jahre vorher noch die wildesten heidnischen Ureinwohner. Unter den Zuhörern befanden sich mehrere, deren nächste Angehörige von den Bugres getötet oder verwundet waren. Keine Stunde von der Kirche entfernt hatten sie noch vor 20 Jahren eine deutsche Ansiedlerfamilie grausam hingemordet; dasselbe war vor 10 und 4 Jahren in entfernteren Tälern der Kolonie geschehen. Die Handelsleute, welche auf Saumpfaden durch die Wälder auf die Hochebene ziehen, können das immer nur in grösseren Trupps tun,

---

p.255-266.

## UM DOMINGO EM FEVEREIRO DE 1886

Gustav Stutzer\*

A carroça parou em frente à nossa casa, o destino era a igreja evangélica. Normalmente fazíamos o trajeto de meia hora a pé, mas o final do verão estava muito quente e o culto começaria somente às dez horas.

Mesmo assim, o caminho até igreja estava movimentado com carroças, cavaleiros e pedestres. O Jornal divulgara que um religioso de fora faria uma prédica missionária.

Ele falou muito bem sobre o sentido universal, do mundo e sobre a força vitoriosa das almas na fé cristã. O hino de encerramento “Acorda Espírito Alteroso” preencheu todo recinto. É emocionante estar tão longe da velha pátria e poder cantar e rezar para o país e seu Imperador, além de interceder pelo Imperador alemão. Naquele momento, quão vivo estava em nossa mente o velho e humilde Imperador Guilherme!

Mas na prédica, eu senti muita falta daquilo que mais interessava, pois sequer foi mencionado. Porém poucas horas mais tarde fomos alertados com sons estridentes.

Há quarenta anos, viviam selvagens no lugar onde se ergue a igreja. Entre os ouvintes havia várias pessoas, cujos parentes próximos foram mortos ou feridos pelos bugres. Há vinte anos uma família de colonos alemães foi cruelmente morta, apenas a uma hora distante da igreja. O mesmo sucedeu, há dez e quatro anos, em vales distantes da Colônia. Os comerciantes que se dirigiam ao planalto e precisavam passar por picadas

---

\* Texto de sua autoria publicado na obra: In Deutschland und Brasilien. Lebenserinnerungen von Gustav Stutzer Zwanzigste Auflage – Mit dem Bilde des Verfalles. Hellmuth Wollermann Verlagsbuchhandlung (W. Kraus) – Braunschweig – 1930, p. 255-266.

um sich vor Ueberfällen zu schützen, und trotzdem kehrt manches junge Blut nicht wieder heim, von einem vergifteten Pfeile im finstern Urwalde getroffen. – Es war gut, an die Heiden in Afrika erinnert zu werden; aber es hätte sollen nicht übersehen werden, dass wir von Heiden der schlimmsten Art umgeben waren.

Auf den Nachmittag hatte ich eine kleine Gesellschaft älterer Herren eingeladen, um mit ihnen meine Kolonisationspläne zu beraten. Jeder hatte gefragt: “Vor oder nach dem Gewitter?” (In der Jahreszeit pflegt sich mit dem regelmässigen Eintritt des Seewindes nachmittags ein kurzes Gewitter einzustellen.) “Vor dem Gewitter!”

So sassen wir – mein Bruder, sein Schwager Emil Odebrecht, der deutsche Konsul, ein Kaufmann und zwei durch Tüchtigkeit und Erfahrung angesehene einfache Kolonisten – auf der Veranda unseres Hauses, wenige Schritte von der Landstrasse entfernt, und waren noch bei der ersten Tasse Kaffe und bei der ersten Zigarre, als wir einen Reiter bemerkten, der im schärfsten Galopp herankam. Mein Bruder stand auf, indem er sagte: “Da muss etwas passiert sein!” Der Reiter erkannte ihn, hielt und rief: “Sie möchten gleich die Polizei und das Gericht nach dem oberen Cannabach schicken! Die Bugres sind ausgebrochen!” – Ist wer getötet?” – “Ja, Heirich Soundso und seine ganze Familie soll ermordet und das ganze Haus geplündert sein!”

Mein Bruder sprang auf sein gesattelt gebliebenes, am Torwege angebundenes Pferd und sprengte mit dem Boten zum Stadtplatz, die nötigen Befehle zu erteilen. Schon kamen die Leute von der Nachbarschaft herbeigelaufen, um zu erfahren, was geschehen sei, und bald gellten die Rufe über die ganze Umgegend: “Die Bugres sind ausgebrochen!”

Auf der Strasse jagte ein Reiter nach dem andern vorbei, um noch vor Nacht den Ort des Ueberfalles zu erreichen. Bald eilte auch mein Bruder mit dem Staatsanwalt, dem Gerichtsarzte und einigen berittenen Mannschaften in der schnellsten Gangart der Pferde dahin.

na floresta, somente podiam seguir em grupos maiores a fim de defender-se de ataques. Assim mesmo muitos jovens não mais voltaram porque foram atingidos por flechas envenenadas na densa floresta. Foi bom ser lembrado dos pagãos da África, porém não deveríamos omitir que estávamos rodeados por pagãos da pior espécie.

Eu havia convidado vários senhores de mais idade para uma reunião à tarde, a fim de discutir meus planos de colonização. Todos perguntaram: “antes ou depois da trovoada?” (neste período do ano, uma trovoada de curta duração se forma quando o vento marinho começa a soprar à tarde.) “Antes da trovoada.”

Estávamos sentados na varanda a alguns passos da estrada: eu, meu irmão, seu cunhado Emil Odebrecht, o Cônsul alemão, um comerciante e dois colonos respeitados pela sua capacidade e experiência. Ainda não havíamos terminado a primeira xícara de café e o primeiro charuto, quando percebemos um cavaleiro se aproximar num rápido galope.

Meu irmão levantou e disse: “Deve ter acontecido alguma coisa!”

O cavaleiro o reconheceu, parou e gritou: –O senhor precisa mandar a polícia e o juiz até o alto do Cannabach! (riacho da cana). Os bugres atacaram!

– Alguém foi morto?

– Sim, Heinrich... e toda a sua família provavelmente foi morta e a casa saqueada!

Meu irmão pulou sobre seu cavalo selado, e galopou com o mensageiro até o Stadtplatz para dar as ordens necessárias. A vizinhança veio correndo para descobrir o que acontecera e logo soou pela redondeza: “Os bugres atacaram!”

Um cavaleiro após outro passou em disparada, a fim de alcançarem o lugar antes da noite. Em seguida meu irmão também passou

Natürlich bewegte sich unser Gespräch nur noch um die Bugres. Und wir empfangen einen höchst interessanten Vortrag von dem für gewöhnlich sehr schweigsamen Odebrecht.

Dieser feingebildete Mann war vor etwa 30 Jahren europamüde eingewandert, nachdem er seine Studien als Techniker beendet hatte. Er arbeitete zunächst als Ingenieur bei Wege- und Brückenbauten, vermass und zeichnete die Küste, legte Triangulierungspunkte an, baute Telegraphenlinien, wurde Oberinspektor der Telegraphie des Staates und bekam 20 Jahre von unserer Zusammenkunft von der kaiserlichen Regierung in Rio den Auftrag, die Grenzen Brasiliens gegen Argentinien festzulegen. Mit einer Schar von Gehilfen, Arbeitern und Soldaten blieb er immer zwei Jahre hintereinander in der 1000 und noch viel mehr Kilometer entfernten Urwaldregion und kehrte dann auf einige Monate zurück. Er ist der Erforscher und Kartograph jener Gegend.

Ich sehe den kräftigen, untersetzten Mann mit dem dunkelgebräunten Gesichte, den graisen Haaren, den grossen blauen Augen und höre seine Stimme.

“Wir müssen bei den Ureinwohnern Brasiliens drei Zonen unterscheiden: die der Küste, der Waldgebirge und der Hochebene. Die Volksstämme am Amazonas, dem Schingu und weiter im Norden kenne ich nicht. Die an der Küste sind durch die Grausamkeit und den Unverstand der Portugiesen fast ausgerottet. Nur spärliche Reste finden sich noch hier und da zerstreut. Sie haben längst ihre Sprache verloren und sind christianisiert; einige rühmen sich noch, direkt von den hochbegabten Guarany abzustammen. Sie tauchten gleichsam unter in der Vermischung mit den vor 300 bis 400 Jahren eingewanderten Portugiesen. Diese töteten die Männer und verheirateten sich mit den Guaranyweibern. Ihre Nachkommen leben, wie Sie wissen, in den Küstenwäldern zerstreut unter dem Namen der Caboclos; harmlose Leute ohne die geringsten geistigen Interessen, ohne Schulbildung, voller Aberglauben. Arbeit ist ihnen der

acompanhado do procurador, do médico legista e de uma pequena tropa montada, todos em disparada.

Óbvio que nossa conversa girou em torno dos bugres. O senhor Odebrecht, normalmente muito calado, presenteou-nos com uma palestra muito interessante.

Este homem instruído e cansado da Europa imigrou há trinta anos, após concluir seu estudo como técnico. No início, trabalhou como engenheiro de estradas e pontes, demarcou e mapeou o litoral, estabeleceu marcos geodésicos, construiu linhas telegráficas, tornou-se inspetor da telegrafia no Estado e há vinte anos recebeu a incumbência do governo imperial do Rio de estabelecer os limites entre Brasil e Argentina. Partiu com muitos ajudantes, trabalhadores e soldados e sempre ficava dois anos seguidos em uma região de mata virgem, distante mil e até mais quilômetros. Na volta permanecia apenas por alguns meses. Foi o explorador e cartógrafo daquela região.

Vejo este homem baixo e forte de rosto moreno, de cabelos brancos, com grandes olhos azuis e escuto sua voz:

“Precisamos distinguir, aqui no Brasil, três regiões: litoral, mata e planalto. Não conheço as tribos do Amazonas e Xingu e nem as mais ao norte. As tribos do litoral foram praticamente extintas pela brutalidade e insensatez dos portugueses. Ainda existem alguns dispersos aqui e acolá. Há muito que perderam sua língua e foram convertidos ao cristianismo. Alguns se vangloriam descenderem dos talentosos guaranis. Eles foram desaparecendo com a imigração portuguesa, devido à miscigenação de trezentos a quatrocentos anos. Estes matavam os homens e casavam com as mulheres. Como é de vosso conhecimento, os descendentes, dispersos, habitam nas matas do litoral e são conhecidos como cablocos. São pessoas ingênuas sem interesse intelectual, sem formação escolar, mas supersticiosos. Para eles, o trabalho é o mal maior. Percebe-se de imediato sua descendência nativa; porém também se encontra o indígena puro. Talvez a explicação

Uebel grösstes. Man sieht ihnen die halbschichtige Abstammung von den Ureinwohnern auf den ersten Blick an; aber es findet sich auch noch der völlig erhaltene indianische Typus, was wohl daraus zu erklären sein möchte, dass sich einzelne Familien im Jahrhundert der Verfolgung zu retten gewusst haben.

Wie hoch die Küstenstämme vor ihrer Berührung mit den Europäern in geistiger Hinsicht gestanden haben müssen, beweisen die tausendfachen Ueberbleibsel ihrer klangvollen, alle Gegenstände mit ausserordentlicher Schärfe bezeichnenden Sprache.”

Ich unterbrach den Redner mit der Bitte, mir einige Beispiele der alten Sprache zu sagen und mir zu erlauben, dass ich sie nach seinem Diktat in mein Merkbuch eintrüge. Hier sind sie:

“Unser Fluss heisst Itajahy. Ita bedeutet Stein, Fels. hy bedeutet klares Wasser. ja bedeutet am oder im. Unser Fluss ist in seinem oberen Laufe voll von Felsen, sein Name bedeutet also Felsen im Wasser.

Uru bedeutet Vogel. bú bedeutet schwarz. Urubú nennen wir heute noch den schwarzen, überall verbreiteten Aasgeier.

Paraná bedeutet Fluss. hy bedeutet klar. ba bedeutet sehr. Paranáhyba heisst der grosse, durch sehr klares Wasser ausgezeichnete Fluss im Innern unseres Landes.

Curi bedeutet Fichte. tyba bedeutet Ort. Curityba heisst die Hauptstadt des durch seine Fichten- und Araucarienwälder bekannten Staates Parana.

Gua bedeutet Herr. rany bedeutet flaches Land. Guarany hiess das regierende Volk an der Küste. – Tupi bedeutet Sprache. Tupi Guarany die Sprache des Herrenvolkes.

Pinda bedeutet Angel. Monhangába (spr. Monnjagaba) Werkstatt. Pindamonhangába ist eine Stadt zwischen Rio und San Paulo, in deren Nähe heute noch Eisengruben bestehen.”

Odebrecht fuhr fort:

esteja no fato destas famílias terem escapado da perseguição durante séculos. É possível comprovar o nível de cultura dos nativos, antes do contato com os europeus, através da identificação dos milhares de vestígios de sua língua excepcionalmente sonora e forte.”

Interrompi o interlocutor e solicitei que desse alguns exemplos da língua antiga e permitir anotá-los. São esses:

“Nosso rio é o Itajahy. Ita significa pedra ou rocha; hy, água clara; ja, beira ou dentro. Como o curso de nosso rio, mais acima, está repleto de pedras seu nome significa rochas no rio.

Uru significa pássaro; bu, preto. Denominamos urubu a difundida ave carniceira.

Paraná significa rio. hy significa muito claro, ba é muito, Parahyba quer dizer grande, isso significa que esse rio de águas cristalinas é muito grande e se situa no interior do nosso país.

Curi quer dizer pinheiro, tyba lugar. Curityba é a capital do estado do Paraná, conhecido por suas matas de pinheiros e araucárias.

Gua significa senhor; rany, terra plana. O povo que dominava o litoral era denominado Guarany. Tupi significa língua, portanto, Tupi Guarany é a língua do povo dominante.

Pinda significa anzol; Monhangaba, oficina. Pindamonhangaba é uma cidade entre o Rio e São Paulo e ainda hoje existem, em sua redondeza, minas de ferro.

Odebrecht prosseguiu:

“Dizemos índio para todo nativo, isso porque Colombo achava ter descoberto a costa da Índia”. Os Guaranis de cor clara denominavam as tribos do interior de: Narapiranga, o que significa pele vermelha, pois a cor destes variava do vermelho escuro ao marrom. Os cristãos católicos portugueses que combatiam os nativos do litoral, somente procuravam ouro e diamantes, matavam, roubavam e até envenenavam seus alimentos,

“Wir geben allen Ureinwohnern den sinnlosen Sammelnamen ‘Indianer’ weil Kolumbus die Küste Indiens entdeckt zu haben glaubte. Die auch noch braunen, aber hellfarbigeren Guarany's nannten die tiefroten bis dunkelbraunen Stämme im Innern des Landes: Narapiranga, d. h. rote Menschen. Die christkatholischen Portugiesen, welche mit Raub- und Mordzügen und sogar mit Vergiftung der Nahrungsmittel gegen die Küstenbewohner wüteten, nur Gold und Diamanten suchend, von ihren Priestern nicht gehindert, nannten die von ihnen gegründeten Orte nach ihren Heiligen: San Paulo, Santo Antonio, Santa Barbara, Todos os Santos usw. Die Wilden nannten ihre Ansiedlungen ebenso schön klingend wie genau charakterisierend: Yporánga, Ubatúba, Uruguay, Araraquára, Guaratingetá usw. Jeder Berg, jedes Flüsschen, jedes Vorgebirge, jede Bucht hatte und hat seitdem heute noch seinen kennzeichnenden Namen: Itatiáia, Arariáia, Schororó, Vamiránga usw. Hunderte von Baumarten und Pflanzen führen die altindischen Namen: Peroba, Sassaparilla usw. – Ein Volk mit einer so ausgebildeten Sprache muss auf einer hohen Stufe der Intelligenz gestanden haben. Anstatt es mit allen Kräften zu erhalten und weiter zu erziehen, ist es von denselben sogenannten Christen hingeschlachtet, welche dann, unbehindert von der allmächtigen “Kirche”, 300 Jahre lang sich die Sklaven als Arbeitsvieh aus Afrika holten.”

Der sonst so wortkarge Odebrecht, der ausser seinem unübertroffenen Landkarten nie etwas veröffentlichte, hatte uns mit seinem Vortrage richtig ergriffen. Er meinte, es sei nun genug. Wir aber liessen nicht nach, ihn dringend um Fortsetzung zu bitten. Die Gelegenheit musste wahrgenommen werden. Und er tat uns den Gefallen, nach einer Pause fortzufahren.

“Ganz anders verhält es sich mit den Wilden des Urwaldes, die uns heute in Schrecken versetzt haben. Wir nennen sie Indios bravos oder Topayós, in unserer Provinz Bugres, weiter im Norden heissen sie Botokúdos, Coroádos und sollen, je nach dem Stamme, noch viele andere Namen haben.

sequer eram detidos pelos Padres e davam o nome de santos aos lugarejos que fundavam como: São Paulo, Santo Antônio, Santa Bárbara, Todos os Santos, etc. Os selvagens tinham nomes belos e adequados para suas povoações como: Yporanga, Ubatuba, Uruguay, Araraquara, Guaratinguetá, etc. Cada montanha, cada riacho, cada promontório, cada baía tem ainda hoje o mesmo nome daquela época: Itatiáia, Arariáia, Chororó, Vamirânga, etc. Centenas de árvores e plantas têm nomes indígenas: Peroba, Salsaparrilha, etc.

Um povo com uma língua tão desenvolvida devia ter um alto grau de inteligência. Ao invés de os manterem e educarem, foram dizimados pelos chamados cristãos, os quais, sem serem impedidos pela poderosa “Igreja”, trouxeram escravos da África durante trezentos anos e os usaram como animais de trabalho.

Normalmente Odebrecht era um homem de poucas palavras, ele nunca havia publicado nada além de suas inigualáveis cartas geográficas, mas sua palestra foi emocionante. Ele queria parar de falar, mas nós pedimos que continuasse. Precisávamos aproveitar a oportunidade, e após uma pausa ele continuou:

“No entanto a situação é bem diferente com os selvagens, que nos têm deixado em pânico até hoje. Na nossa Província costumamos denominá-los de Índios bravos, Tapajós ou Bugres, mais ao norte de Botocudo e Coroados. Dizem que ainda existem outras denominações, isso depende da tribo a que pertencem.

Nossos Bugres têm estatura média, porém são muito fortes. Nômades, andam praticamente nus, vivem de caça, pesca e de frutos da mata. Podemos encontrar restos desses alimentos junto às fogueiras abandonadas, além de pederneiras (pedras-de-fogo), pedaços secos de esponja de casca de árvore, bolo de argila com marcas de dentes, porém nunca uma panela ou qualquer utensílio de cozinha. No entanto, quando há perigo iminente eles abandonam arco e flecha que estavam confeccionando, além das bordunas.

Unsere Bugres sind von mittlerer Grösse, ausserordentlich kräftig. Fast nackt hausen sie in den unendlichen Urwäldern ohne Wohnplätze, immer hin und her ziehend, von Jagd Fischfang, Früchten des Waldes lebend. Man findet Reste dieser Nahrungsmittel auf den von ihnen verlassenen Feuerstätten, auch oft Klumpen einer fetten Tonerde mit Spuren der Zähne, Feuersteine und Stücke von trockenem Baumschwamm, nie einen Topf oder ein anderes Küchengerät; dagegen lassen sie wohl, wenn plötzlich Gefahr droht, in der Herstellung begriffene Bogen und Pfeile liegen, von denen ich eine ganze Anzahl besitze, auch kurze Wurfkeulen. Das sind ihre einzigen Waffen. Ihre Bogen haben mehr als Manneshöhe. Die Pfeile sind künstlich gefiedert, mit Widerhaken und einer Spitze von Fischgräten oder Eisen versehen, im Kampfe mit Menschen immer in ein schnelltötendes Gift getaucht, das sie bei sich tragen. Sie halten den Bogen zwischen der grossen und zweiten Zehe des linken Fusses. An der starken Ausbiegung der linken grossen erkennt man ihre Fussspuren auf weichen Boden. Sie schiessen auf eine ziemlich weite Entfernung mit erstaunlicher Sicherheit. Nach einem Überfalle fand man den deutschen Kolonisten und seinen Sohn getötet. Sie erinnern sich des Falles am Südarm des Itajahy, die Frau lebend mit Pfeilen an die Haustür genagelt. Die Frau berichtete, dass die Bugres lachend aus einer Entfernung von 30 bis 40 Schritt einen Pfeil nach dem andern gegen sie abgeschossen hätten, ohne sie zu verwunden; einen rechts, einen links dicht am Halse, mehrere unter und über den im Entsetzen aufgehobenen Armen, neben den Hüften und Füssen. Von eben diesen Pfeilen will ich Ihnen gern einige schenken. – Ihr Bruder hat im Schützenhause fünf Milreis (10 Mark) auf den Tisch gelegt und die jungen Leute aufgefordert, von einem der Bugrebogen einen Pfeil auf 10 Schritt Entfernung zu schiessen. Keiner gewann den Preis. – Merkwürdig ist, dass man auf den Lagerplätzen häufig Spuren von Hundetatzen findet, und doch hat noch niemand das Bellen eines Hundes gehört, welches sie verraten würde. Wie fangen sie es an, die Tiere stumm zu machen, die

Estas são suas únicas armas. Os arcos são maiores do que um homem. As flechas são enfeitadas com penas, têm haste recurva e uma ponta de espinha de peixe ou ferro, que durante a luta é mergulhada rapidamente num veneno mortal que sempre trazem consigo. Eles seguram o arco entre o dedão do pé e o segundo dedo do pé esquerdo. As marcas dos pés são detectadas em solo mole pela curvatura do dedão, atiram muito longe com uma pontaria espantosa. Após um ataque, encontramos o filho de um colono morto. Os senhores devem lembrar-se do ataque no Braço do Sul, afluente do Itajahy, onde pregaram uma mulher viva à parede. A mulher contou que riam e que atiravam, de uma distância de trinta a quarenta pés, uma flecha após outra em sua direção, sem feri-la; uma à direita do pescoço, outra à esquerda, várias em cima e abaixo dos braços, os quais havia levantado apavorada, perto do quadril e dos pés. Vou presentear-los exatamente com estas flechas. Seu irmão convidou os jovens do Caça e Tiro para atirarem com um arco e flecha dos bugres numa distância de dez pés, oferecendo um prêmio de cinco mil réis. Nenhum deles recebeu o prêmio.

É estranho que muitas vezes encontramos pegadas de cachorro nos acampamentos, porém nunca se ouviu um latido que pudesse delatá-los. Como conseguem manter os animais quietos, que lhes são muito úteis nas caçadas? Mas às vezes, escuta-se um som surdo e curto, parecido com um tambor, provavelmente é usado em caso de perigo para alertar toda a tribo.

Eles matam toda pessoa que penetra em suas matas, a não ser que esteja em grupo. Não se percebe a presença deles por nenhum ruído, mesmo que seja mínimo. Eles atiram. Responde-se imediatamente atirando com a pistola ou revólver, pula-se do cavalo e embrenha-se na mata, eles somem como se a terra os tivesse engolido. Uma única vez em trinta anos, um bugre foi atingido mortalmente em uma dessas empreitadas. Os médicos fizeram várias medições no cadáver e o esqueleto foi enviado para o museu do Rio. Todos nós vimos as duas crianças, um menino e

ihnen zur Jagd sehr nützlich sind? Dagegen hört man zuweilen dumpfe, kurze, trommelähnliche Töne, die ihnen wahrscheinlich zum Sammeln bei Gefahr dienen.

Sie töten jeden, der in ihre Wälder eindringt, wenn er nicht in einer grösseren Gesellschaft kommt. Man merkt sie nie durch das geringste Geräusch. Sie schießen. Man antwortet sofort mit der Pistole oder dem Revolver, springt vom Pferde, dringt in den Wald; und sie sind, wie im Boden versunken, verschwunden. Nur ein einziges Mal in 30 Jahren ist ein Bugre dabei getötet. Die Ärzte haben dann an ihm allerlei Messungen vorgenommen, und das Skelett ist an das Museum in Rio abgeliefert. Die beiden, von "Bugre-Jägern" (!) in einem Lager gefangenen Kinder, ein Knabe und ein Mädchen, haben wir alle gesehen. Es war sehr töricht, sie zu fangen, denn die Rache der Wilden kennt seitdem keine Grenzen mehr. Früher war ihr Absehen auf Gewinnung von Eisen für ihre Pfeile gerichtet, jetzt ist kein Handelstrupp nach und von dem Hochlande mehr vor ihnen sicher. Sie wissen, wie es mit den beiden Kindern gegangen ist. Anfangs gebärdeten sie sich wie wilde Tiere, dann taten sie so, als ob sie sich beruhigten und waren, trotz aller Vorsicht, eines Nachts verschwinden. – Nach meiner sehr inhumanen Ansicht gibt es gegen diese Wilden kein anderes Schutzmittel, als sie auszurotten. Einige katholische Missionare, die zu verschiedenen Zeiten anderer Ansicht waren, sind nie wieder zum Vorschein gekommen.

"Die gegenteiligen Erfahrungen," fuhr Odebrecht fort, "habe ich mit den Eingeborenen im Innern des Landes gemacht, am oberen Uruguay und am Parana. Wie lange Jahre habe ich zwischen ihnen gelebt und nie ein Leid von ihnen erfahren! Meine Arbeit in der Ausdehnung von 600 Kilometern führte mich durch verschiedene Volksstämme, und keiner benahm sich feindlich. Wir verständigten uns in ihren Sprachen. Mit einem halben Hundert Worten reicht man ja bei solchen Naturvölkern notfälliger aus. Sie waren gelehrig, portugiesisch zu lernen. Sie wohnen in gut geschüt-

uma menina, que foram capturadas no acampamento pelos caçadores de bugres. Foi uma grande tolice capturá-las, pois desde lá a vingança dos selvagens não tem mais limite. Antigamente o objetivo deles era conseguir ferro para a ponta de suas flechas, agora nenhum grupo de caixeiros, em direção ao planalto ou vice-versa, está livre de ataques. Os bugres sabem o que aconteceu às crianças. A princípio elas se comportaram como animais ferozes, então fizeram de conta que estavam calmas, mas, apesar de todo cuidado, desapareceram durante certa noite.

Através do meu ponto de vista desumano, não existe nenhuma outra proteção além de eliminá-los. Ao longo do tempo, vários missionários católicos tiveram outra opinião, no entanto nunca mais foram vistos”.

Odebrecht continuou: “Eu tive experiências contrárias a estas, com os nativos do interior do país, do alto Uruguai e ao longo do Paraná. Quantos anos eu vivi entre eles e nunca fui agredido. O meu trabalho, num raio de seiscentos quilômetros, levou-me através de diversas tribos, nenhuma foi hostil. Comunicávamo-nos em sua língua, basta meia centena de palavras, para se comunicar com estes povos nativos, além disso, estavam interessados em aprender o português. Habitam em ranchos bem protegidos, percorrem os rios de canoas feitas de um só tronco, têm os anciãos da aldeia e os da tribo, são muito influenciados pelos pajés, que agem como sacerdotes e médicos. Sua tatuagem é igual a dos bugres e todos usam tanga, exceto as crianças. Não entendo como os missionários cristãos

zten Hütten, befahren die Flüsse in Einbäumen (Canóas), haben ihre Dorf- und Stammältesten und werden von Zauberern, die wie Priester und Aerzte walten, stark beeinflusst. Sie tätowieren sich wie die Bugres und gehen alle, mit Ausnahme der Kinder, mit Schurzellen bekleidet. – Es ist mir unbegreiflich, dass christliche Missionare noch nicht dahin vorgedrungen sind<sup>1</sup>.

Wahrscheinlich sind diese Andeutungen von Kultur nicht auf dem Wege natürlicher Entwicklung entstanden, sondern vererbte Reste von der Arbeit der – Jesuiten unter jenen Volksstämmen. Sie müssen dort Grosses geleistet haben. Das denkbar beste Land vom Umfange eines Königreichs hatten sie sich ausgesucht, und ihre Tätigkeit hätte von einem unberechenbaren Segen für das Innere des Landes werden können, wenn ihre leidigen politischen Umtriebe in Portugal und in dem spanischen Argentinien die Regierungen nicht gezwungen hätten, sie aus beiden Ländern und deren Kolonien zu vertreiben. Das Edikt von Pombal im Jahre 1759 schloss Brasilien für sie zu.

Wer in aller Welt kennt jenes Arbeitsfeld der Jesuiten, welches, heute noch ein fast unbekanntes Land, als das Gebiet der “Misiones” bezeichnet wird? Ich bin einer der sehr wenigen Europäer, die es kennen. Ich habe es durchforscht. Es ist ein Kolonisationsgebiet von grossartiger Zukunft. Die Fruchtbarkeit des Landes, der Wert des unberührten Urwaldes, die gewaltigen Wasserkräfte des Iguassú, des Paraná und Uruguay, die Gesundheit des Klimas bieten Raum und Existenz für viele Hunderttausende. Aber worin sehe ich den Beweis, dass die Jesuiten dort Grosses geleistet haben

<sup>1</sup> Anmerkung des Verfallers. Diese mir im Jahre 1886 von Odebrecht gemachten und von mir aufgezeichneten Mitteilungen stimmen überein mit den Forschungen des berühmten Reisenden Karl von den Steinen. Sein grosses, durchaus zuverlässiges Werk: “Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens” schildert seine in den Jahren 1887 und 1888 gesammelten Erfahrungen im Quellgebiete des Schingu, wenigstens 1500 Kilometer nördlicher gelegen, als das Arbeitsfeld Odebrechts. Besonders anziehend sind seine lebendigen Darstellungen über den Volksstamm der Bakairi, deren Wesen er in den Worten zusammenfasst: “Die Alten waren klug und sorglich, die Jungen kräftig und behend, die Frauen fleissig und häuslich. Alle waren ehrlich. Nie hat mir einer etwas genommen, oft hat man mir Verlorenes gebracht, immer wurde, was ich eingetauscht hatte, als mein Eigentum geachtet.”

Ich (nicht Dr. v. d. Steinen) bin der Meinung, ihre Erziehung sollte von der Missions-Gesellschaften ins Auge gefasst werden. Freilich ist es schwierig, dorthin zu kommen.

ainda não haviam chegado até lá.<sup>1</sup> Certamente esses vestígios de cultura não faziam parte de seu desenvolvimento natural, mas foram herdados pelos jesuítas que viveram entre estes povos. Estes jesuítas devem ter realizado um trabalho fenomenal. Escolheram as melhores terras do tamanho de um reino, suas atividades teriam sido bênçãos para o interior do país, não fossem suas manobras políticas em Portugal e na espanhola Argentina, que obrigou os governos a expulsá-los dos dois países e de suas colônias. O Édito do Marquês de Pombal de 1759 também fechou as portas no Brasil para os jesuítas.

Quem no mundo conhece o campo de trabalho dos Jesuítas na região designada como Missões? Ainda hoje é uma terra desconhecida. Eu sou um dos poucos europeus que a pesquisou. É uma região de colonização com um futuro extraordinário. O solo produtivo, o valor da mata virgem, as magníficas quedas do Iguaçu, Paraná e Uruguai, o clima saudável que oferece espaço para milhares de pessoas. Como comprovar a obra gigantesca dos jesuítas? Imaginem, em meio à floresta encontrei construções numa pequena elevação, as quais somente se pode denominar de gigantescas. Com certeza eram conventos e igrejas. Os telhados encontram-se no chão, mas partes das imensas paredes ainda hoje existem. Elas são feitas de barro cozido ao sol, parecem paredes ciclópicas, cobertas e amparadas pelas densas árvores da floresta.

À primeira vista, tive a impressão de um castelo encantado”.

---

<sup>1</sup> Nota do autor: Esse relato que Odebrecht fez em 1886, registrado por mim, confere com as pesquisas do famoso viajante Karl von den Steinen. A sua grande e confiável obra intitulada “Em meio aos povos nativos do Brasil-Central” descreve suas experiências entre 1887-1888 nas nascentes do Xingu, localizadas a pelo menos mil e quinhentos quilômetros ao norte do campo de trabalho de Odebrecht. Muito interessante é o relato expressivo sobre a tribo Baikairi, que expressa da seguinte maneira: “Os velhos são sábios e cuidadosos, os jovens fortes e ágeis, as mulheres trabalhadoras e caseiras. Todos eram sinceros. Jamais alguém tomou alguma coisa minha, muitas vezes, eles traziam o que eu havia perdido e sempre respeitaram como propriedade minha o que eu havia trocado.” Eu (não Dr. von der Steinen) sou da opinião que a educação desses povos deveria chamar a atenção das sociedades missionárias. Concordo que seja difícil chegar até lá.

mussten? Stellen Sie sich vor, dass ich mitten in den Wäldern auf einer kleinen Hochebene Bauwerke gefunden habe, die man nur mit dem Eigenschaftsworte “ungeheuer” richtig bezeichnen kann. Offenbar stellten sie Klöster und Kirchen vor. Ihre Dächer liegen in Scherben auf dem Boden, aber die mächtigen Wände stehen zu einem guten Teil heute noch. Sie sind von ungebrannten, nur an der Sonne hart getrockneten Lehmquadern wie Zyklopenwände hergestellt, überwölbt und gehalten von den nachgewachsenen, dichtgedrängten Urwaldbäumen.

Beim ersten Anblick war es mir, als ob ein verzaubertes Schloss vor mir läge.”

## ZWEI MÄNNER UND ZWEI WELTANSCHAUUNGEN<sup>2</sup>

Gleich in den ersten Tagen nach unserer Ankunft in der Kolonie war mir ein Herr aufgefallen, der jeden Morgen um 9 Uhr mit langsamen, langausgelegten Schritten über den Stadtplatz ging. Er blickte nicht rechts noch links. Sogar den Grüßen von Vorübergehenden schenkte er keine Beachtung. Seine Erscheinung war ebenso absonderlich wie sein Benehmen.

Barfuss. Sandalen. Die hohe knochige Gestalt in hellen Hosen von Waschzeug, die durch einen dunklen Gürtel festgehalten wurden. Am Gürtel ein Waldmesser in lederner Scheide. Den Oberkörper deckte nur ein bauschiges Hemd, den Hals und einen Teil der Brust freilassend. Das Gesicht war von einem schlappigen Basthute halb verdeckt. Ein langer Bergstock in der rechten Hand hielt mit dem linken Fuss gleichen Takt. Das Ganze erweckte den Eindruck eines steif hinwandelnden, gefühllosen Automaten, während eine mächtige grüne Botanisierbüchse auf dem Rücken es wahrscheinlich erscheinen liess, dass der Mann ein Sammler war. Jedenfalls ein Original.

---

<sup>2</sup> p. 275-277.

## DOIS HOMENS, DOIS OLHARES<sup>2</sup>

Nos primeiros dias após a nossa chegada à Colônia, um senhor chamou a minha atenção. Todas as manhãs, às nove horas, ele atravessava o Stadtplatz sem pressa e a passos largos. Não olhava para a direita, nem para a esquerda, e até ignorava o cumprimento dos passantes. Sua aparência era tão incomum quanto seu comportamento.

Descalço, de sandálias, usava calças de algodão presas por um cinto escuro, que envolviam seu corpo esquelético. No cinto, um facão na bainha de couro. A camisa era folgada, deixando o pescoço e o peito à mostra. Tinha o rosto parcialmente coberto por um chapéu de palha molenga. Na mão direita um bordão comprido, que acompanhava o ritmo do pé esquerdo. Mais parecia um autômato sem sentimentos. Carregava uma caixa grande para ervas nas costas, indicando ser um coletor. Em todos os casos uma figura singular.

Informei-me sobre ele e soube que era um importante colaborador de Darwin. Este até se referia, em suas obras, a Fritz Müller, de Blumenau, como sendo o mais efetivo e o mais interessado de todos os pesquisadores de insetos, e ao qual ele (Darwin) e as Ciências Naturais deviam o maior reconhecimento, etc. Portanto: uma importante figura singular. Disseram-me que não era acessível, tampouco se importava com as pessoas. Isso despertou minha curiosidade para procurá-lo, e realmente consegui adentrar seu escritório.

Ele estava sentado diante de uma mesa grande - de superfície bem clara, devido à escovação - examinando besouros e os colocava em vidros contendo álcool. Deu uma olhada rápida e indicou a cadeira diante dele e disse em tom aborrecido que logo estaria pronto; ele havia feito alguns valiosos achados, que deveriam ser classificados primeiro.

Achei certo, assim tive tempo para observar bem sua cabeça.

---

<sup>2</sup> p. 275-277.

Ich erkundigte mich nach ihm und erfuhr, dass er ein bedeutender Mitarbeiter Darwins war. Dieser nenne den Dr. Fritz Müller in Blumenau in einem seiner Werke sogar den “zuverlässigsten und fleissigsten aller Insektenforscher”, dem er (Darwin) und die Naturwissenschaft zum grössten Dank verpflichtet sei usw. Also ein berühmtes Original. Er kümmere sich aber, sagte man mir, um keinen Menschen und sei für niemanden zugänglich. Das reizte mich erst recht, ihn aufzusuchen; und es gelang mir wirklich, Zutritt in sein Arbeitszimmer zu erlangen.

Er sass an einem grossen, weissgescheuerten Tische, Käfer untersuchend und sie in offene Spiritusgläser werfend. Nach einem flüchtigen Ausblick wies er auf einen ihm gegenüberstehenden Stuhl und sagte in mürrischem Tone, er sei bald fertig; er habe ein paar wertvolle Funde gemacht, die er erst unterbringen müsse.

Ich fand das ganz in der Ordnung und hatte Zeit, den Kopf des Mannes genau zu betrachten. Eine hohe, vorspringende Stirn liess den Hinterkopf klein erscheinen. Der Schnurrbart vermochte den breit ausgelegten Mund nicht zu verdecken. Die kleinen Augen waren bei der Betrachtung der Insekten fast zugekniffen. Ich hatte eine geistig geprägte, aber abstossende Persönlichkeit vor mir.

Mit einem lauernden Blicke wandte er sich zu mir. “Sie haben sich nicht gefürchtet, zu mir zu kommen?”

“Warum gefürchtet?” erwiderte ich. “Ich fürchte mich vor keinem Menschen.”

“So? Sie hätten besser getan, sich vor dem Dr. Blumenau zu fürchten und in Deutschland zu bleiben. – Ich weiss, dass Sie ein Orthodoxer sind, und die hasse ich!”

“Und ich weiss,” antwortete ich, “dass Sie ein namhafter Naturforscher sind, deren Einzelforschungen ich sehr hoch achte, deren philosophische Folgerungen daraus aber wertlos sind.”

“Geben Sie sich keine Mühe, mich zu bekehren,” erwiderte

Uma testa alta e saliente deixava parecer pequena a parte posterior da cabeça. O bigode não conseguia esconder a boca larga, os olhos pequenos estavam comprimidos ao contemplar os insetos. Eu tinha à minha frente uma personalidade de intelecto altamente desenvolvido, porém desagradável.

Com um olhar desconfiado voltou-se para mim.

– O senhor não teve medo de me procurar?

– Por que medo? Eu não tenho medo de ninguém.

– Mesmo? O senhor teria feito melhor temer o Dr. Blumenau e permanecer na Alemanha. Eu sei que é um ortodoxo, e estes eu odeio!

– Eu sei que o senhor é um naturalista de renome, cujas pesquisas eu respeito demais, mas também que as conclusões filosóficas referentes às pesquisas não têm nenhum valor.

– Não se esforce em me converter – respondeu irritado. Eu não acredito naquilo que o senhor chama de Deus; e o que define como espírito não é nada mais do que uma função do cérebro. O que o senhor chama de pecado são apenas ilusões. Eu não preciso de um Salvador. Eu concordo com Voltaire “Derrote o ignóbil” (Écrasez l’infâme). Tudo é matéria. Os padres são os maiores inimigos da humanidade.

Estas frases vazias que ele repetia não me impressionaram absolutamente. Eu pensava no Salmo: Os insensatos falam em seus corações: Deus não existe

Levantei dizendo o seguinte: “O senhor ultrapassa Darwin de longe, pois ele é amigo e provedor da missão cristã, que atua junto aos pagãos.”

- Resquícios tolos de sua educação inglesa, foi sua resposta.

- Eu apenas desejei conhecer o homem da Colônia mais conhecido no mundo. Sua veemência apenas confirma que o senhor ainda não encontrou a paz .

Com isso me despedi.

Pouco tempo depois, suas filhas se converteram ao catolicismo.

er mit heftiger Betonung. "Ich glaube nicht an das, was Sie Gott nennen; auch was Sie Geist nennen, ist nur eine Funktion des Gehirns. Was Sie Sünde nennen, sind Einbildungen. Ich brauche keinen Erlöser. Ich sage mit Voltaire: *Ecrasez l'infame*. Alles ist Materie. Die Priester sind die grössten Feinde der Menschheit."

Diese von seinesgleichen immer wiederholten, öden Phrasen machten natürlich nicht den geringsten Eindruck auf mich: Ich dachte an das Psalmwort: "Die Toren sprechen in ihrem Herzen: es ist kein Gott."

Ich stand mit den Worten auf: "Sie gehen also noch weit über Darwin hinaus, der ein Freund und Förderer der christlichen Mission unter den Heiden ist."

"Törichte Reste seiner englischen Erziehung," antwortete er.

"Ich hatte nur den Wunsch, den in der Welt bekanntesten Mann der Kolonie kennenzulernen. Ihre Heftigkeit beweist mir, dass Sie innerlich noch nicht fertig sind."

Damit verabschiedete ich mich.

Seine Töchter traten bald nachher zur katholischen Kirche über.

### PFARRER JACOBS BESUCH<sup>3</sup>

Wir hatten eine Wohnung in der Nähe der katholischen Kirche bezogen und sassen eines Abends gemütlich beieinander, ohne uns zu unterhalten. Die Hängelampe brannte so hell, dass wir Alten und die Erzieherin lasen, die Kinder Handarbeiten dabei machten. Klein Eva schlief schon.

Da tat sich, zugleich mit einem kräftigen Anklopfen, die Tür auf, und in ihrer Oeffnung stand in der Hauskleidung eines katholischen Priesters der Pfarrer Jacobs.

---

<sup>3</sup> p. 277-281.

### VISITA DO PADRE JACOBS<sup>3</sup>

Nossa moradia ficava nas imediações da Igreja Católica. Certa noite, nós estávamos reunidos bem aconchegados e em silêncio. Nós, os mais velhos, e a governanta líamos à luz clara da lamparina, enquanto as crianças se entretinham com trabalhos manuais. A pequena Eva já dormia.

A porta se abriu devido às fortes batidas e na soleira se encontrava o Padre Jacobs em seu hábito do dia-a-dia:

– Façam-me o favor e permaneçam sentados assim, eu quero gravar em minha memória a cena de uma família alemã requintada. Isso há muito tempo não havia visto. Bem, agora permitam apresentar-me.

Já o conhecíamos de vista. Eu já o havia procurado, porém não o encontrara.

Galantemente, ele cumprimentou primeiro as mulheres, depois cada um de nós com um aperto de mão, proferindo algumas palavras agradáveis, assim, como um homem acostumado a se movimentar em meio à nobreza. Ficamos admirados com seu comportamento impecável.

Dirigiu-se à minha esposa dizendo:

– Desculpem eu vir num momento inoportuno. Mas, da escadaria da Igreja, eu vi a luz da lamparina e algumas pessoas sentadas. Isso sensibilizou o homem solitário. Eu não consegui retornar à sala de estudos. Permitam-me cumprimentá-los como vizinho.

O timbre da voz era suave, porém vigoroso, a boca muito pequena, o queixo acentuado e enérgico, os olhos grandes e escuros. Os traços do rosto magro indicavam muita reflexão e muito sofrimento.

Minha mulher, impressionada com a aparência e com o comportamento do simpático visitante, respondeu afavelmente:

---

<sup>3</sup> p. 277-281.

“Erweisen Sie mir die Liebe und bleiben Sie alle so sitzen,” sagte er, “ich möchte meinem Gedächtnis das Bild einer feinen deutschen Familie einprägen, das ich seit langer Zeit nicht gesehen habe. So – und nun gestatten Sie mir, dass ich mich Ihnen vorstelle.”

Von Ansehen kannten wir ihn schon. Ich hatte ihm auch meinen Besuch gemacht, ohne ihn jedoch anzutreffen.

In den sicheren Formen eines Weltmannes begrüßte er zuerst die Hausfrau und dann jeden von uns, seinem Händedruck ein paar freundliche Worte hinzufügend, wie ein Mann, der gewohnt ist, sich auf dem Parkett eines fürstlichen Hauses zu bewegen. Wir waren erstaunt über die wirklich vornehme Art seines Benehmens.

Mit den Worten: “Verzeihen Sie, dass ich zu einer so unpassenden Stunde komme,” wandte er sich an meine Frau. “Aber ich sah von der Kirchentreppe den Lampenschein und einige stillsitzende Köpfe. Da packte es mich einsamen Mann. Ich mochte nicht in meine Studierstube zurückkehren. Gönnen Sie es mir, Sie nachbarlich zu begrüßen.”

Der Ton der Stimme war weich, aber männlich, der Mund auffallend klein, das Kinn stark ausgebildet und energisch, die Augen gross und dunkel. Die Züge des glatten, hageren Gesichtes verrieten viel Nachdenken und viel durchgekämpftes Leid.

Meine Frau, von der Erscheinung und dem Benehmen unseres Besuches sympatisch berührt, erwiderte freundlich: “Das soll ein Wort sein, Herr Pfarrer! Wir wollen gute Nachbarschaft miteinander halten! Wir lernen schon als kleine Kinder bei der Auslegung der vierten Bitte, dass “gute und getreue Nachbarn” zum täglichen Brot gehören.”

“Ja, ihr Lutheraner,” wandte er sich an mich, “habt im kleinen Lutherschen Katechismus einen grossen Schatz, den vollendetsten Ausdruck des Glaubens in der volkstümlichsten Form. Schade, dass das vierte Hauptstück vom Allerheiligsten Sakrament, fast, aber nicht ganz, richtig ist, sonst würde ich alles vom Anfang bis zum Ende unterschreiben.

– Assim será, Sr. Padre! Manteremos uma boa relação entre vizinhos! Na infância, já aprendemos através da explicação da quarta petição, que “bons e fiéis vizinhos” fazem parte do pão nosso de cada dia.

Então dirigiu-se a mim e disse:

– Vocês, luteranos, têm um grande tesouro em seu Catecismo Luterano, a mais perfeita expressão na forma popular. Lamento que o ponto principal da quarta petição do Santíssimo Sacramento não seja totalmente correto, embora quase o seja, não fosse por isso eu assinaria tudo do início ao fim. Apenas não me agradam as extensas e distintas interpretações dogmáticas nos catecismos em muitos países. Para que serve colocar mais água em uma fonte poderosa?

Respondi:

– Admira-me que o senhor esteja tão bem a par de tudo. Para mim é novidade que o senhor se ocupe com isso e – que possa se ocupar.

Minha esposa acrescentou:

– No que se refere à quarta petição, acho que estamos mais próximos da Igreja Católica do que dos Reformados.

Ele retrucou:

– Espero que ainda muitas vezes possamos conversar sobre esses temas, pois estes são os maiores problemas do espírito e da vida. Mas devo-lhes uma explicação, pois como Prelado Papal eu posso ler todos os escritos dos opositores sem licença do Colegiado, porque eu mesmo posso absolver-me.

Achei estranho este último comentário; enigmático um título assim à beira da mata virgem brasileira. Também não escondi minha surpresa.

Comentou:

– É apenas um título, mas não se usa. Eu não sou nada mais do que um simples sacerdote, um entre milhares. Entendo que o senhor

Nur die breiten, dogmatischen Auslegungen in den vielen verschiedenen Landeskatechismen mag ich nicht leiden. Wozu dient es, in eine kräftige Quelle Wasser zu schütten?”

“Ich wundere mich,” antwortete ich, “dass Sie das alles so genau kennen. Es ist mir neu, dass Sie sich damit beschäftigen und – beschäftigen dürfen.”

“Und ich,” fügte meine Frau hinzu, “finde, dass wir Ihnen im vierten Hauptstücke näher stehen, als den Reformierten.”

“Ich hoffe, dass wir uns noch oft über solche Themata unterhalten werden,” sagte er. “Es sind die höchsten Fragen und Probleme des menschlichen Geistes und Lebens. Aber ich bin Ihnen die Erklärung schuldig, dass ich als ‘päpstlicher Hausprälat’ alle gegnerischen Schriften ohne Lizenz des höchsten Kollegiums lesen und ‘mich selbst dabei absolvieren’ darf.”

Diese letzte Aeusserung kam mir sonderbar vor; rätselhaft am Rande des brasilianischen Urwaldes der Titel. Ich verbarg auch mein Erstaunen nicht.

“Das ist nur ein Titel,” erwiderte er, “den man nicht führt. Ich bin in der Welt nichts anderes, als ein gewöhnlicher Priester, einer von vielen Zehntausenden. – Ich verstehe, dass Sie bei unserm ersten Zusammentreffen das Eingehen auf religiöse Fragen und Differenzen zu vermeiden wünschen, und dass Sie Ihren Besuch zu Worte kommen lassen möchten.”

“Ganz richtig, Herr Pfarrer, aber ich leugne auch nicht, dass Sie mich neugierig gemacht haben, mehr aus Ihrem Leben zu erfahren. Wir hörten hier bis jetzt nur, dass Sie Jesuit seien.”

“Ja! Ich rühme mich, Mitglied der ‘Gesellschaft Jesu’ zu sein,” sagte er mit Nachdruck und fuhr, immer lebhafter werdend, fort: “Ich bin so einer, der in der Wolle gefärbt ist, durch und durch überzeugt von der hohen weltgeschichtlichen Aufgabe unseres Ordens. Schüler des Jesuitenkollegiums in Rom, dann Professor des Kirchenrechtes, wurde ich bestimmt, der Erzieher der Söhne des Herzogs von Montpensier zu werden. Sieben Jahre lebte ich als solcher in Paris und auf dem Lande,

no nosso primeiro encontro evite discutir perguntas e diferenças religiosas e quer que seu visitante tenha a palavra.

– Está certo, Padre, mas eu não nego que o senhor me deixou curioso em saber mais de sua vida. Até agora somente sabemos que é um Jesuíta.

– Sim, eu me orgulho de ser um membro da Ordem dos Jesuítas, falou com ênfase, e mais entusiasmado disse: “Todo o meu ser está convencido da grande missão universal de nossa Ordem. Fui aluno do Colégio Jesuíta de Roma e Catedrático do regime eclesiástico, depois fui designado como preceptor dos filhos do Príncipe de Monpensier. Desse modo vivi durante sete anos no campo, acompanhava meus pupilos nas longas viagens pela Europa, conheci praticamente todas as cortes dos Príncipes da Igreja Católica, voltei a Roma e recebi como única recompensa esse título, com a incumbência de ir para os Estados Unidos como dirigente de uma de nossas Missões. Exerci este cargo, aproximadamente, durante dez anos. Nossa tarefa consistia em lutar o quanto fosse possível contra a propaganda protestante. Para o senhor não faço segredo algum. O Sínodo Luterano do Missouri oferecia a maior resistência. Eu estudava todos os escritos dos adversários para deixar o espírito dos irmãos bem aguçados, então escolhia os companheiros mais inteligentes e os instruía rigorosamente sobre a diferença dos escritos, a fim de aplicarem este conhecimento em suas prédicas e palestras. Como Prelado Papal e Catedrático, eu estava autorizado a ler a Bíblia Luterana e todo o Confessionário. Nos ensaios dos debates, eu figurava como um luterano ortodoxo ferrenho perante meus irmãos. E essa foi a minha desgraça. Não ao tratar sobre o Dogma da Fé, mas ao justificar o motivo histórico dos Protestantes contra a sucessão de Pedro e contra o domínio secular dos Papas.”

A voz do visitante se tornava mais baixa.

begleitete dann meine Zöglinge auf weiten Reisen durch Europa, lernte fast alle Höfe der katholischen Fürsten kennen, kehrte nach Rom zurück und erhielt als einzige, aber hohe Belohnung jenen Titel, zugleich mit dem Befehl, als Leiter einer unserer Missionsanstalten nach Nordamerika zu gehen. Etwa zehn Jahre habe ich dieses Amt bekleidet. Unsere Aufgabe bestand darin, die starke protestantische Propaganda nach Möglichkeit zu bekämpfen. – Ich mache, auch Ihnen gegenüber kein Hehl daraus. – Am festesten gesattelt gegen uns war die lutherische Missouri-Synode. Um die von mir geleiteten Brüder recht kampftüchtig zu machen, studierte ich die Schriften der Gegner und führte meine ausgesucht begabten Streitgenossen für ihre Predigten und Vorträge gründlich in die Unterscheidungslehren ein. Ich durfte ja als päpstlicher Hausprälat und Professor die Bibel in der Lutherischen Übersetzung und alle Bekenntnisschriften lesen. In Diskutierübungen mit meinen ‘Brüdern’ tat ich so, als ob ich ein orthodoxer Lutheraner vom reinsten Wasser wäre. Das wurde mein Verderben. Nicht bei der Behandlung der Glaubenslehren, aber als ich die geschichtlichen Gründe der Protestanten gegen die Nachfolge Petri und gegen die weltliche Herrschaft der Päpste mit dem Scheine des Rechten vortrug.”

Die Stimme unseres Gastes wurde immer leiser.

“Bald nachher nach Rom berufen, rechtfertigte ich mein Verhalten, erhielt keinen Tadel, aber den Befehl, hierher zu gehen. Ich wusste, was das bedeutete. Die Verbannung! Ich stand wohl anderen im Wege. Es ist gut so für meinen inwendigen Menschen – – meine hochfahrenden Pläne mussten zerschlagen werden. – – “Herr, wenn du mich demütigst, machst du mich gross” – – aber noch bin ich sehr klein. Elias unter dem Wachholderbaum. Er kehrte dann ins Leben zurück – ins hochflutende Leben kehrte er zurück – – ! Ich weiss nur, wo ich begraben werde. Einen Feind habe ich immer noch nicht überwunden. Das ist die Einsamkeit. In der Stunde, in welcher ich in den Orden eintrat, verlor ich den Vater und die geliebte Mutter, zwei Brüder und eine Herzensschwester. Ich habe geschworen, sie nicht mehr zu kennen. Ob sie

"Pouco tempo depois fui chamado a Roma, justifiquei minha atitude, não fui repreendido, mas em seguida recebi a ordem de vir para cá. Eu sabia o que isso significava. Era o exílio! Certamente, estava no caminho de outras pessoas. No entanto, foi bom para meu interior – meus planos presunçosos desmoronaram. “Senhor, se Tu me humilhas maior me fazes”, – mas no momento ainda sou muito pequeno. Como Elias sob o arbusto de zimbro: “Então ele retornou à vida, para uma vida enlevada!” Eu somente sei onde serei sepultado. Porém ainda não consegui vencer um inimigo: a solidão! No momento em que entrei para a Ordem, perdi meu pai, minha amada mãe, dois irmãos e uma irmã do coração. Jurei não os ver nunca mais. Será que ainda vivem? Sem família, sem terra natal, sem pátria!”

Então ergueu sua cabeça do peito:

“Agradeço que pude participar desta bela vida em família e, também, que finalmente pude desabafar. Então: à boa vizinhança!”

Estávamos profundamente comovidos com o que ouvimos.

Mantivemos amizade com o Padre Jacobs. As divergências mais acirradas não interferiram no bom relacionamento. Discutíamos sobre a adoração dos Santos, ele naturalmente rejeitava minha opinião, devido ao que constava expresso no Catecismo Romano; sobre a Justificação apenas pela fé; sobre o Purgatório e sobre as Indulgências.

Quando nos despedimos, o presenteamos com uma caixa de livros. No fundo da caixa eu deixei alguns volumes contendo resumos dos escritos de Lutero.

Agora faz tempo que ele descansa em paz. Que a luz eterna o ilumine!

Dois homens, dois olhares distintos sobre o mundo, lado a lado à beira da mata virgem brasileira.

noch leben? Keine Familie, keine Heimat, kein Vaterland!" Da richtete er sein auf die Brust gesunkenes Haupt auf.

"Ich danke Ihnen, dass ich in ein schönes Familienleben hineinsehen durfte, und dass ich mich endlich einmal aussprechen konnte. Also: Auf gute Nachbarschaft!"

Wir waren tief ergriffen durch den Einblick in solches Leben.

In Freundschaft sind wir mit dem Pfarrer Jacobs verbunden geblieben. Die stärksten Meinungsverschiedenheiten haben das gute Verhältnis nicht gestört. Wir stritten über die Anbetung der Heiligen, die er nach dem Wortlaut des Catechismus romanus natürlich verwarf; über den Marienkultus, den ich als die schlimmste Form des Heidentums erklärte; über die Rechtfertigung durch den Glauben allein; über Fegefeuer, Ablass usw.

Als wir abreisten, schenkten wir ihm eine Kiste mit Büchern. Auf den Boden der Kiste hatte ich einige Bände Auszüge aus Luthers Schriften gelegt.

Nun ist er längst zur Ruhe eingegangen. Das ewige Licht leucht ihm! — — —

Zwei Männer und zwei Weltanschauungen nahe beieinander, auch am Rande des brasilianischen Urwaldes.



Associação de moradores  
EM BLUMENAU

## ASSOCIAÇÃO DE MORADORES EM BLUMENAU: CONTINUIDADES E MUDANÇAS NA PRÁTICA DA DEMOCRACIA

Edinara Terezinha de Andrade\*  
Lahra Neves Batista\*\*

### RESUMO

Nas décadas de 1970/1980 o Brasil passa por um processo de reformulação, possibilitando para os estados e municípios maior autonomia, possibilitando a democratização das políticas públicas e participação da sociedade civil em decisões e questões públicas. Neste cenário, movimentos sociais propõem inovações para políticas do setor. Dentre estes movimentos pode-se citar o surgimento das Associações Comunitárias. Este estudo contribui com a continuidade de uma análise que aborda a questão do associativismo civil de Blumenau, incorporando também o papel do legislativo municipal e sua relação com as associações de moradores no contexto das inovações democráticas. O objetivo deste trabalho foi analisar como se caracterizou a relação entre o associativismo comunitário em Blumenau, expresso pelas associações de moradores, e o poder legislativo municipal. Os objetivos específicos foram: Verificar como o poder legislativo vem cumprindo

---

Foto de abertura: Rafaela Martins.

- \* Doutora em Ciência Política, Mestre e Sociologia Política, Professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Regional de Blumenau, Pesquisadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Movimentos Sociais (NEPEMOS) e Coordenadora da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/FURB). E-mail: edinara@furb.br
- \*\* Acadêmica do Curso de Ciências Sociais da Universidade Regional de Blumenau (FURB). É bolsista da pesquisa de Iniciação Científica, da qual originou este artigo. E-mail: lahrabatista@hotmail.com

seu papel de representante da população no olhar do associativismo comunitário em Blumenau; caracterizar a relação entre vereadores e associações de moradores na busca por soluções de demandas do município após abertura para participação popular nas deliberações governamentais – CODEB e Conselhos de Gestores de Políticas; compreender de que forma aconteceu o encaminhamento das demandas das associações de moradores junto ao poder legislativo; apreender em que medida pode-se observar o fortalecimento e autonomia das associações de moradores frente ao poder público municipal e em especial ao legislativo em Blumenau. Para investigar a questão proposta, tomou-se como base a revisão bibliográfica, levantamento de documentação, saídas de campo, constituindo uma pesquisa com caráter qualitativo e quantitativo.

Palavras-Chaves: Associações de Moradores, Blumenau, Participação.

## 1 INTRODUÇÃO

Nas décadas de 1970 e 1980, o Estado brasileiro passa por um processo de reformulação, possibilitando para os estados e municípios maior autonomia, ocorrendo também a democratização das políticas públicas, o que possibilitou a participação da sociedade civil em decisões em questões públicas. É neste cenário que os movimentos sociais propõem inovações para as políticas do setor público. Dentre estes movimentos pode-se citar o surgimento das Associações de Comunitárias.

A presente pesquisa teve como objetivo principal analisar como vem se caracterizando a relação entre o associativismo comunitário em Blumenau, expresso pelas associações de moradores, e o poder legislativo municipal, na construção de uma gestão pública democrática. Dentre os objetivos específicos destacam-se: Verificar como o poder

legislativo vem cumprindo seu papel de representante da população no olhar do associativismo comunitário em Blumenau; caracterizar a relação entre vereadores e associações de moradores na busca por soluções de demandas do município após abertura para participação popular nas deliberações governamentais – CODEB e Conselhos de Gestores de Políticas; compreender de que forma vem acontecendo o encaminhamento das demandas das associações de moradores junto ao poder legislativo; apreender em que medida pode-se observar o fortalecimento e autonomia das associações de moradores frente ao poder público municipal e em especial ao legislativo em Blumenau.

Para cumprir com tais objetivos, iniciou-se a pesquisa com a revisão bibliográfica com o intuito de conhecer o que já havia sido escrito sobre o tema proposto no projeto, assim como buscar mais informações sobre as Associações de Moradores e suas características. Depois se partiu para coleta de dados em matérias jornalísticas, e outras fontes bibliográficas, para depois se iniciar a pesquisa empírica. Inicialmente foram realizadas entrevistas com os gerentes comunitários da Secretaria de Ação Comunitária (SEMAC). A segunda etapa de entrevistas foi realizada junto aos presidentes das Associações de Moradores.

É necessário, neste artigo, justificar que as entrevistas realizadas junto às Associações de Moradores foram afetadas pela catástrofe ocorrida em Blumenau no mês de novembro de 2008. Seriam entrevistados, conforme previa o projeto de pesquisa, uma amostra de 10% das Associações que surgiram após o ano de 1997, o que daria um universo de seis associações. As entrevistas foram agendadas para serem realizadas no mês de novembro. No entanto, em função do desastre sócio-ambiental ocorrido em nossa cidade no referido mês, se optou por aguardar até que a cidade retomasse o seu ritmo, para então redefinir os representantes das Associações a serem entrevistados. O novo critério de escolha foi saber quais os presidentes que atuaram com

mais vigor após o período da catástrofe, e destes foram entrevistados cinco, em função do pouco tempo restante para o término da pesquisa.

O presente artigo então tratará das questões democráticas, conceito de sociedade civil, associação de moradores e o surgimento das mesmas em Blumenau, o conceito de clientelismo e como ele influencia na relação entre poder público e associação de moradores. O artigo abordará também as principais questões apresentadas pelos entrevistados e por fim algumas considerações.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 Construção Democrática

Dagnino (2002) aponta que no artigo 1º da Constituição de 1988, a participação passa a ser um princípio mais abrangente, deixando de ser apenas o direito ao voto. Os primeiros discursos sobre participação da sociedade civil no Brasil partiram de concepções elitistas de democracia. Isto ocorreu em meados dos anos oitenta. O tema ganhou forte influência dos movimentos sociais da época. Este princípio inspirou projetos como Orçamento Participativo em Prefeituras administradas pelas coligações da Frente Popular, tendo o PT como principal partido desta frente.

Neste trabalho se entenderá por democracia a definição que coloca Bobbio:

[...] quando se fala em democracia, entendida como contraposta a todas as formas de governo autocrático, é o de considerá-la caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecessem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos. Todo grupo social está obrigado a tomar decisões vinculatórias para todos os seus membros com o objetivo de prover a própria sobrevivência, tanto interna como externamente. Mas até mesmo as decisões de grupo são tomadas por indivíduos (o grupo como tal não o decide) (BOBBIO, 1986, p.18)

A Relação entre Estado e Sociedade Civil é sempre permeada por conflitos, que podem ser explicados pelos diferentes projetos políticos em que cada uma das partes está envolvida. Segundo Dagnino (1994), a cidadania ganha um novo caráter, onde os excluídos lutam pelo seu reconhecimento e pelo que julgam seus direitos. Para garantir este nova cidadania precisa-se garantir a participação efetiva dos sujeitos sociais. Isto se torna difícil na lógica neoliberal que vê no mercado a única forma de regular a sociedade.

Nas décadas de 1970 e 1980 o Estado brasileiro passa por um processo de reformulação, possibilitando para os estados e municípios maior autonomia. Ocorrendo também a democratização das políticas públicas, que possibilitou a participação da sociedade civil em decisões em questões públicas. É neste cenário que os movimentos sociais propõem inovações para as políticas do setor público. Dentre estes movimentos pode-se citar o surgimento das Associações de Comunitárias.

Se nos anos 80, movimentos sociais, sindicatos, partidos de esquerda, e outros setores da sociedade civil se organizaram, tomaram fôlego, assim como tomou forma a aspiração de uma sociedade justa e igualitária, que adquiriu contorno sob a forma de direitos, espalhando-se no espaço público e materializando-se em conquistas importantes sedimentadas na Constituição de 1988, traduzidas na construção de espaços públicos múltiplos (fóruns, conselhos de direitos...) de representação de sujeitos coletivos reconhecidos como interlocutores válidos, seja no cenário local, regional, estadual e nacional. No início dos anos 90, temos uma sociedade reorganizada, com direitos políticos e sociais reconhecidos. Nesta conjuntura, as formas de luta dos movimentos sociais ultrapassam o caráter meramente de contestação da ordem estabelecida, para um novo patamar: o de negociação com o estado. (RIBEIRO, 2005, p.128-129)

Ribeiro (2005) aponta ainda que a Constituição de 1988 trouxe “novos direitos” como o das mulheres, dos operários, entre outros. Assim, a concepção de democracia vai se moldando para uma cultura

democrática. Esta traria o reconhecimento do direito próprio e de terceiros. E esta transformação estará presente na pauta de discussão dos Movimentos Sociais no fim da década de 1980 e início da década de 1990. Esta década fica marcada então por um novo cenário social e político, sendo os movimentos sociais grandes atores deste período, uma vez que causaram polêmicas e receberam visibilidade na mídia. Isto pode ser visto no levantamento de matérias jornalísticas sobre Movimentos Sociais feita por Ribeiro (2005), a qual comprova que nos jornais de grande circulação de Santa Catarina, de 408 matérias jornalísticas encontradas na região de Blumenau, 219 destas matérias eram de Associações de Bairros. Comprovando assim que as Associações de Bairro ou de Moradores tinham presença no contexto local.

## 2.2 Conceito de Sociedade Civil

Segundo Pinheiro (2005), o conceito de sociedade civil pode assumir várias conotações; isto depende da posição teórica que se assume. Este conceito tem longa história dentro do campo da política e como nenhuma definição é neutra, ela reflete um momento histórico, um ambiente cultural e social. Hobbes, Locke, Rousseau e Ferguson, por exemplo, colocam a sociedade civil como oposição à instituição do Estado. Hobbes vai se diferenciar dos demais autores, por colocar o papel da propriedade privada como fator para o desenvolvimento da sociedade civil. Ao se aproximar o fim do século XVIII, a associação entre sociedade civil fazendo surgir a economia capitalista, foi estudada por autores como Adam Smith e Karl Marx. Para eles a sociedade civil estava ligada à divisão do trabalho.

Pinheiro coloca ainda que,

Hegel é outro autor relevante para a presente discussão. De acordo com este autor, a sociedade civil (*bürgerliche Gesellschaft*) era constituída por associações, comunidades e corporações que teriam um papel normativo e so-

ciológico fundamental na relação entre os indivíduos e o Estado (PINHEIRO, 2005, p. 80).

Em função disto, explica a autora, os atores interagem entre si e detinham o direito à propriedade, mas este direito era mediado pelo Estado. É oportuno fazer menção aos estudos de Alexis de Tocqueville, que, apesar de não citar o conceito de sociedade civil, estudou temas como as associações e auto-organizações. Em seu estudo acerca da democracia nos Estados Unidos, Tocqueville argumenta que a garantia das liberdades individuais era encontrada naquilo que ele chamava de meios democráticos, que incluíam autogoverno local, separação entre Igreja e Estado, imprensa livre, eleições indiretas, judiciário independente e, acima de tudo, uma “vida associacional”. (PINHEIRO, 2005: 81). O conceito sociedade civil hoje tem quatro matrizes teóricas que são: matriz neotocquevilliana; matriz neoliberal; matriz habermasiana; matriz gramsciana.

No Brasil a sociedade civil é profundamente marcada pela experiência com o regime autoritário. Segundo Dagnino (2002), a luta contra o autoritarismo foi tão significativa ao ponto de estudiosos considerarem a partir de então a fundação da sociedade civil no Brasil, já que antes deste fato não havia autonomia frente ao Estado. Para resistir ao Estado autoritário a sociedade civil se organizou e se unificou como “um único movimento contra o Estado”, gerando uma visão de que a sociedade civil era uma só e não possuía diferentes camadas. Com a construção democrática, diz Dagnino (2002), surgiram novos partidos políticos com diferentes visões e também projetos políticos diferenciados, o que possibilitou quebrar a visão de que havia uma sociedade civil homogênea. Mas a autora alerta:

Esse processo de democratização, que se inicia com as lutas contra a ditadura militar e se estende aos nossos dias, sem previsão quanto ao seu término, não é linear, mas deve ser entendido como desigual no seu ritmo, nos seus efeitos sobre as diferentes áreas da vida social e política, combinando avanços, estagnação e até mesmo retroces-

sos. Esse entendimento permite dar conta da complexa dinâmica que apresenta a construção da democracia como um processo multifacetado que resulta da disputa entre distintos projetos políticos que, no interior da sociedade civil e dos diversos níveis do aparato estatal, confrontam distintas concepções sobre a própria natureza e os limites desse processo. (DAGNINO, 2002: 10)

## 2.3 Associação de Moradores

Para Warren, as associações de moradores entrariam na categoria de Associações Cívicas, sendo que a mesma as define como “formas organizadas de ações coletivas, empiricamente localizáveis e delimitadas, criadas pelos sujeitos sociais em torno de identificações e propostas comuns, como para a melhoria da qualidade de vida, defesa de direito de cidadania, reconstruções comunitárias, etc.” (1999, pág. 15). Nesta definição incluem-se também as Organizações Não Governamentais (ONGs), os grupos de jovens, de mútua ajuda, as ecologistas entre outros.

Entretanto, a autora alerta que o conceito de Associativismo Civil não pode ser confundido com o conceito de Movimento Social, que segundo ela seria:

um conjunto mais abrangente de práticas sócio-político-culturais que visam à realização de um projeto de mudança (social, sistêmica ou civilizatória), resultante de múltiplas redes de relações entre sujeitos e associações cívicas. É o entrelaçamento da utopia com o acontecimento, dos valores e representações simbólicas com o fazer político, ou com múltiplas práticas efetivas. Pode-se falar de movimentos pela paz, ecológico, feminista, negro, de direitos humanos, de democratização da esfera pública, de combate à pobreza ou exclusão social, e assim por diante. Portanto, movimento social é a síntese de múltiplas práticas, produto das articulações entre os sujeitos e associações cívicas. (WARREN, 1999, p. 15-16).

Através do processo de industrialização, Hillesheim (2000) analisa o surgimento dos Movimentos Sociais em Blumenau, colocando que a indústria assim como o processo de industrialização através da

ideologia esconde a realidade existente, negando também o social. Assim, a realidade do espaço urbano vai se definindo através de um jogo de interesses comandado pela classe economicamente dominante, ou seja, de interesses particulares. Então a cidade torna-se um paradoxo, de um lado o crescimento econômico e de outro a miséria. Uma característica deste paradoxo é que nos espaços ocupados pelas classes sociais mais elevadas existe a presença de serviços públicos, nos outros espaços há a ausência destes serviços. Nestas carências geradas pela urbanização, coloca Hillesheim (2000), é que vão aparecer os movimentos sociais para tentar buscar recursos e suprir estas carências, surgindo com isto as Associações de Moradores.

As primeiras associações de moradores que surgiram no Brasil datam da década de 40 e hoje estão presentes por todo o país. O rápido crescimento das cidades, o processo de democratização, os problemas que o sistema capitalista traz, são alguns fatores que impulsionaram o surgimento destas organizações. De alguma maneira, o surgimento destas organizações influenciou a gestão das cidades.

Em Blumenau as AM surgiram em função das necessidades da população, mas principalmente por incentivo do poder público. Com isto, as lideranças do movimento não construíram uma noção de democracia e participação na esfera pública, tornando-se “presas fáceis” dos governos locais. Aqui a maioria das Associações de Moradores está de alguma maneira vinculada ao poder municipal. O desafio das mesmas, então, é transformar as reivindicações pontuais em elementos para elaboração de políticas públicas. Na cidade alguns estudos (ANDRADE, 1995 e HILLESHEIM, 2000) apontaram a Associação Santos Dumont (Bairro Garcia) como a primeira a surgir na cidade. A segunda associação a se formar foi a da Vila Iná também no bairro Garcia. No ano de 1988, acontece uma “explosão” de Associações de Moradores, fato este que se explica pelo Programa do Leite (Governo Sarney), considerando que naquele programa as Associações de Moradores

foram incumbidas de repassar os tickets de leite para as famílias. Outro fato que proporcionou o surgimento das mesmas neste ano foram as eleições municipais, pois muitos candidatos viram nas associações uma forma de garantir votos. Em 1989, surgem 15 novas associações, já que o discurso do governo municipal era priorizar as reivindicações destas organizações. Na prefeitura, em 2000, foram contabilizadas 105 Associações de Moradores. Verifica-se que, em Blumenau, as Associações de Moradores tiveram sua origem vinculada quase sempre ao poder público.

Segundo Warren (1999), as associações civis participam na gestão das políticas sociais, principalmente após a ditadura no Brasil. Nesta época as Associações Civis buscam o diálogo com o governo, mais especificamente com o governo local. As principais atividades em que os sujeitos sociais estão presentes na esfera pública foram: fiscalização de recursos usados nas políticas sociais; participação em campanhas contra a fome e a miséria entre outros; na realização de programas de conscientização e educativos em locais específicos e em fóruns onde auxiliam na formulação de políticas sociais e políticas públicas.

A autora coloca que a relação entre Estado e sociedade civil tem algumas dificuldades, referindo-se à cultura política, pois o poder público tende a práticas políticas tradicionais, e a sociedade civil apresenta pouca experiência organizacional. Acrescenta Warren, que por parte do Estado as principais dificuldades são: rivalidade partidária, clientelismo, falta de transparência nas decisões, atrelamento a interesses privados, além dos percalços no funcionamento da administração pública e a burocratização. Em relação ao associativismo civil, a autora aponta: a falta de experiência; a dificuldade de trazer os cidadãos para participar das associações; a falta de abertura para a participação da população na gestão pública. Todas estas questões dificultam o aparecimento de representantes da sociedade civil que possam auxiliar na formulação de propostas.

## 2.4 Clientelismo

A palavra clientelismo tem em sua raiz etimológica vários significados. Mas como coloca Andrade (2005), esta palavra tem uma conotação que está diretamente ligada à dominação e à dependência econômica. A autora acrescenta:

[...] a construção linguística da palavra clientelismo tem demonstrado que serve para identificar múltiplos fenômenos diferentes cuja conexão está na relação de troca que se produz entre as partes afetadas. As condições que permeiam essa troca, a margem de liberdade de que gozam os que a praticam, as condições econômicas, sociais e políticas, o tipo de relação entre os atores implicados, ou seja, as condições micro e macro, resultam em um clientelismo diferente em cada situação. (ANDRADE, 2005, p. 79).

Os estudos sobre clientelismo existem nas Ciências Sociais desde 1960, sendo que os mesmos revelaram que as relações interpessoais se fazem tão necessárias quanto os grupos organizados através da participação ou com alguma ligação ideológica. E isto influencia na atividade política. (ANDRADE, 2005, p.80) As formas de relações interpessoais precisam ser estudadas, pois estas vão ser manifestas nas formas de clientelismo existentes no Brasil, que são: o clientelismo tradicional e o clientelismo de quadros (ou de partido) e o clientelismo de massas (ou comunitário).

Por clientelismo tradicional, coloca Andrade (2005):

[...] entende-se a mediação ou micro fundamento que institucionaliza um tipo de relação na qual o proprietário de terras (coronel) estabelece sua clientela com o objetivo de manter o poder político. Para isso, mantém com a população uma relação direta sem intermediários, permeada pela troca de favores e benesses, gerando, assim, o apadrinhamento (da clientela) e conseqüente lealdade política dos apadrinhados. (ANDRADE, 2005, p. 94).

Esta definição, segundo a autora, foi usada, principalmente, por antropólogos para se referir às comunidades rurais, onde o sistema capitalista não havia se instalado por completo. Andrade (2005) menciona

o autor Powell, considerando que este afirma que a questão do clientelismo tradicional tem algumas características como: a relação desigual entre partes no que se refere às questões econômicas e sociais, para o bom relacionamento entre as partes é necessária a manutenção da reciprocidade e esta relação repousa sobre o contato face a face entre as partes envolvidas.

O clientelismo de quadros é definido por Andrade como:

[...] caracterizado como um tipo de relação entre quem detém o poder político e os usuários das políticas públicas com uma mediação mais competitiva do que no clientelismo tradicional, ou seja, a relação se estabelece a partir de intermediários instituídos pelo chefe político como representantes de uma determinada população ou comunidade. (ANDRADE, 2005, p. 108).

Sobre o clientelismo de quadros, a autora argumenta que, além das características colocadas por Powell, cientistas políticos acrescentaram alguns fatores que possibilitam verificar em que medida se dá a relação patrão-cliente. Seriam eles: extensividade da relação, durabilidade, grau de afetividade e tipo de negociação que envolve esta relação. Estas variáveis permitem que a relação patrão-cliente se apresente de formas diferentes, levando em consideração questões sociais, políticas e econômicas. É possível perceber, então, que o clientelismo tradicional tem relações entre patrões e clientes baseado na dependência e afeto por ambas as partes, e no clientelismo de quadros surgem novas camadas sociais que fazem a função do “patrão” como advogados, autoridade locais, entre outros.

Em relação ao clientelismo de massas, a autora coloca que o mesmo é um instrumento a serviço de múltiplos interesses dos quais derivam as suas consequências. No que se refere a esse aspecto, ela entende clientelismo de massas como:

a consequência de uma relação pessoal de intercâmbio (troca) que se estabelece de forma voluntária e legítima, dentro da legalidade, entre os que podem ocupar e ocupam algum cargo público e os que desejam acessar os ser-

viços ou recursos públicos em que é mais difícil ou, até, impossível alcançar, a não ser por esse vínculo ou relação. Trata-se de um intercâmbio (troca) extrínseco entre partes que beneficia a ambas porque sua situação de desigualdade funcional não afeta a troca que as duas partes requerem para alcançar seus fins. (ANDRADE, 2005, p. 125).

## **2.5 Relação Associações de Moradores e Poder Público de Blumenau**

Após ser feita a revisão bibliográfica sobre o tema proposto por esta pesquisa, partiu-se então para a pesquisa empírica. A mesma se realizou na forma de entrevistas com representantes da Secretaria de Ação Comunitária (SEMAC) e alguns Presidentes de Associações de Moradores, entre eles os da Fortaleza, Pedro Krauss, Vila União, Rua das Missões.

As entrevistas foram divididas em blocos. O primeiro trazia perguntas referentes à identificação do entrevistado como: nome, idade e profissão. O segundo bloco de perguntas tratava sobre a Associação de Moradores e abordava questões sobre a fundação da Associação, cargo que o entrevistado ocupava, as principais demandas da comunidade e como eram encaminhadas ao poder público. Um terceiro bloco abordava questões sobre a prefeitura e os vereadores, e o último bloco de questões buscava saber se a Associação participava do Conselho de Desenvolvimento de Bairro (CODEB) e se era associado à União Blumenauense de Associação de Moradores (UNIBLAM), e qual a opinião do entrevistado sobre estes órgãos.

## **3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS GERENTES**

A Secretaria de Ação Comunitária (SEMAC) possui uma maneira particular de atender os bairros de Blumenau, sendo a cidade dividida em seis grandes áreas, e para cada área a SEMAC destina um

gerente para atender aquela comunidade. Geralmente os gerentes eram moradores da região ou faziam parte de Associações de Moradores ou outras organizações comunitárias. Então foram entrevistados todos os gerentes, e as perguntas eram direcionadas principalmente às atividades dos próprios gerentes e como era feito o atendimento às comunidades. Os entrevistados foram questionados quanto à sua função e quase todos apresentam a mesma definição que seria basicamente:

“A função de um gerente comunitário é primeiro dar assistência às Associações de Moradores, as reivindicações que as Associações encaminham para a gente e nós fazemos o memorando e encaminhamos para as secretarias ligadas àquele setor. Então nosso trabalho é primeiro dar assistência também às CI, PSE, escolas, mas tudo através das Associações de Moradores. Então eles levam lá, nos mostram os problemas que existem e a gente encaminha os memorandos para a secretaria de cada setor e aí a gente elabora os pedidos que serão atendidos (Gerente 1)”

As AM encaminham suas reivindicações procurando os vereadores ou a Secretaria de Ação Comunitária (SEMAC). Como coloca um dos gerentes comunitários da SEMAC entrevistado em outubro de dois mil e oito: “Continua tendo com as Associações e eles vêm mandando os pedidos, e eu estou indo nos bairros, tenho visitado mensalmente e ligo para ver se há algum problema que às vezes há. E a gente continua fazendo o memorando normal.”

E outro gerente entrevistado completa:

“Referente aos pedidos eles podem vir de algumas formas, poderia ser através de um formulário que a gente costumava entregar nas reuniões dos Codeb's, em especial no início das atividades até para ajudar a conduzir todo o processo. As pessoas são acostumadas a chegar e fazer os pedidos aleatoriamente e a gente não tem como atender um grande grupo, né? Se não for por escrito, então a gente procuro fazer uma sistemática onde que pude estar captando estas informações, tudo por escrito ao chegar na nossa secretaria e nós encaminhamos de acordo com aos órgãos competentes. Costumamos dar um prazo para tramitar o

próprio memorando ou ofício e depois nós procuramos acompanhar tanto com quem pediu quanto com quem está executando. Porque às vezes nem todos os pedidos são atendidos por completo, porque às vezes o pedido não é feito de uma forma correta, então o pedido é atendido parcialmente e cabe a uma segunda secretaria viabilizar a segunda parte do pedido. Por isto que a gente faz este meio de campo.” (Gerente 2)

Em relação aos Conselhos de Desenvolvimento de Bairros (CODEBS's), foi indagado se estavam acontecendo as reuniões, e um dos gerentes colocou:

Não, cada área tem seu referencial. Na minha comunidade eu agreguei todos os participantes do Codeb no Conseg, haja vista que não valia a pena nós ficarmos trabalhando só em cima dos pedidos. Nós consideramos que fazer com que a comunidade se uma para fazer com que a comunidade possa estar interagindo entre ela, estar se fortalecendo, nós acabamos assim tendo um resultado mais eficiente nos pedidos e também na cobrança dos pedidos. Porque eles acabam querendo saber como é feito um atendimento dentro de uma prefeitura. Muitas vezes as pessoas vêm fazer um pedido que é absurdo para uma determinada secretaria, às vezes é até possível resolver, mas dependemos de vários outros setores, estudos técnicos que cabem a cada tipo de solicitação. Então as reuniões do Codeb, nós fizemos no mês de fevereiro um levantamento com a comunidade do que foi feito nestes três anos, então a comunidade pode elencar as prioridades destes três primeiros anos, para verificar o que foi atendido ou não e dentro daquela expectativa ver o que seria mais urgente para atender dentro deste último ano no período deste governo. (Gerente 3)

E como uma última questão foi perguntado aos gerentes comunitários se realmente funcionava esta forma de relação entre o Poder Público e as Associações, e em sua maioria os gerentes colocam que esta dinâmica funciona, pois os gerentes estão sempre em contato com as Associações e a comunidade e também mantém contato com as mais diversas áreas da Prefeitura, o que permite que os pedidos sejam atendidos. Mas alguns colocam que às vezes as reivindicações demoram

algum tempo para serem atendidas, pois precisam de aprovação de vários setores e até mesmo de verba para que se possa realizar aquele pedido, como por exemplo, a construção de uma nova sala de aula em alguma escola, etc. Como nesta entrevista “Hoje o fluxo de atendimento está sendo bem melhor, com o sistema de Codeb’s, bem melhor mesmo. Tem funcionado com mais agilidade, mas cada caso é um caso.(Gerente 4)”

#### 4 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM OS PRESIDENTES

A análise das entrevistas com os presidentes foi realizada conforme os blocos em que elas foram estruturadas.

As Associações de Moradores se apresentam como representantes de um determinado local e têm como objetivo buscar melhorias para as necessidades de sua comunidade. Em sua maioria, os presidentes das Associações eram aposentados e apresentavam idade superior aos quarenta anos. No primeiro bloco constatou-se que a história das Associações de Moradores é sempre marcada por um acontecimento na comunidade, pode-se tomar como exemplo a Vila União que precisava legalizar a questão das moradias na comunidade, então a AM surgiu para fazer a ligação entre Associação e Poder público. Também se percebe que as reivindicações mais frequentes das comunidades são em relação à pavimentação asfáltica e obras de uma maneira geral.

Foi perguntado aos presidentes se a comunidade participa das reuniões e eventos que a AM promove, e a resposta foi unânime de que é pouca a participação da comunidade, e que na sua maioria a comunidade busca a AM quando precisa realizar algum desejo particular. Os presidentes apontam que a participação é pouca e a cobrança é muita, como se percebe nesta passagem “Não procuram muito não, eles só querem cobrar e dizer que

a Associação não faz nada, mas eles não vêm procurar, eles não participam então a comunidade não participa [...] não adianta eu também iludir eles e não fazer nada.”(Presidente 2). Esta passagem é complementada pelo seguinte trecho:

Não há participação, a gente vem, infelizmente é uma situação que a gente não conseguiu ainda descobrir, nem com pesquisa, tem alguns teóricos que dizem uma coisa mas na prática não sabemos. Embora a gente tenha uma visão de que a comunidade só participa quando ela tem o interesse pessoal, infelizmente a comunidade vem participando cada vez menos. Infelizmente ela não participa pensando no coletivo e sim pensando no individual. Quando ela é contemplada no objetivo pessoal da rua ou na indicação local então ela se afasta. Embora aí hoje tem situação completamente diferente porque de uma administração para outra dá uma diferença muito grande. (Presidente 4)

Já em relação ao segundo bloco, foram feitas questões sobre a prefeitura e vereadores. Sobre a função do vereador um dos entrevistados coloca: “Para mim o vereador tinha que trabalhar mais na comunidade e não lá dentro da prefeitura, porque eu só vejo aquilo lá mais como um cabide de emprego, do que como um negócio para servir a comunidade.” (Presidente 1). Ainda sobre esta questão outro presidente declara: “Eles não cumprem muito não, os vereadores. Na verdade os vereadores não gostam de Associação de Moradores, eles não gostam, eles ajudam um pouquinho mas ele não ajudam muito...” (presidente 2)

Nesta entrevista há outra forma de entender a função do vereador:

Ele tá fazendo uma função que não é dele, de procurar coisas nos bairros. Porque a função do vereador é trabalhar lá dentro fazer as leis, legisla. Hoje vereador para ganhar voto tem que trabalhar na comunidade e tem que lá ver o que tem que fazer e tem que fazer officio para isto e aquilo. Do ano passado para cá não teve uma lei que eles fizeram. A função do vereador específica é fazer leis e fiscalizar as obras que são indicadas pelo executivo após aprovado estes trâmites, é fazer leis e fiscalizar na sua implementação. Mas

isto não acontece, aliás, existem muitas leis não em prol da comunidade e sim quase que ao desencontro da comunidade. (Presidente 4)

É possível perceber durante entrevista com presidentes que alguns ainda procuram os vereadores, pois estes dispõem de uma verba anual para distribuir entre projetos que atendem os Clubes de Caça e Tiro, as Associações de Moradores, entre outros grupos. É possível detectar a forma de clientelismo de quadros, onde quem detém o poder tem relação direta com a população com a intenção de manter o seu poder político, esta relação sempre é permeada pela troca de favores.

Quando questionados sobre qual seria a função da prefeitura e se ela cumpre seu papel, os presidentes dizem:

Bastante promessa. Ajudam tá, mas nessas horas eu nem considero prefeitura tá! Quando a gente faz o pedido, então eles ajudam a AM a aparar o mato, carga de macadame, essas coisa assim que eu acredito que seja função deles fazê. Tem aquilo que alguns vereadores prometeram na última campanha, que a prefeitura devia colocar uma verba mensal para a AM. Hoje tem subvenção, mas tem associações que ganham muito e outras que não ganham nada. Então se tivesse uma verba para cada uma, mensal, pra manter, porque se a prefeitura ajudasse as crianças de cada comunidade nas AM, não teria tanta criança aprontando por aí. Tanta droga por aí. (Presidente 1)

No terceiro bloco que tratava de questões que diziam respeito aos Codebs e UNIBLAM, foi lançada aos presidentes a questão de como era a participação dos mesmos no CODEB e se eles haviam participado do Orçamento Participativo, e qual desses programas foi mais significativo, na opinião dos mesmos.

O Codeb foi somente para dar cargo para os gerentes de área. Ganhavam seu dinheiro para ficar correndo de lá para cá sem fazer nada, claro quando eu ligava eles sempre levavam ofício de um lado para outro... só reunião, reunião e não acontecia nada. Não adianta, fazer reunião e não acontecer nada, foi onde acabou e não existe mais [...]

Particpei da época que tinha o orçamento participativo, acho que ainda funcionava um pouquinho melhor. No orçamento participativo, por exemplo, nós tínhamos uma rua para fazer. Eles colocavam 15.000 para aquela rua, colocavam o dinheiro para aquilo ali. Podiam mudar de uma coisa para outra mas aquele dinheiro era dali. E aqui no Codeb não existia isso, a gente colocava as prioridades, levava para lá era aprovado mas não tinha verba para aquilo, nós nunca via.”(presidente 2).

Outro presidente se referiu ao Orçamento Participativo: “Particpei do Orçamento Participativo [...] posso ser sincera. É uma maneira de enrolar o povo mais de perto pra mim, porque o Orçamento Participativo e Codeb ia lá, colocava as prioridades, nunca cumpriu, sugeria os problemas da comunidade e nunca cumpriu.” (Presidente 3, comentando sobre a relação entre Codeb e OP)

A UNIBLAM também foi um assunto abordado nas entrevistas, quando se indagou de que maneira esta instituição auxilia as Associações de Moradores. “A Uniblam na verdade tem que trabalhar com a Associação de Moradores, e ela não trabalha com as Associações, ela trabalha com as outras entidades, e trabalha dentro do gabinete de vereador [...] que não pode [...] mas se nós tivéssemos a Uniblam mais forte, tivesse uma sede da união das Associações eu acho que funcionava melhor” (Presidente 2)

E nesta outra passagem:

Não temos participado das reuniões da Uniblam, embora nós temos uma crítica eu pessoalmente tenho uma crítica ferrenha porque ficou algo muito centralizado, em cima de um gabinete, não temos respaldo e a Uniblam não se manifesta em nenhum dos movimentos. Inclusive movimentos importantíssimos que estão acontecendo na cidade. Uma pessoa só participa e ela não traz estas informações à tona, tudo que foi discutido [...] Hoje tem pouca participação das Associações porque as pessoas não acreditam mais [...] Que nem agora nesta catástrofe que aconteceu, a União Blumenauense tinha que estar na frente porque tem o apoio do ministério público, tem quatorze secretarias públicas que trabalham para nós [...] a Uniblam pode

pegar dinheiro federal não precisaria passar pelo Estado, e podia acampar isto aí e forçar o município e comprar para reconstruir. (Presidente 4).

Nas entrevistas com os presidentes, foi possível perceber também, que algumas lideranças começam a participar da Associação com vistas a se candidatar a vereador ou buscar outros cargos públicos. Como neste trecho “Já tem gente aí querendo fazer chapa para concorrer para ganhar eleição na Associação e no próximo ano político já querem usar a Associação para este fim” (Presidente 2). Também apontam que parte da verba que a Associação consegue é de subvenção que é concedida pelos vereadores. As Associações devem encaminhar um projeto aos vereadores, e se o projeto passar por aprovação, o vereador destina o valor que julga necessário àquele projeto. Com este mecanismo se percebe os princípios do fenômeno do clientelismo. Sobre os últimos prefeitos, alguns entrevistados dizem que o último prefeito fez mais pela comunidade e outros já defendem o atual prefeito.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados coletados pode-se colocar que as demandas vindas da sociedade civil em Blumenau são, em sua maioria, encaminhadas para a Secretaria de Ação Comunitária de Blumenau, cujo objetivo é acompanhar estas demandas e também o seu cumprimento. Estas são encaminhadas ao poder legislativo através de ofícios e ficam aguardando a aprovação, para realização do pedido. É necessário colocar que a SEMAC tão citada neste artigo foi extinta no segundo mandato do atual governo, mais precisamente em fevereiro de 2009.

No decorrer desta pesquisa foi verificado que as Associações de Moradores são ainda muito dependentes do poder público, gerando o

fenômeno do clientelismo, que aponta que esta relação é permeada pela troca de favores, para que uma das partes (poder público ou vereadores) possa manter e ampliar o seu poder político.

Em todas as entrevistas foi detectado que as Associações de Moradores encontram dificuldades em garantir a participação da comunidade em suas atividades e reivindicações. É visto que os indivíduos procuram as Associações de Moradores para garantir interesses particulares e quando acontece a realização do pedido os mesmos se afastam da Associação.

Quanto aos vereadores, observa-se que muitos deles não atuam junto às Associações, sendo que somente as procuram em tempos de campanha eleitoral e quando precisam de apoio em algum projeto ou outros assuntos de seus interesses. A UNIBLAM recebeu algumas críticas em relação à sua atuação no último mandato.

Desta forma, pode-se colocar que as Associações ainda são muito dependentes do poder público, não tendo muita autonomia, salvo algumas exceções. Além disto é possível concluir que as Associações fazem seus trabalhos com pouco apoio da comunidade, e pouca comunicação com outras Associações. A instituição que deveria representar as Associações trabalha de maneira autônoma. Já o poder público tem dificuldade em cumprir as promessas que faz às comunidades. Segundo os entrevistados, só atende aos pedidos de grupos particulares.

Diante do exposto, a luta pela ampliação da participação da sociedade civil em Blumenau tem sido dificultada pela atuação das associações de moradores, pois elas não estão garantindo a participação efetiva dos sujeitos sociais. Isto se torna difícil na lógica neoliberal que vê no mercado a única forma de regular a sociedade.

Por último se faz necessário ressaltar que, durante as entrevistas feitas com os presidentes das Associações de Moradores, os mesmos citaram

muitas vezes a preocupação em relação ao desastre sócio-ambiental ocorrido em Blumenau no mês de novembro de dois mil e oito. Em função disto vislumbra-se a possibilidade das Associações de Moradores terem um papel mais pró-ativo na luta dos moradores atingidos para a reconstrução de suas vidas, já que estão mais próximas da população.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Edinara Terezinha de Andrade. **Associações de moradores de Blumenau: movimento comunitário ou práticas clientelistas instituídas pelo poder público para substituir ou sub-diretórios?** Relatório de Pesquisa, financiada pelo Programa PIPE/FURB. Blumenau, (mimeo), 1995.
- BOBBIO, Norberto. **O conceito de sociedade civil.** Graal: Rio de Janeiro, 1982.
- BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política.** Paz e Terra: São Paulo, 1990.
- DAGNINO, Evelina. **Democracia, teoria e prática: a participação da sociedade civil in Democracia Teoria e prática.** Editora: Relume Damará; Rio de Janeiro, 2002.
- DAGNINO, EVELINA. **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil.** /Evelina Dagnino (organizadora). Paz e Terra: São Paulo, 2002.
- GOHN, Maria Luiza de Souza. **Desenvolvimento de comunidade e participação.** Cortez: São Paulo, 1987.
- HILLESHEIM, Jaime. **As associações de moradores na cidade de Blumenau: expressão das contradições urbanas in Nosso passado (in) comum.** Editora: FURB; Blumenau, 2000.
- HILLESHEIM, Jaime. **As Lutas pela Participação na gestão da cidade: uma leitura a partir das associações de moradores de Blumenau in Novos Olhares sobre Blumenau.** Blumenau: EDIFURB, 2000.
- MOURA, Reidy Rolim de. **Compromisso governamental, desenho institucional e tradição associativa: o orçamento participativo em Blumenau e Chapecó.** Florianópolis, 2004. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Centro de Filosofia e Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O Conceito de Sociedade Civil in A sociedade civil em tempos de globalização: uma perspectiva neogramsciana.** Rio de Janeiro, 2005. Dissertação

(Mestrado em Política Internacional) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RIBEIRO, Maria Edaléia, **Movimentos Sociais em tempos de democracia e globalização em Santa Catarina**. Editora: Fundação Boiteux, Florianópolis, 2005.

SCHERER-WERREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. Hucitec: São Paulo, 1999.

# A INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA no Ensino da História



## A INSTITUIÇÃO MUSEOLÓGICA NO ENSINO DA HISTÓRIA

Carmen Hoffmann\*

### RESUMO

A instituição museológica no ensino da história visa abordar a importância do museu, que é uma instituição que está a serviço da sociedade, da qual é parte integrante, e, que busca dentro da própria sociedade elementos que lhe permitem participar da formação do aluno, bem como contribuir na construção de atividades escolares paralelas. Pretende-se demonstrar que o museu pode ser uma ponte mediadora importantíssima entre a maneira de ser e viver de nossos antepassados, em um determinado modelo social, com o presente em que vivemos. É neste ambiente histórico que os professores podem e devem buscar parâmetros para a formação de seus educandos e, das possibilidades que os objetos dentro desta instituição podem e são capazes de gerar conhecimentos, ligando assim o passado ao presente. Tem o objetivo de contemplar, também, a metodologia envolvida na educação patrimonial, que é tão discutida nos meios acadêmicos e colocada em prática no ensino fundamental e médio.

Palavras-chave: Museus; Educadores; Educação Patrimonial; Acervo Museológico; Educação.

### 1 INTRODUÇÃO

Para muitas pessoas o museu é apenas um lugar de guarda e depósito de velharias, objetos já sem uso, ultrapassados pelo tempo; acervos

---

\* Licenciada em História / Núcleo de Estudos à Distância - Trabalho de Graduação em História (HID0081) – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI. 2009. Monitor: Jorge Luiz Buerger.

estes que deixaram de ter utilidades no cotidiano de algumas famílias, não trazendo mais benfeitorias. Olhar para um museu e vê-lo como um importante acervo protetor ou um local que nos transmite conhecimentos, deverá ser nosso grande desafio neste artigo, pois em pesquisas realizadas e constatadas, pode-se comprovar o grande multiplicador e gerador de conhecimento que são os acervos museológicos. Ressalto o adjetivo gerador e não apenas fornecedor de conhecimento.

Exposições temáticas realizadas dentro destas instituições podem produzir atividades pedagógicas diversificadas. A utilização do objeto como multiplicador de conhecimento, trazendo-nos a construção cultural e do ensino que pode ser realizado desde a sua arquitetura, nos utensílios domésticos e laborais, nas artes plásticas, como gravuras e desenhos, nas indumentárias e nos mais variados temas, aguçando o caráter educativo.

Ressalta-nos Bittencourt (2005, p.358),

no tocante ao conhecimento da cultura material do ponto de vista científico, importa o aluno ser introduzido na compreensão do objeto como integrante de uma organização social, de uma parte da vida cotidiana, dos rituais da arte de determinado grupo social. Um objeto de museu deve, nessa perspectiva, estar sempre relacionado a outros, para que o aluno tenha condições de estabelecer comparações, notar diferenças e semelhanças entre os objetos e suas formas, fazer analogias, sugerir hipóteses sobre seu uso ou sobre técnicas de fabricação. O importante é proporcionar uma atitude inquisitiva diante do objeto

Esse olhar diferenciado e diversificado sobre objetos faz com que seus visitantes ou grupos escolares sejam transportados no tempo, revitalizando e renovando a memória, sempre buscando no passado e trazendo para o presente as evoluções da história e transformações da sociedade.

Conforme o que nos relata Ramos (2004, p.14),

fazer relações entre museus e educação, especialmente o ensino da história, implica reconhecer que na sua própria definição, o museu sempre teve o caráter pedagógico, in-

tenção nem sempre de defender e transmitir certa articulação de idéias, seja o nacionalismo, o religioso, a classificação geral dos elementos da natureza.

Percebemos então que esta instituição possibilita, diversifica e, gera conhecimentos e curiosidades. Tem como objetivo tornar os visitantes mais interessados no patrimônio cultural que estão conhecendo. É de fundamental importância que os educadores cada vez mais façam utilidade deste ambiente multicultural, e possam efetuar as mais diversas atividades e pesquisas pedagógicas tornando-o assim, parte de seus projetos didáticos e dos planejamentos de aulas.

Professores podem desenvolver neste local o saber e despertar cada vez mais o interesse de seus alunos, desenvolver o senso crítico e colaborar com a pesquisa permitindo que os educandos vivenciem experiências em museus históricos, como por exemplo, abstraindo o que seus próprios antepassados viveram.

## 2 A REFLEXÃO DA IMPORTÂNCIA DO MUSEU COMEÇA NA SALA DE AULA

A visita ao museu deve ser primeiramente realizada pelo professor. Ele, como educador, deverá ter pleno conhecimento e inteirar-se daquela instituição que irá visitar, tendo sempre um objetivo a ser alcançado. Ao realizar qualquer atividade, este não poderá fazê-la sem o prévio conhecimento e o preparo de sua atividade, sob pena de tornar sua visita apenas um passeio sem ter um aproveitamento didático.

Como explica Ramos (2004, p. 9),

ir ao espaço museológico implica necessariamente efetuar atividades educativas, questionamentos e maneiras teoricamente fundamentadas, de aguçar a percepção para os objetos das exposições. Mesmo quando a visita é de crian-

ças da alfabetização ou do período anterior, a proposta permanece: não é possível deslocar o museu da sala de aula.

Dentro da sala de aula o professor deve ministrar suas aulas, trabalhando a importância da instituição, como agente de ação educativa e cultural, demonstrando sua conceituação histórica e seus objetivos, para que os alunos percebam a sua importância, entusiasmando-os para seus estudos e pesquisas.

Complementa Bittencourt (2005, p.327),

as justificativas para a utilização de documentos nas salas de aula de História são várias e não muito recentes. Muitos professores que os utilizam consideram-nos um instrumento pedagógico eficiente e insubstituível, por possibilitar o contato com o “real”, com as situações concretas de um passado abstrato, ou por favorecer o desenvolvimento intelectual dos alunos, em substituição de uma forma pedagógica limitada à simples acumulação de fatos e de uma história linear e global elaborada pelos manuais didáticos.

A realização de pesquisas, observações e visitas antecipadas tornará a visita diferenciada, pois o professor fará com que seus alunos tenham um olhar mais direcionado e educativo, e esta mediação trabalhará a favor do desempenho dos seus trabalhos e pesquisas.

As atividades que estão vinculadas com os objetos, sejam eles de caráter histórico trazidos pelo professor e pelos alunos, ou, até mesmo os objetos que estão dentro da sala de aula, podem favorecer o reconhecimento da importância de um museu. Como reforça Ramos (2004, p.21), “é por isso que a visita ao museu deve começar na sala de aula, com atividades lúdicas que utilizem materiais do cotidiano, como indícios da prática que se fazem nas relações sociais”. Mesmo sendo materiais trazidos de casa ou aproveitando seus próprios objetos de sala de aula, estes alunos estarão valorizando os acervos, percebendo o porquê da existência de locais que servem como autênticos guardiões da história.

Complementando, Ramos nos diz (2004, p.24)

com atividades vinculadas à historicidade dos objetos na própria sala de aula, o professor incita a percepção dos alunos e aí eles terão o direito de saborear, com mais intensidade as propostas de reflexão oferecidas pelo museu.

A busca do professor em conhecer estes ambientes históricos previamente leva o mesmo a ter uma bagagem suficiente em relação a atividades que poderão ser realizadas no decorrer do ano letivo, pois o estudo do patrimônio cultural será bem mais dinâmico, tornando as aulas mais criativas; uma vez que, ao saírem do espaço escolar da sala de aula, os educandos terão a oportunidade de constatar o que muitos livros apresentam somente em figuras. É por este motivo que a educação patrimonial precisa estar tão presente dentro das salas de aula. É esta uma metodologia inovadora que consegue restituir o tempo perdido, aquele que foi esquecido entre os cidadãos e os alunos de uma comunidade.

Ramos (2004, p.25) nos coloca que:

uma das metas primordiais é despertar os professores para o potencial educativo da história dos objetos, criando não somente um recurso didático para as aulas, mas, sobretudo formando em seus alunos novas percepções para a multiplicidade de tempos.

A iniciativa em sala de aula é o começo para que os alunos tenham esta mediação, trabalhando acervos trazidos de casa, por exemplo. Ao montar este espaço na própria sala, significa que o museu pode fazer parte do contexto estudado e, também ser aproveitado por diversas matérias. O museu pode tornar-se numa extensão da sala de aula, resultando em trabalhos interdisciplinares, provocando a curiosidade, a descoberta, o saber, a perspicácia e a reflexão para com os objetos expostos aos educandos, atendendo, assim, aos objetivos aos quais os educadores propõem alcançar, bem como atender aos próprios objetivos da instituição museu.

## 2.1 O Acervo museológico e a sua contribuição na educação formal

As temáticas são as mais variadas possíveis. Cada peça tem sua história, e os mais variados ambientes montados sugerem uma pequena ‘história viva’ e de conhecimento prático-didático. Uma pequena xícara, para muitos, é apenas um objeto no qual se servia cafés e chás. Mas, se partirmos de um estudo mais detalhado, podemos gerar um vasto conhecimento histórico, desde sua utilização num determinado período histórico, a matéria – prima da qual foi fabricada, seu uso familiar (utilizada para visita ou diário), sua confecção (local ou oriunda de outros lugares), e outras possibilidades. Assim, sobre cada elemento presente em um museu, pode-se construir vários contextos e situações, imaginando-se e criando-se todo um contexto e conhecimento social e, porque não dizer, humano.

Sobre este mesmo tema contextualiza Chagas (2006, p.33),

trabalhar os museus e a museologia nesta perspectiva [...] implica afirmar o poder dos museus como agências capazes de servir e de instrumentalizar indivíduos e grupos de origem social diversificada para o melhor equacionamento de seu acervo de problemas. O museu que abraça esta vereda não está interessado apenas em democratizar o acesso aos bens culturais acumulados, mas, sobretudo, em democratizar a própria educação de bens, serviços e informações culturais.

Então teremos uma visão da história mais ‘viva’ que o próprio momento contemporâneo em que vivemos e por qual passamos, fazendo com que cada elemento seja capaz de compor uma visão tão presente e tão real quanto um filme de épocas passadas.

Diz Chagas sobre o assunto (2006.p.65),

o antigo é útil e necessário, mais é preciso desconfiar do passado. Para o bem do humano é preciso não apagar a gota de sangue, mais sim preservá-la e dinamizá-la numa espécie de alquimia geral. Só assim é possível esbofetear a máscara do tempo.

E confirma ainda Bittencourt, (2005, p.353-354),

objetos de museus que compõem a cultura material são portadores de informações sobre costumes, técnicas, condições econômicas, ritos e crenças de nossos antepassados. Essas informações ou mensagens são obtidas mediante uma leitura dos objetos, transformando-os em documentos.

De acordo com estes autores, o acervo museológico serve para diversas funções dentro da educação formal. O professor pode e deve fazer uso deste acervo, tanto para a utilização com seus alunos, como também para pesquisas futuras de diversos temas. São os objetos presentes nesta instituição que podem levar as informações necessárias e mais vida para as pesquisas elucidadas dentro da sala de aula. É bastante curioso buscar uma 'história viva' marcada nos objetos que são capazes de emitir a vida incrustada neles. E, é esta vida que os alunos devem e precisam encontrar e vivenciar em suas pesquisas.

## 2.2 A compreensão da história através do acervo museológico pelos educandos

O perfil de cada temática não aplica-se simplesmente ao estudo histórico, mas pode e deve ser uma chave que nos faça redescobrir e compreender o período histórico pelo qual estamos atravessando, o nosso século. Quantos materiais e objetos evoluíram e passaram por inúmeras transformações através dos séculos devido à evolução da produção artesanal para a fabril. Podemos traçar linhas históricas convergentes e divergentes de épocas que são objeto de nossos estudos, comparando com o que hoje fabricamos em série e em quantidade, deixando de lado muitas vezes a qualidade, a preciosidade de cada acessório, roupa ou mobiliário usado.

Relata-nos Mário de Andrade apud Chagas (2006, p.70),

(...) o considerar como espaço de estudo e reflexão, como

instrumento capaz de servir as classes trabalhadoras, como instituição catalisadora e ao mesmo tempo resultante da conjugação de forças diversas, como âncora de identidade cultural.

Explicar e escolher o melhor tema para proporcionar esta interação de cada peça exposta com o próprio estudo da História é aguçar ainda mais o educando para ir mais longe nos estudos acerca de passagens históricas, desenvolvendo o saber no que diz respeito a questões éticas, culturais, desenvolvimento social, forma de utilização, aplicação de objetos, o vestuário e seu uso; ou seja, o que as famílias conseguiam e tinham para se expor e viver numa determinada posição social, época, momento histórico e a vontade de querer ter um mobiliário mais bem decorado e resistente.

Cita Bittencourt, que Henri Moniot resume a função do documento para o historiador,

o saber histórico é o produto de fontes, todas elas vindas do passado, e de uma crítica, vinda do historiador, um especialista que explora seu conteúdo! [...] Nada é uma fonte por sua própria natureza e é o problema colocado pelo historiador que, identificando um traço que fornece uma resposta, transforma assim um documento em uma fonte histórica. Os registros e marcos do passado são a sua matéria-prima. O historiador diante dessa matéria-prima, das fontes, faz perguntas, coloca o problema. Mas é preciso, inicialmente, saber a que esta fonte dizia antes aos outros, como era usada para outra coisa, ou seja, é preciso adquirir conhecimento sobre ela [...] e a partir desses dados obtidos, talvez essa fonte possa fornecer e acrescentar novas ou algumas informações para a pesquisa. (...).(MONIOT apud BITTENCOURT, 2005, p.328-329,1993, p.26)

Sabemos que ao longo do tempo, os fatos históricos vistos numa dinâmica mais estrutural e abrangente, muitas vezes somos capazes de nos situarmos nos tempos em que uma xícara fora usada, ou uma determinada roupa; bem como somos capazes de compreender porque algumas cidades menos povoadas que outras são constituídas de pequenas

casas e algumas edificações maiores ditas 'públicas'. O porquê de a posse de algum pedaço de terra ora ocupado por pessoas, animais, plantações; a abertura e exploração da mata nativa, e a construção e o estilo das casas, sendo elas rústicas ou pequenos palacetes.

Todos estes aspectos do cotidiano da vida em sociedade e, em família, podem ser trabalhados dentro de sala de aula, fazendo com que esta jornada pelo passado transforme-se em extrema importância dentro da educação patrimonial. É a busca pela memória, a reconstituição do passado das famílias dos alunos, da reafirmação da auto-estima de uma comunidade, da manutenção e da conservação de patrimônios culturais de uma cidade que assume o principal papel e objetivo de um museu. Tudo isto pode e deve ser trabalhado em sala de aula, através da ajuda e do interesse do professor, fazendo com que exemplos e atitudes do passado possam refletir de forma positiva no meio em que vivemos.

Desta maneira, podemos perceber em Ramos (2004, p.19) que:

ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso; a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses.

Se pudéssemos ter o registro de toda ocupação humana e as variadas construções de cada ano de crescimento, evolução e transformação desses espaços urbanos, cada habitante constituindo uma família, de cada fase de vida, construindo seu legado pessoal, particular e social, o compartilhamento de ferramentas, utilidades domésticas, o empréstimo e a feitura das 'melhores' roupas para as mais diversas cerimônias religiosas e sociais, teríamos o mundo e o destino em nossas mãos. É nisto que os

alunos devem prestar atenção. Nestes momentos do cotidiano de seus antepassados que podem ser trazidos para a atualidade e demonstrados em sala de aula.

Nos museus, o que está exposto é uma dedicada e apaixonante coleção, exposição de pedacinhos materializados dessa história e convivência social, que passaram primeiramente por determinados ocupantes de um espaço geográfico específico e, de um passado não muito distante. Este acervo que está dentro do museu, na grande maioria das vezes, foi doado por pessoas que ali deixaram a vontade e o sentimento de dividir com os outros um pedacinho de sua alma, um pedaço de seu coração e de seu passado. São destes objetos, sentimentos e destas memórias que alunos e professores podem tirar conclusões, abrir discussões, criar hipóteses, e, principalmente, estudá-los, não como simples objetos de admiração, mas sim como objetos que possibilitam reflexões e a construção do pensamento crítico e consciente de nossos futuros cidadãos.

### 2.3 Conceituações extraídas do acervo pelos educadores

Estudar, fomentar e estimular a pesquisa, assim como a vontade de conhecer o espaço museológico, seja em exposições, amostras, temas pertinentes ao contexto social, é o objetivo do museu. E uma vez assimilada a função de cada peça presente no patrimônio catalogado, dá-se ao educador o conhecimento necessário que possibilitará para que ele possa trabalhar com seus alunos a época precisa em que aquele objeto, peça, coleção, utensílio ou espaço foi criado, existiu ou teve sua função e utilidade. É preciso demonstrar que cada objeto exposto teve sua parcela de importância, sua utilidade e seu devido uso na vida de gerações passadas, despertando ainda mais a curiosidade nos alunos; não apenas por esta

pequena amostra de objetos nos museus, mas principalmente incentivar o conhecimento multicultural advindo desse acervo por hora observado e analisado.

Acentua Chagas (2006, p.112),

o uso social do bem cultural preservado pode ser compreendido como possibilidade do mesmo ser utilizado como referência de memória por determinados segmentos sociais, ou ainda como recursos de educação, de conhecimento e de lazer para uma determinada coletiva.

O que temos em museus é uma fascinante e variada temática de épocas, não só de objetos inanimados, mas uma verdadeira e enriquecedora amostra e fonte histórica e cultural advinda de todos os objetos que passaram por nossa sociedade e em sua jornada evolutiva no quesito desenvolvimento, transformação de usos e costumes. A transformação de simples ocupantes da nossa terra, mas sobretudo, o que adquiriram, usaram, utilizaram, ganharam, trocas de utensílios, ferramentas, vestimentas, materiais pertinentes à sua morada, o seu dia-a-dia, o nascimento, o crescimento de seus filhos, netos, bisnetos, e sua morte, deixando alguns pertences, legados e posses para as gerações vindouras.

Atualmente não usamos tanto aquela enxada, o prato rústico, a xícara pintada, a roupa dita de sair, a cristaleira, o guarda-roupa, a cama quando bem produzida, as cobertas, a cortina e uma preciosidade de objetos de adorno. É esta vasta coleção de objetos doados que causa uma conexão de estudos e descobertas, entre os fatos e períodos de nossa colonização catarinense e brasileira, e não apenas datas, nomes, momentos, monumentos e fatos históricos passados. Alguém sabe como viviam os primeiros ocupantes de nossos espaços urbanos? Os objetos presentes nos museus são capazes de responder a estas e a muitas outras perguntas.

Cita Bittencourt, (2005, p.354-355) que Elaine Hirata, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, constatou que, para “boa parte

dos professores, o museu assume uma função específica: o seu acervo ilustra, de maneira concreta as aulas de História. Os artefatos se restringem, deste ponto de vista, ao complemento ideal para o documento histórico, isto é, o texto.”

#### 2.4 Atividades a serem desenvolvidas pelos educadores

Além de dinâmica cultural e social, que leva o educando a desenvolver pesquisas e trabalhos que buscam gerar conhecimento fora da sala de aula, é oportuno o momento e o saber interativo nas visitas temáticas aos museus, vivenciando cada período histórico, bem como em cada detalhe político e social, por qual passou nossa cidade, sociedade e região. Porque nem sempre estudamos os fatos passados a nível micro-regional, atendo-nos, na grande maioria das vezes, no que diz respeito ao contexto nacional e mundial da história de nossa sociedade, da humanidade. O que buscamos e somos capazes de encontrar dentro das quatro paredes de um museu é que deve ser estudado e repensado de uma forma que possa ser trabalhado dentro de um contexto social e histórico previamente apurado.

Trazer para cada momento e fato recente de nossa história, momentos sociais passados a partir do estudo já bem estruturado das disciplinas básicas de História, Geografia (nos cursos básicos), avançando para os superiores como a Economia, Sociologia, Política, Antropologia e outros pertinentes e relacionadas às matérias História-Geografia, é vivenciar, estudar, fomentar a pesquisa e estimular o conhecer do espaço museológico, seja em exposições, amostras, temas, pesquisas e teses pertinentes ao contexto social nele inserido: os Museus.

Cita Bittencourt, (2005, p.353),

imagens diversas produzidas pela capacidade artística hu-

mana também nos informam sobre o passado das sociedades, sobre suas sensações, seu trabalho, suas paisagens, caminhos, cidades, guerras. [...] Fotografias ou quadros registram as pessoas, seus rostos e vestuários e são marcas de uma história.

Querer que cada etapa histórica esteja tão cheia de detalhes que possa transformar o aprendizado sobre a dinâmica que o patrimônio ora catalogado, e contribuir para o enriquecimento pessoal, coletivo e intelectual do educador, melhorando ainda mais suas próprias experiências profissionais e fomentando com um precioso conhecimento a prática didática. É dever do professor ter objetivos claros e definidos antes da visita, como também dar assistência a seus alunos na hora da visita.

São raros os professores que chegam aos museus preparados, e com atividades já elaboradas para o momento depois da visitação, realizados em sala de aula, dando continuidade ao trabalho iniciado no museu. A educação patrimonial é fundamentada por uma metodologia formal e de grande valia, sendo que todo educador deve se informar antes e conhecer os recursos que o local oferece antes de explorar o patrimônio cultural de sua cidade, ou de qualquer outro lugar a que for levar seus alunos.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem no Brasil aproximadamente dois mil museus com as mais variadas temáticas. É de suma importância que os objetivos e a contextualização da instituição 'museu' sejam modificados. A visão deve estar assimilada como expoente e gerador de conhecimentos, invenções e amostragens de diferentes épocas e etapas de nossa História, da qual todos fazemos parte. Os estímulos de preservação e de conservação do patrimônio histórico e cultural devem partir de dentro da sala de aula, e não

há faixa etária para este procedimento. São os professores que devem estar conectados com as instituições, criando projetos de educação patrimonial que sejam capazes de abordar várias temáticas e, ainda fazer com que seus alunos criem elementos afetivos em relação a este patrimônio.

A educação patrimonial consegue vencer esta etapa do conhecimento, pois consegue fazer com que os alunos sintam afeição e se interessem ainda mais por aquilo que acabaram de ver. Além de buscarem conhecer mais sobre o patrimônio cultural e histórico que visitaram, irão querer preservar a história presente em seu seio familiar. Mas, sempre devemos ressaltar a importância de um professor que defenda estas idéias e que não considere a educação patrimonial como uma maneira de “matar aulas” ou de fazer passeios lúdicos com os alunos.

Estimular ainda mais a educação patrimonial e o respeito ao patrimônio da cidade em nossas salas de aula, já com ensino multifacetado, é também dar vida às disciplinas e matérias estudadas e aplicadas nos educandários. Fazer com que educadores consigam inovar, abrilhantando nossa sociedade globalizada com novas descobertas e anseios, assim como a sociedade inovou e usou seu *modus vivendi*, seja através dos objetos domésticos, do vestuário, seus ambientes domésticos e sociais, seus inventos, suas inovações e tecnologias. Serão assim, os educadores, empreendedores dos objetos usados, redescobrimo e reconstruindo a própria história.

O professor, além de tudo, deve sempre sentir e ter como sua missão pedagógica o sentimento e a postura de um verdadeiro historiador; um pesquisador e conhecedor da própria história; um divulgador de conhecimentos; um verdadeiro criador de saber histórico-cultural; um multiplicador de práticas de ferramentas e conhecimentos adquiridos dentro dos museus. Não podemos deixar de destacar sua função e utilidade dentro da sociedade atual, bem como ressaltar a verdadeira importância

desta instituição denominada museu: ser a professora e divulgadora de conhecimento histórico acerca da sociedade.

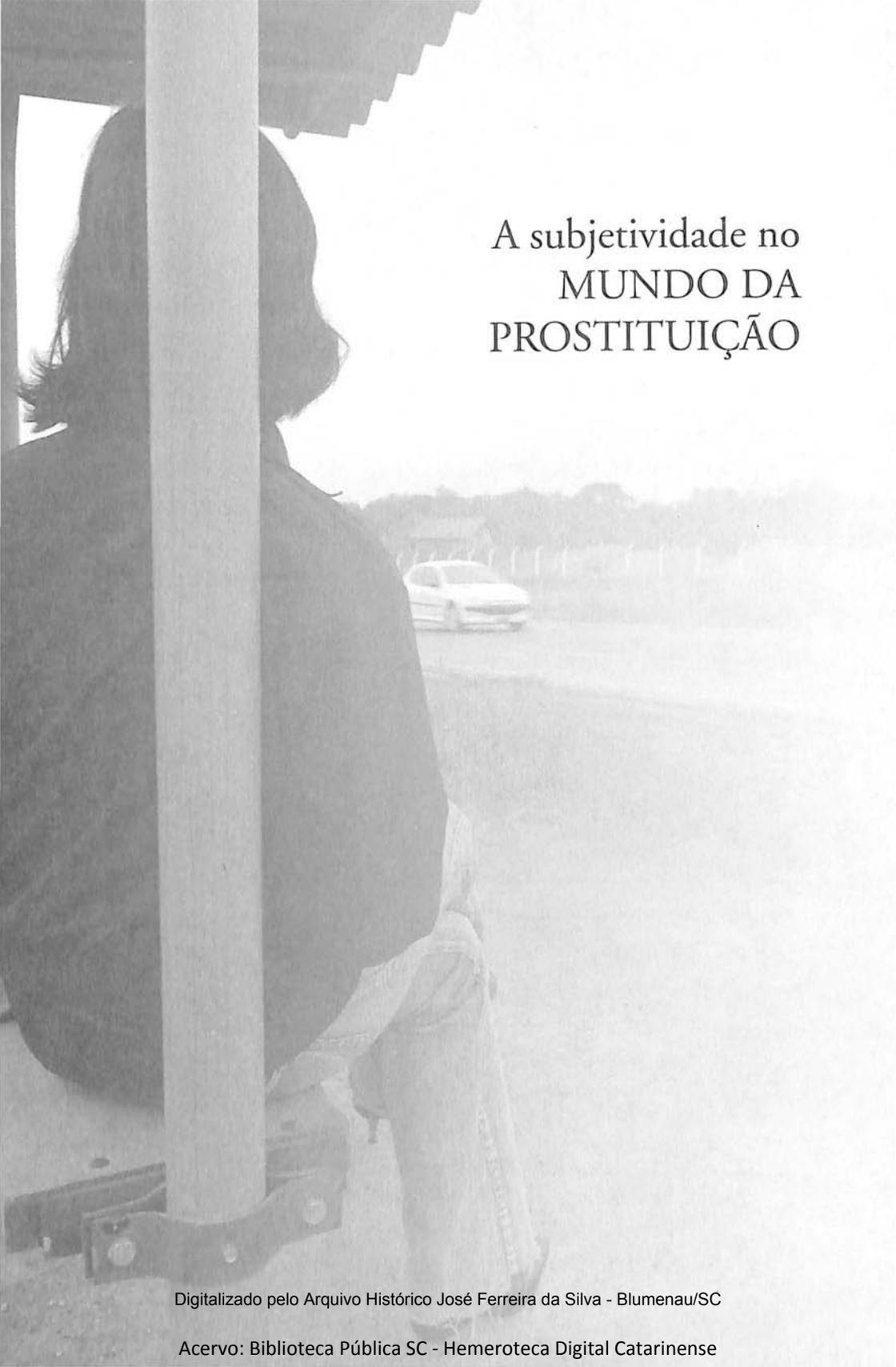
Os Museus Temáticos Culturais não mostram somente coisas antigas, ultrapassadas, mas garantem fascínio e o mistério de que lá existe muito mais do que arquivos de tempos passados, móveis velhos e objetos ultrapassados. Os museus são uma inesgotável e excitante fonte de conhecimento, cultura e registros de como a humanidade vem caminhando através do tempo, sendo grandes transformadores e geradores de conhecimentos através do espaço e tempo. São todas as temáticas possíveis em um só lugar, do espaço geográfico a humano, e quem sabe, também estarão sempre sendo estudadas, catalogadas, mostradas e vistas por uma geração que não esqueça sua identidade, suas origens e também se preocupa com o futuro. É por este motivo que o professor de História, ou de qualquer outra disciplina, deve e precisa tornar-se em um estudioso de temas museológicos e conservação patrimonial e repassar este conhecimento para as gerações futuras.

## REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2005.

CHAGAS, Mário. **Há uma gota de sangue em cada museu.** a ótica museológica de Mario de Andrade. Chapecó: Argos, 2006.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto.** O museu no ensino da História: Chapecó: Argos, 2004.

A black and white photograph of a person sitting on a bench, looking out over a field with a car in the distance. The person is in the foreground, seen from the side, wearing a dark jacket and light-colored pants. The background shows a wide, open field with a white car parked in the distance. The overall mood is contemplative and somewhat somber.

# A subjetividade no MUNDO DA PROSTITUIÇÃO

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

## A SUBJETIVIDADE NO MUNDO DA PROSTITUIÇÃO\*

Celso Kraemer\*\*

### RESUMO

A prostituição é um fenômeno fortemente carregado de valores, opiniões, preconceitos e estereótipos. A sociedade geralmente manifesta-se exibindo idéias de reprovação moral. No entanto, conhecer o universo da prostituição é encontrar um mundo de relações de trabalho, e, por conseguinte, a prostituta como mulher trabalhadora. Tal identidade implica uma construção de subjetividade que contraria os valores tradicionais que impõem à mulher restrições na expressão e no sentimento. A subjetividade que se reestrutura na emergência da identidade profissional da prostituição passa por hesitações, tensões e conflitos com as outras identidades constituídas.

### 1 INTRODUÇÃO

A prostituição não é um fato novo nas sociedades. Por um lado, fala-se dela como a profissão mais antiga do mundo, por outro, é uma das profissões que até hoje é tratada como se não existisse. Até hoje não conseguiu fixar-se como profissão, nem do ponto de vista da legislação, nem cotidiano social. Normalmente se vê a prostituição de três maneiras distintas:

- Fazer de conta que não existe, não se toma conhecimento do

---

Foto de abertura: Rafaela Martins.

\* Projeto de pesquisa realizado em 1998/1999 com apoio institucional do PIPE/FURB.

\*\* Professor de Filosofia no Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, do Centro de Ciências Humanas e da Comunicação da FURB.

problema;

- manifestação de preconceito, descarregando nela o que há de imoral na sociedade;

- frequentar as casas de prostituição de maneira sigilosa e falando mal de quem frequenta.

Assim, nosso contexto social busca negar a prostituição enquanto profissão. Desqualifica, sobretudo moralmente, a pessoa da prostituta. Por que isso ocorre? Quais suas causas históricas? Nossa sociedade convive com a prostituição, embora isso parece provocar um “mal estar na população”, conforme Spink (1993), pois não condiz com os valores da mesma. Interessa saber de que maneira se produz uma subjetividade que rompe com a moral familiar e se reconstrói como prostituta. O que representa *ser prostituta* e como isso se ocorre em nosso meio.

Ouvindo as e nas entrevistas com pessoas da comunidade, percebemos que se sentem mal em relação aos prostíbulos e as prostitutas de rua existentes na cidade. Já Spink (1993) e Foucault (1988) denunciaram o preconceito enraizado nas culturas com relação às prostitutas. Oficialmente elas sempre aparecem como um mal, algo indesejável, detestável, que deve ser combatido. Qualquer pai jamais imagina a filha será prostituta. Faria de tudo para evitar que tal aconteça. Da mesma forma as mães, com muito mais dedicação se aplicam à educação moral e sexual de sua a filha, para que jamais *vire prostituta*.

Não obstante, as prostitutas continuam a aparecer, a se multiplicar. Exercem sua atividade nas ruas, nos prostíbulos, nos hotéis, motéis e até a domicílio. Multiplicam-se, igualmente, as formas de prostituição, que são cada vez mais requintadas e sofisticadas. Movimentam uma soma de dinheiro cada vez maior. É uma atividade que se encontra em pleno desenvolvimento, no interior de nossa sociedade.

Historicamente não há relação direta entre não ter uma boa

família e tornar-se prostituta. Segundo Bacelar (1982) e como pudemos constatar nas entrevistas com as prostitutas, em Blumenau, a opção pela prostituição não está vinculada à falta de cultura, falta de educação, falta de moral. Ao contrário, muitas são até boas mães e boas filhas, provém de famílias sempre preocupadas com a boa moral familiar. Outras, escondendo a atividade, possuem famílias exemplares, conforme constatamos nas entrevistas.

Nossa pesquisa busca saber como se constrói a identidade das pessoas que se prostituem, sua subjetividade, às representações que fazem parte de seu imaginário; como lidam com o *ser prostituta*, em que momento rompem com a moral tradicional? Como enfrentam o preconceito, de que modo ee limita suas vidas?

## 2 MULHER, SEXO E PROSTITUIÇÃO

Sabe-se que a mulher, na bíblia, tem uma condição muito submissa, objeto de posse. Ela é uma mercadoria, e a “escolha de parceiros sexuais é uma questão de política e diplomacia, e não de amor ou desejo carnal” (Kirsch, 1988: p.60). Adotavam a poligamia, o homem tinha tantas mulheres quanto seu poder econômico admitia. Salomão acumulou setecentas mulheres e mais trezentas concubinas, entre alianças políticas, relações diplomáticas e desejo sexual. O sexo aparecia como necessidade fisiológica dos homens; a mulher era o meio eficaz de satisfação. Com a evolução da religião, criou-se uma forte relação entre sexo e religião. Em todos os templos haviam mulheres prestando serviços. Esta, de cunho religioso, nada mais era do que ficar “sentada” no templo à espera dos homens que vinham render homenagens e oferendas a seu deus. Depois, satisfazer-se com as mulheres do templo. O dinheiro arrecadado ia direto

para os cofres dos templos. A mulher não passava de uma escrava e o sexo, para ela, mais um trabalho, prestado nos “lares, nas tendas, nas choupanas, nos arredores das muralhas da cidade (no lado de dentro ou do lado de fora, nos templos e nos palácios)” (Murphy, 1994: p.15).

É entre os judeus, por volta do ano 2.750 a.C. que encontramos relatos sobre o Rei Gilmaré, com prostitutas em seu templo. Enviou uma delas para conquistar um inimigo: “Embora a tenda de pele de ovelha levada pela mulher sem-nome, contratada por Gilmaré, não possa ser considerada exatamente um bordel, a missão por ela desempenhada qualifica-a como a primeira garota de programa que se tem notícia” (Murphy, 1994: p.16). A prostituição evoluiu por toda antiguidade, não apenas entre os judeus, também no Egito, na Ásia.

Do contexto judaico ao grego, aparentemente, a única mudança é o número de prostitutas (que aumenta). Mas há mudanças. Entre os gregos figuram importantes deusas: Atená, Afrodite, Hera, Ártemis. Entre os humanos, há dois espaços, o dos homens e o das mulheres. Não só os homens tinham espaços exclusivos. Nas festas Afrodisíacas, “participavam somente mulheres e meninas (...) que culminavam numa orgia *lésbica* generalizada (...)” (Bassermann, 1968: p.11). Os sexos estavam bastante separados, “cada sexo buscava conseguir satisfazer a seu modo os transbordamentos temperamentais (...) os homens iam para os campos de batalha (...) onde já se cultivavam aquelas relações homoeréticas (...) do espírito guerreiro” (Bassemann, 1968: p.10).

Com o advento da filosofia Estóica, inclusive em Roma, a relação com a mulher passou a ser evitada. Com isso, o número de bordéis eleva-se: “Lá pelo ano 1 a cifra era de trinta e duas mil mulheres prostitutas só nos registros oficiais da polícia” (Murphy, 1994: p.30). O número e o tipo de serviços multiplicaram, especializaram-se em massagens, banhos terapêuticos, tratamento com ervas, medicinais e/ou aromáticas, oferecido

juntamente ao sexo. O contexto greco-romano é um ambiente favorável ao desenvolvimento de práticas sexuais. Não existe associação entre a prostituição e a marginalidade, a doença, o desvio, ou um mal a ser tratado.

Na antiguidade, a prostituição não era objeto de vergonha ou perseguição. Foi com o cristianismo e a moral burguesa, a partir do século XVIII, que se passou a persegui-la. A partir do cristianismo a “atividade sexual foi julgada com severidade crescente” (Foucault, *História da Sexualidade vol 1*). Fortaleceram-se os elos matrimoniais: “sexualidade e casamento tornaram-se uma coisa só”. Mas o ascetismo não advém diretamente da Bíblia:

Não há pessimismo sexual no judaísmo do Antigo Testamento, (...) especificamente no livro de Tobias, composto por volta de 200 a.C. Na realidade, a colocação deste fundamento bíblico do ascetismo sexual deve-se atribuir ao Padre da Igreja, Jerônimo (419 ou 20). Em sua tradução da Bíblia para o latim, que até hoje é considerada autoridade em matéria de doutrina pela Igreja Católica, ele alterou o texto, desviando-o para o ideal da castidade (Ranke-Heinemann, 1996: p.28).

Assim, as proibições foram se generalizando. Do ano de 500, até o ano de 987, as listas de pecados, quase todos ligados ao sexo, foram se constituindo; a cada pecado correspondia uma penitência. Sextas, sábados e domingos e quartas-feiras, eram dias proibidos para a relação sexual. Além disso, duas vezes por ano, todos os casais deviam fazer uma quarentena sem sexo. E em todo e qualquer ato sexual há pecado, deve ser expiado através da penitência, pois todo casal cria um débito conjugal com a igreja, por haverem praticado sexo, mesmo sem prazer. “Eis que nasci na culpa, minha mãe me concebeu no pecado” (Ranke-Heinemann, 1996: p.155), diz o sacerdote, nascido de uma mãe casada, que se relacionava apenas com seu marido.

No início muitas prostitutas “aderiram à nova mentalidade do

cristianismo, pois os cristãos lhes haviam dito que elas tinham uma alma que não havia sido maculado” (Besserman, 1968: p.99-100) e elas acreditavam que seriam redimidas e aceitas por essa nova igreja. Infelizmente elas não puderam pressentir que viriam a ser vítimas de novas e terríveis formas de tortura e perseguição pelas mãos da mesma Igreja.

Com tudo isso, imagina-se que a prostituição tenha diminuído ou desaparecido. Mas, ao contrário, ela proliferou e floresceu por toda Europa, durante os mil anos de Idade Média. E, ambigualmente, muitas vezes mantida pela própria igreja: “(...) os senhores arcebispos, como locadores de casas de prostituição, eram os arrecadadores dos aluguéis, como o senhor Arcebispo de Mogúncia (...) e o bispo Johann von Strassburg, em 1309, foi tão longe a ponto de, ele próprio, construir uma casa de mulheres, figurando, portanto, não apenas como locador, mas ao mesmo tempo como fundador da firma.”(Basserman, 1968: p.115-16). Apesar de os sacerdotes não poderem mais contrair casamento, “eram numerosos os filhos gerados por eles que se criou um problema especial, tanto de ordem pública, quanto no seio da própria Igreja. Quando esses filhos quisessem tornar-se sacerdotes, necessitavam licença especial do papa. Só no ano de 1342 o papa Clemente VI expediu 484 licenças dessas a filhos de padres” (Bassermann, 1968: p.122).

Mais de mil anos de proibições produziram um bom resultado: a mulher ocidental, de modo geral, subjetivou tais verdades. A mulher foi des-sexualizada, para sentir-se boa e honrada, em oposição à mal-caráter, prostituta. E a mulher só ficou livre do discurso clerical quando caiu no discurso das ciências médicas.

As ações e os discursos da medicina, para nossa modernidade, constituem o principal conjunto de técnicas de subjetivação. Segundo Foucault, eles produzem um tipo de indivíduo sujeito. Há neles uma crença de que, se todas as instituições estiverem reguladas e controladas,

toda a cidade estará sob controle. O médico torna-se, então, “analista de instituições: transforma o hospital - antes órgão de assistência aos pobres - em máquina de curar; cria o hospício como enclausuramento disciplinar do louco, tornado doente mental; inaugura o espaço de clínica, coordenando formas alternativas de cura; oferece um modelo de transformação à prisão e de formação à escola” (Machado, 1978: p.155-56).

Há um aspecto político, econômico e governamental implicado nos discursos que os médicos fizeram circular. Nesse movimento se engajam a polícia, promotores, juízes, editores de jornais etc. De maneira geral os médicos não pretendem acabar com a prostituição, pois a consideram um mal necessário ao homem, “a prostituição torna-se indispensável como válvula de escape” (Engel, 1989: p.109). Desse modo, os médicos passam a arrolar programas de controle da prostituta, sobre seu corpo, seu endereço, suas atividades, através de inspeções regulares. Francisco de Souza, médico, promove ainda a utilidade da prostituição pública, “convertendo-a em espaço ordenado, sujeito a regras de caráter moral e higiênico: eis os objetivos perseguidos” (Engel, 1989: p.117). Assim a sexualidade da mulher em geral e da prostituta em particular, passaram ao controle.

### 3 OS CONCEITOS DA SOCIEDADE SOBRE A PROSTITUIÇÃO

Nunca havíamos entrado em um bordel, até o início da pesquisa. Não tínhamos idéia de como era, seus elementos físicos, mobília etc, e os elementos humanos, número de pessoas, atribuições, trajés, linguagem, receptividade, hábitos... Várias “fantasias” nos passaram pela mente, criando medos. Como seríamos recebidos, o que encontraríamos? Preparamos roteiros de perguntas a serem feitas às prostitutas, e estratégias para a chegada.

Imaginávamos a liberdade e a libertinagem no ambiente do bordel. Acreditávamos que ali as pessoas estariam livres de todos os controles sociais. Para as pessoas “normais”, a prostituição aparece como forma de “fugir” aos mecanismos de controle; cuidados com a aparência, manutenção da honra, dignidade, etc. Mas, para quem já está na prostituição, em nossa cabeça, tais controles já não funcionariam mais. Não há mais o que temer (ou perder), pois já se é prostituta. Daí que uma parte de nossa preocupação era com a linguagem a empregar, não ofendê-las e, apesar de serem prostitutas, tratá-las com dignidade, com o respeito devido a um ser humano. Coisas de nossas cabeças ingênuas, nas quais foi construído um desconhecimento tão grande, através da família, da escola, da igreja, dos meios de comunicação de massa, que sempre nos disseram que deveríamos ser pessoas de bem, nunca nos assemelhamos às prostitutas (que por dedução lógica, implica não ser pessoa de bem).

### Entrevistas com Pessoas da Sociedade

Enquanto nos preparávamos para ir ao bordel, realizamos entrevistas com pessoas de diferentes ocupações profissionais e de diferentes níveis sociais. Aplicamos dois tipos de questionários. Um com dez perguntas e outro com sete. Acompanhe as perguntas e as respostas à cada pergunta.

#### Primeiro questionário - 10 perguntas

Essas entrevistas foram realizadas junto a professores, orientadores educacionais, supervisores pedagógicos e diretores de escolas públicas municipais do município de Blumenau: EBM Nemésia Margarida, EBM Felipe Schmidt e EBM Paulina Wagner. Todas localizadas nas proximidades da BR470, onde é maior a concentração de bordéis, no município de Blumenau, região em que se localiza o Portão Vermelho e a rua conhecida como Vale das Bonecas, em alusão ao alto número de casas de prostituição.

Atualmente o “Vale das bonecas” foi fechado pelo poder público.

1) O que você acha que é uma prostituta?

Respostas: - Pessoa que negocia o próprio corpo.

- Pessoa como outra qualquer.

- Pessoa sofrida.

- Mulher de vida fácil.

- Pratica sexo por dinheiro.

- Mulheres que, com dificuldades econômicas, optam pelo mais fácil.

2) Por que você acha que tem uma “luz vermelha” em muitos prostíbulos?

Respostas: - Para chamar muitos clientes.

- Chamar a atenção para o local.

- É marca registrada.

- Maneira de atrair o freguês.

- É para as pessoas saberem o que funciona ali.

Obs.: Na realidade, o hábito de sinalizar as casas de prostituição já vem da Grécia Antiga, onde se costumava ornamentar a porta ou sobre ela com desenhos, esculturas, pinturas que fizessem “mensão ao sexo ou a órgãos genitais” (Murphy, 1996: p.26). Já na Idade Média, por iniciativa das autoridades eclesiásticas e municipais, por volta dos anos 1240-50, em várias regiões da Europa, as casas de prostituição foram obrigadas a exibir, do lado de fora da porta, uma marca distintiva, que indicasse claramente que ali é um bordel. Um desses sinais usados era manter uma luz acesa, à noite, do lado externo da porta. A função dessa identificação é dupla: a) manter as prostitutas restritas a um espaço, isolá-las do convívio social das pessoas; b) diminuir as visitas “enganosas” das “pessoas de bem”, que assim tinham que, publicamente visitar as prostitutas, não mais camuflar, como se estivessem fazendo outra coisa ali. Até mesmo às mulheres prostitutas “lhes é imposta uma longa marca, exterior, bem visível” (Rossiaund, 1991, p.61) para distingui-las das demais mulheres casadas ou que buscassem casamento.

Assim, vemos que a função da “luz vermelha” tinha, ou deveria ter, uma função reguladora, classificatória. Ao que nos parece, essa ainda é sua função.

3 – Qual sua opinião quanto o significado da luz vermelha?

Respostas: - “Perigo”.

- Nunca pensei sobre o assunto.
- Discriminação, preconceito.
- Demarcação de território.
- Identifica o lugar e a finalidade.

4 - Como você imagina que vive a prostituta?

Respostas: - O exterior é alegre mas o interior é triste.

- Como outra pessoa qualquer.
- Sem privacidade, precisa estar sempre pronta quando solicitada.
- Todas querem sair dessa vida.
- Vivem fingindo, uma vida de mentira.
- Não sabem o valor do trabalho.

5 - Você faria amizade com uma prostituta?

Respostas: - Sem dúvida.

- Jesus fez, por que eu não faria?
- É um ser humano, merece uma chance.
- Sim, mas com restrições.
- Sim, mas não frequentaria os lugares que ela frequenta, nem me apresentaria publicamente em sua companhia.
- Meio difícil, poderia me comprometer.

6 - Teria chance de alguém, em sua família, ir trabalhar na prostituição?

Respostas: - Não.

- Talvez, mas é difícil.
- Não, pela formação que recebemos de casa.
- Acho que não, pois todos estamos resolvidos economicamente.
- Impossível, não há nenhuma ligação.

7 - Se alguém de sua família fosse para a prostituição, o que você faria?

Respostas: - Respeitaria sua decisão.

- Seria excluída da família.

- Procuraria ver o porquê e tentaria ajudar para que saísse dessa.

- Tentaria o impossível para que mudasse de vida.

- Aceitaria, com certas restrições.

8 - a) Você acha que a prostituição por si só é um problema? b) Quais problemas vêm da prostituição?

Respostas: a) - Sim, pois uma prostituta vende seu próprio corpo.

- Sim, é um sério problema.

- É um problema porque torna essas mulheres infelizes.

- A maioria já começa com 12 ou 13 anos e isso é problemático.

- É um problema pessoal dela, mas na sociedade ela até ajuda a resolver problemas, como das pessoas solitárias.

- Não é um problema tão sério assim, há outros piores.

b) - São muitos, como as doenças venéreas, a AIDS, que contagiam outras pessoas.

- As doenças e os maus tratos às mulheres.

- Causam o desamor na família.

- Geram a falta de fé em Deus e de coragem em si.

- desvalorizam o corpo, a saúde e a vida.

- o problema do desrespeito ao ser humano.

- Contaminam a sociedade com maus hábitos, desarmonizam o lar.

- Propiciam que as esposas sejam enganadas.

9 - Que iniciativas você indicaria para superar esses problemas?

Respostas: - Conscientização e esclarecimento.

- Melhorar a educação na família e na escola para uma melhor moral.

- Melhores condições de vida, emprego.

- Criar condições de construirmos o "cidadão" que não venda seu corpo para sobreviver.

- Fazer amplas campanhas educativas, nas esquinas, nos cantos, por tudo, para acabar com a prostituição aos poucos.
- Convidar os donos dos prostíbulos para palestras de esclarecimento, mostrando as conseqüências da prostituição.
- Dar mais emprego, prá todo mundo.
- Dar educação de graça, até na faculdade.

10 - Por que você acha que alguém vai para a prostituição?

Respostas: - Desemprego.

- Crise econômica, fábricas falindo.
- Falta de opção de outra coisa melhor.
- Porque não tiveram chance de estudar e de competir nessa sociedade, onde está difícil até para quem apresenta essas condições.
- Problemas familiares -estupros muitas vezes acontecem dentro de casa.
- Maus-tratos dos maridos, alcoolismo.
- Falta de informação das mulheres.
- Garotas iludidas com uma proposta do mundo entre “plumas e paetês”.
- Lar desestruturado.
- Miséria, amargura.
- Solidão, infelicidade.

\* Segundo questionário - 7 perguntas

Esse questionário foi aplicado seletivamente a pessoas de diferentes espaços sociais/categorias de trabalho. Entrevistamos: uma dona de casa (do lar), 45 anos; uma dentista 42 anos; cabeleireira, 25 anos; costureira, 38 anos; um estilista, 43 anos e um administrador com 23 anos.

As respostas serão enumeradas na seguinte ordem: **Nº 1** - do lar; **Nº 2** – Dentista; **Nº 3** – Cabeleireira; **Nº 4** – Costureira; **Nº 5** – Estilista; **Nº 6** – Administrador.

A) Que problemas a prostituição traz para a sociedade?

- 1 - Doenças e falta de moral. Pessoas não qualificadas.
- 2 - Menor abandonado, doenças, influências negativas nas famílias.
- 3 - Depende da prostituta. Muitas destróem os lares.
- 4 - Depende do ambiente, nenhum. Dentro do local delas, não tem problemas. O cara vai lá, problema dele. Se não quero me expor a um problema, não vou procurar.
- 5 - As pessoas têm muito preconceito. Numa sociedade muitas vezes a prostituta tem mais classe do que as pessoas da sociedade. Mas não acho a prostituição necessária.
- 6 - Destruição do lar familiar e as doenças para a família.

B) Que iniciativas deveriam ser tomadas?

- 1 - Proibir menores de trabalhar e profissionalizar o ramo da prostituição.
- 2 - O governo deveria auxiliar os pobres. Geralmente é na polícia que surge a prostituição. A prostituição na classe alta é um comércio ilegal.
- 3 - Mais educação e apoio às pessoas mais pobres e ter maior oferta de emprego.
- 4 - Ficar no canto delas. É um trabalho como outro qualquer. Sou contra prostituição na esquina. Deveria ter um lugar próprio.
- 5 - Carinho, compreensão, mais apoio.
- 6 - Deveriam pegar as meninas e dar ajuda, lares de ajuda, empregos. Poderiam absorver a mão de obra delas. Se ninguém mais pagasse, ela também se acabaria. Eu também não vejo utilidade no trabalho delas para a sociedade. Nunca fiz uso dos serviços delas, mas já frequentei a casa com amigos.

C) Você conhece alguma prostituta?

- 1 - Já conheci, tinha amizade com ela. Hoje ela casou.
- 2 - Conheço uma sim.
- 3 - Não conheço nenhuma.
- 4 - Não, não conheço.
- 5 - Conheço uma até bem fina. Casou-se e está em Roma.
- 6 - Não conheço.

D) Como ela vive e ganha a vida?

- 1 - É um trabalho normal. Ela ganhava a vida com seu trabalho.
- 2 - Vendia o corpo. Tem vários bens.
- 3 - Acho que elas vivem bem, embora não conheço.
- 4 - Submetem-se a tudo. Pagando elas tem de fazer tudo.
- 5 - Pela que conheci, era ambiciosa. Algumas podem ter um gigolô, que elas ainda sustentam.
- 6 - Não sei por não conhecer.

E) Você faria amizade com as prostitutas? Por quê?

- 1 - Não. Por questão de família. Os outros iriam falar.
- 2 - Não. Porque não. É muito baixo, têm tantas maneiras de ganhar a vida. Não me sentiria bem.
- 3 - Não. As pessoas comentariam muito, o pessoal é muito preconceituoso.
- 4 - Sim. Cada um tem uma sorte. Se fosse rica, seria um caso de procurar um psicólogo. Às vezes não é prazer, mas um problema da pessoa.
- 5 - É uma pessoa normal.
- 6 - Não. Não faria amizade. Preconceito da sociedade. O que os outros vão falar?

F) Teria chance de alguém de sua família ser ou tornar-se prostituta?

- 1 - Não, pela educação que a gente teve.
- 2 - Não, a base da educação que a gente ganhou é muito preconceituosa.
- 3 - Não. Acho que da forma que fomos criados com preconceitos dentro da moral.
- 4 - Graças a Deus não. Somos de classe médios, bem encaminhados. Gente de família.
- 5 - Não. Nem pensar.
- 6 - Não, impossível.

G) Se descobrisse que uma filha ou um filho seu tornou-se prostituta(o), o que pensaria?

- 1 - Não consigo imaginar uma filha ou um filho meu se prostituindo.
- 2 - Nem sei o que pensar.
- 3 - Que teria havido uma falha na educação que dei para eles.
- 4 - Falha na educação. Buscaria saber o que está acontecendo, iria dialogar.

5 - Não respondeu.

6 - Ganância pelo dinheiro.

Comparando o discurso dos médicos sobre a prostituição, no século passado, com o que as pessoas dizem hoje em dia, tem muita coisa parecida. Embora mudem um pouco as palavras, o sentido daquilo que se diz ainda é o mesmo. Alguns itens podem ser claramente destacados. A relação entre prostituição, desordem e proliferação de doenças. A idéia de que deva haver lugares próprios, geograficamente definidos, devidamente identificados. Que a prostituição é um problema social e moral, que incomoda mais de 80% das pessoas. A relação entre prostituição e miséria, desemprego. A certeza de que é a má educação a responsável pela prostituição (veja-se a preocupação dos médicos com a sexualidade das crianças nas escolas). Uma disposição generalizada de manter a prostituição sobre rígido controle, já que é “utopia” querer acabar de vez com ela.

Obviamente, organizar a cidade não foi obra apenas dos médicos. Um vasto jogo de micro e macro estratégias, técnicas e relações de força se travaram, com o apoio de pais, educadores, Igreja. Mas a ação policial e da justiça também foram fundamentais. Mesmo em Blumenau a polícia, a promotoria e o Judiciário foram firmes no trabalho de organizar a cidade, combater a prostituição, como demonstra a reportagem do jornal *A Nação*, de Blumenau, com data de 21/05/69, noticiando que uma mulher (Dona Isoldina Farias) foi presa e estava sendo processada pelo Promotor Público (Vinícius de Oliveira) por “manter por conta própria, casa de prostituição, destinada a encontros amorosos” (*A Nação*, Blumenau, 21/05/69: p.8). Além de apoio de jornalistas e editores na investigação, denúncia e divulgação dos casos de prostituição, “tráfico” de mulheres, e “Escravos Brancos” (*A Nação*, Blumenau, 10/04/66: p.8).

Com isso, as pessoas constituíram uma subjetividade tal que

passaram a desejar a Ordem, a família (nuclear) como valor. Subjetivaram a idéia de controle. Na família, na escola, em todos os espaços institucionais somam-se forças para “pôr ordem” na cabeça das pessoas. Vivemos a *sociedade de controle*, com tecnologias cada vez mais refinadas, os indivíduos virtualizados e controlados à distância, através das novas tecnologias.

#### 4 A PROSTITUIÇÃO EM BLUMENAU: DADOS DA PESQUISA

Como não conhecíamos ninguém no ramo da prostituição, decidimos que primeiro passaríamos pelas casas, à tarde (ainda de dia) para fazer o primeiro contato, conversar com os donos do estabelecimento, pedir licença para realizar as entrevistas, saber do melhor horário para conversar com as mulheres. Definimos também um roteiro básico de perguntas, que serviam para orientar nossa conversa com elas. Para além das perguntas, as entrevistas seriam abertas, com espaço para o diálogo, buscando conhecer as subjetividades desses espaços.

##### Roteiro de perguntas

- 1) Com que termos você define seu trabalho?
- 2) Região de origem e tipo de família.
- 3) Fatores que contribuíram para entrar no ramo .
- 4) Para sua família, amigos e comércio, o que você diz que está fazendo?
- 5) Que tipo de valores (que você acreditava) mudaram depois que você entrou para a prostituição?
- 6) O que tem de bom em seu trabalho, quais são os ganhos?
- 7) O que tem de ruim, o que você mudaria?
- 8) O que você pensa sobre Deus e sobre a família?
- 9) Você pensa em sair da prostituição? Quais são os seu sonhos?

Com certo pânico, em um sábado à tarde, nos dirigimos para o primeiro contato com a prostituição. Nas proximidades do SESI. Pedimos ajuda a um rapaz sobre a localização do estabelecimento. Dissemos que éramos da FURB, fazíamos pesquisa, mesmo assim o rapaz mostrava certeza que buscávamos um “programinha”. Isso se repetiu outras vezes. Em nosso meio social, certos conceitos funcionam como dispositivos da subjetividade e fazem as pessoas reagirem quase espontaneamente quando eles são acionados.

De todos os estabelecimentos que contatamos, apenas dois, um na Rua São Paulo e um na Rua Joinville, não nos permitiram realizar entrevistas. Sequer nos permitiram entrar na casa. Estas não estavam identificadas, camuflavam a fachada como residência familiar.

Na primeira casa noturna fomos recebidos pelo administrador. É um estabelecimento grande, com várias edificações, entre árvores. Tem uma boa estrutura, escritório, funcionários, guardas, refeitório, lavanderia. O número de mulheres oscila entre 25 e 30. É a única em que encontramos tal estrutura. Fomos recebidos com simpatia. Realizamos entrevista com o administrador e uma das “meninas”, escolhida por ele. As entrevistas foram muito ricas, passamos a ter uma noção de como se organiza esse mundo. A idéia de liberdade/libertinagem foi se desfazendo, na medida em que o administrador nos falava do funcionamento da casa que, em linhas gerais, lembra a escola ou os internatos. Entrevista com o administrador:

Nome mais usado para o estabelecimento:

- Casa noturna, boate, Wisqueria. No alvará pode constar casa noturna ou Wisqueria.

Tipo de clientela:

- Pessoas que vem para beber, buscar companhia, fazer programas.

Atendemos pessoas da classe “A” até pelos custos (cerveja longuinet - R\$5,00, saída da mulher - R\$50,00, que fica para a casa, programa da mulher - R\$100,00 por uma hora...)⁴. Quando aparecem pessoas de classe “C”, por exemplo, se tiverem dinheiro, são atendidos normalmente. Em caso de conflito, a polícia pode ser chamada, mas geralmente os seguranças resolvem o problema.

#### A prostituição:

É uma profissão. Com tanto desemprego, é uma alternativa de trabalho, gera vários empregos diretos e indiretos. É uma profissão que deve ser levada a sério, é um trabalho duro, as meninas fazem de dois até, no máximo, cinco a seis programas por noite. Têm “meninas” que tiram até mil reais por semana.

#### Contratação e regulamento:

O contrato é apenas verbal. Elas são obrigadas a entregar a carteira de identidade, que fica com o Administrador (no cofre). Os critérios para trabalhar são: ter entre 18 e 24 anos, ser simpática, saber conversar, ter charme, saber se arrumar e se cuidar, não pode usar drogas (se usar droga é expulsa). A beleza é relativa, “se é simpática já não é mais feia”. Não pode fazer bagunça ou desordem na casa nem nos quartos. Devem estar prontas e dispostas para o trabalho assim que a casa abre, 12:00h, mas só precisam estar no salão às 17 ou 18 horas e permanecer até a casa fechar, às 5:00 h da madrugada. Não pode beber cerveja, só “dose” de *Wiski* ou *Kipkuller*.

#### Doenças venéreas, AIDS:

O centro de saúde vem regularmente, faz palestras, orientações, distribui camisinhas e elas procuram o médico quando há problemas.

---

⁴ Preços praticados em 1998.

### Rotatividade:

As meninas geralmente já vêm de outras casas noturnas, de Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis ou outras grandes cidades. Vêm, ficam dois ou três meses e vão embora, para outra casa. Poucas permanecem mais tempo e poucas são de Blumenau. Aqui elas têm pensão (quarto, alimentação), portanto moram aqui na casa mesmo.

De todas as entrevistas com donos/administradores das casas, ressaltamos: o fato de reterem a carteira de identidade das mulheres é prática em todas as “casas noturnas”. Os donos justificam, é para assegurar-se de que não são menores, nem tenham problemas com a lei. Mas, segundo as mulheres, a estratégia tem outra finalidade. Como essas casas investem em uma estrutura própria, têm suas despesas, através das mulheres, obtém o lucro. O ramo não é reconhecido como profissão. Portanto, não se pode fazer contrato trabalhista, que é proibido por lei, pois caracterizaria exploração da prostituição. A retenção da carteira de identidade funciona como garantia de que a mulher não vá embora, deixando ônus ao proprietário. Se a mulher sai da casa na hora do trabalho, sem que um cliente tenha pago sua saída, ou se ultrapassa o tempo pago pelo cliente à casa, ela paga multa. E a jornada de trabalho é longa, vai das treze ou catorze horas até às cinco da madrugada. Após dormirem, tomarem banho, almoçarem e se arrumarem, sobra muito pouco tempo para fazer outras coisas. Algumas mulheres até gostariam de estudar, mas a jornada de trabalho dificulta muito.

## 5 RESULTADOS E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS MULHERES PROSTITUTAS

### TERMOS USADOS PELAS PROSTITUTAS PARA DEFINIR SEU TRABALHO

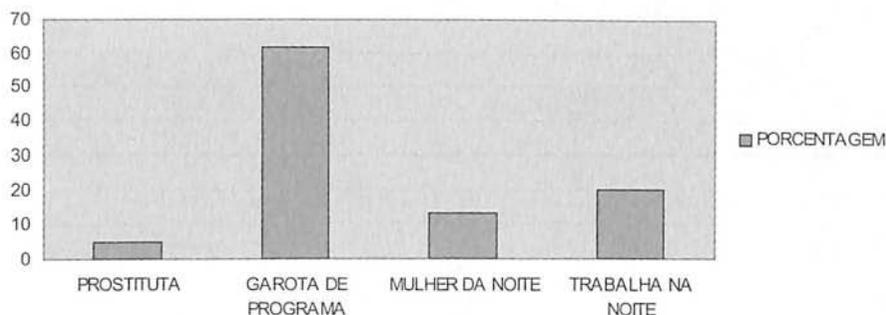


Gráfico 1

Pouquíssimas mulheres gostam do termo prostituta. Todas criam uma distinção entre prostituta e garota de programa ou mulher que trabalha na noite. O termo prostituta, para elas, é uma desvalorização do ser pessoa, tem toda uma carga negativa, pejorativa. Enquanto que garota de programa, mulher que trabalha na noite, simboliza a profissional honesta, o que lhes resguarda a dignidade.

### MODO COMO AS PROSTITUTAS ACEITAM SEU TRABALHO

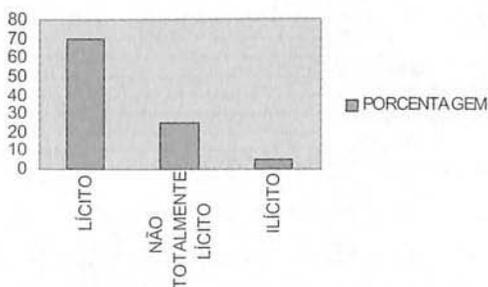


Gráfico 2

O trabalho, para 70% das mulheres é lícito, embora apenas 5% se aceitem como prostitutas (gráfico 1). Usar outro termo para definir

seu trabalho, constitui um subterfúgio ao qual elas se prendem. Deve-se levar em conta que 100% delas acreditam em Deus, todas foram criadas numa família que lhes ensinou as doutrinas de uma religião (85% cristã, 7% budistas e 8% espíritas). Embora tenham superado os moralismos de sua religião, ainda acreditam nas doutrinas sobre salvação, castigo, mal, etc. Assim, na sua subjetividade, há dicotomia entre a formação tradicional recebida e este novo mundo, como se pode ver nesta fala: “Minha mãe é daquele tipo caipira, que se a menina vem perguntar alguma coisa de pênis ou ereção, já vem dizendo *"onde você aprendeu isso? Quem te falou isso?"* Já vem batendo... E fica te sufocando, você tem que ir na missa, sem você querer. Você quer sair, ir dançar e não pode” (fala transcrita da entrevista com uma das mulheres).

Apresentam, portanto, dificuldade em subjetivar positivamente este contexto em que estão inseridas. Apresentam pudores, como: “têm coisas que os clientes pedem mas eu não faço, nem que ele me pague mais. *Que coisas?* Ah! Fazer o papel do homem, aquela parte masculina, isso eu não faço” (trecho da entrevista).

“... Eu me acho super liberal. Não é todo dia que você me encontra assim, de calças. Às vezes eu boto uma roupa mais chamativa, mas se fosse para morar em um lugar de modismo eu não moraria. *Que mal isso poderia ter?* Não sei, mas é ruim você passar e alguém ficar te vendo toda nua. Acho que para mim não serve, não entra na minha cabeça. Você ficar nu perto de uma pessoa. Fechada no quarto, sim. Mas na frente de várias, em ambiente aberto, não” (trecho de entrevista).

A prostituição, frente aos valores da família, da moral é criticada por elas. Mas do ponto de vista do trabalho, como meio de ganhar seu dinheiro para viver, na dimensão ética da profissional, consideram-se honestas, fazendo um trabalho lícito. Consideram justos os motivos que as trazem e as mantêm nesse ramo. A questão econômica, em muitos casos,

serve tanto para justificar sua entrada na prostituição quanto de conseguir guardar algum dinheiro a mais e futuramente sair da prostituição, tornar-se economicamente independente.



Gráfico 3

A maioria das mulheres (69%) provêm do Paraná; boa parte do Planalto e do Oeste catarinense, que são regiões mais agrícolas, êxodo rural, poucos empregos, etc.



Gráfico 4

Apenas 32% das mulheres que estão na prostituição são solteiras. Além disso, cruzando os dados das solteiras e das que têm filhos, muitas das mulheres solteiras já tiveram filhos antes de entrar na prostituição. E 68% das mulheres que estão na prostituição já tiveram ou ainda tem parceiros fixos. Isso nos mostra que, além de causas econômicas, causas familiares

(52% são separadas), desafetos, e maus tratos, machismo e autoritarismo também têm forte influência sobre a entrada na prostituição.

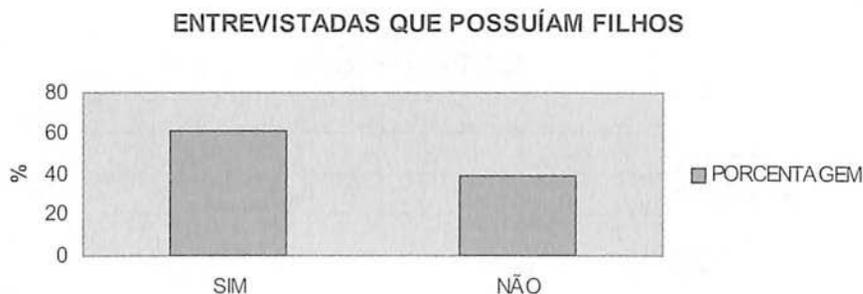


Gráfico 5

As ambiguidades desse mundo mostram-se com frequência, a maioria é casada ou separada, tem filhos e falam ambigualmente de sua condição profissional:

“Eu sou feliz aqui, gosto de ficar aqui. Se eu quiser sair eu saio (...) mas eu não quero isso para minha filha” (trecho de entrevista).

“Tenho duas filhas. Com uma não tive muito trabalho para desviá-la desse caminho. Mas a outra fugiu de casa para poder tornar-se prostituta. Não que eu condene o que faço. Trabalho no ramo já há mais de vinte anos e gosto do que faço, mas eu queria uma coisa diferente para elas” (trecho de entrevista).

“Acho a profissão um trabalho normal, não me acho imoral ou promíscua. Tenho minha dignidade como trabalhadora. Mas agora estou vivendo um romance e quero me casar. A estabilidade do lar é uma coisa boa. Mas tem que ser uma família aberta, que conversa, dialoga. Essa coisa de ser muito fechada, moralista, não dá” (trecho de entrevista).

“O problema não está em nós, mas nas esposas que não conseguem satisfazer as fantasias eróticas e sexuais dos maridos, são limitadas” (trecho de entrevista).

Falas como essa nos remetem a um tema mais amplo, da sexualidade feminina, a subjetividade da mulher, o sexo no casamento, as representações sociais do sexo, do prazer, do amor-posse, a subjetivação dos controles institucionais.

### FATORES NEGATIVOS DA PROSTITUIÇÃO

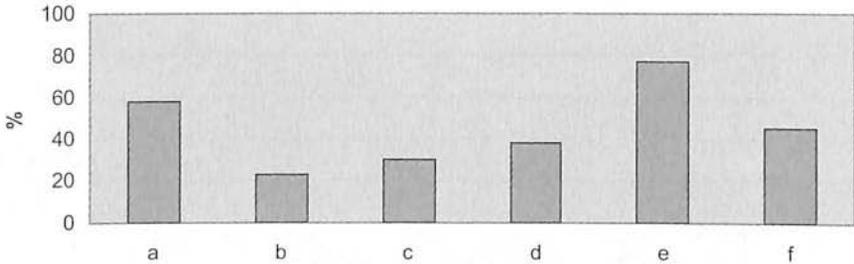


Gráfico 6

Legenda:

- a) Obrigatoriedade do consumo diário de álcool.
- b) Clientes agressivos
- c) Regime de casa onde trabalho (normas, horário, jornada de trabalho).
- d) Possibilidade de contrair doenças venéreas.
- e) Preconceito da sociedade acerca da prostituição.
- f) Obrigatoriedade da prática sexual indiscriminada.

Os dois itens de maior rejeição referem-se ao lucro do dono da casa e à conduta da sociedade. A obrigatoriedade do *consumo diário de álcool* é exigência das casas, que obtêm aí grande parte de seu lucro. O *Preconceito acerca da atividade (prostituição)*, que cerceia a liberdade das mulheres na sociedade, as agride, demonstra a ignorância e os preconceitos da moral.

Já os itens “b”, “c” e “d” são os mesmos tópicos que qualquer cidadão poderia aceitar em qualquer outro ramo profissional. São os

problemas que nossa sociedade gera e acaba convivendo com eles. O item “f” é ambíguo, pois faz parte de seu trabalho.

7. A formação escolar entre as mulheres revela-se deficitária e interrompida.



Gráfico 7

A maioria das mulheres, cerca de 60%, não chegou a completar o 1º grau de escolarização. Cerca de 8% iniciou um curso superior, mas abandonou. Nesse nível, “B”, a prostituição não é um caminho para pagar os estudos, como pode ocorrer no nível “A”. Sua escolarização aproxima-se dos índices da população de renda média.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As pessoas deveriam ter um pouco mais a mente aberta em matéria de sexo e do porquê de existir uma mulher de programa. “A gente tá (na prostituição) não porque a gente gosta, é porque eles vêm procurar

a gente. Se as mulheres pensassem o que o marido gostasse de ser feito, não existiriam essas mulheres. *Você acha que existiria uma sociedade sem prostitutas?* “Acho que sim, se as mulheres fossem mais atenciosas aos desejos sexuais dos homens. Porque eu acho assim, uma mulher que olha para você e já começa a te humilhar é porque é muito despeitada, não é capaz de segurar o homem que tem em casa, é porque ela tem alguma coisa de ruim, né” (trecho de entrevista).

A prostituição, embora exista há longa data, parece acompanhar as características gerais da sociedade. Depois de conhecê-la de perto, pareceu-nos mais uma das instituições da sociedade. A subjetividade da mulher nesse mundo, embora com os mesmos referenciais da sociedade em geral, constitui-se de forma ambígua, pois ela vive a situação concreta dos preconceitos da moral social. Ela pratica as coisas “ruins”. Se por um lado ela rompe os limites da moral, por outro ela vai buscar nessa mesma moral as motivações para sair desse mundo.

Mas encontramos muitas pessoas boas em nossa pesquisa. Alegres, cheias de esperança. Sofridas, mas com garra para tocar a vida. Iludidas, esperando o “príncipe encantado” que virá buscá-las. Realistas, assumiram que esse é seu trabalho, que têm suas durezas a serem suportadas, como outro trabalho qualquer. A pesquisa ajudou-nos a superar alguns limites no campo pessoal, algumas estreitezas no campo moral. Acreditamos que se deveria fazer uma pesquisa mais específica sobre a construção da sexualidade feminina, as representações do prazer, a vivência do desejo e as limitações que o atual modelo educativo produz na mulher.

## BIBLIOGRAFIA

- RANKE-HEINEMAN, Uta. *Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Trad. Paulo Fróes. 3. ed. Rio: Rosa dos Ventos, 1996.
- ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Tradução por Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1991, 224 p. Tradução de: La Prostitution Médiévale.
- MURPHY, Emmett. *História dos grandes bordéis do Mundo*. Tradução por: Heloísa Jahn. 2. ed. Porto Alegre: Artes e Ofícios. 1994.
- MACHADO, Roberto et al. *Da nação da norma*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978, 559 p.
- RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- BASSERMANN, Lujo. *História da prostituição*. Tradução por rubens Stuckenbruck. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968, 414 p. Tradução de: Das Alteste Gewerbe.
- ANGELI, José. *Prostituta por opção*. Curitiba: GRAFIPAR, 1979, 90 p.
- KIRSCH, Jonathan. *As prostitutas na Bíblia: algumas histórias censuradas*. Tradução por Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Ventos, 1998.
- BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1982.
- ENGEL, Magali. *História e Sexualidade no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade, vol. I - A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.
- PEREIRA, Armando[ et al.]. *A Prostituição é Necessária?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- COMÉRCIO do sexo envolve centenas de pessoas. *Jornal de Santa Catarina*. Caderno B, 11 - 12/12/94, p. 8 - 9.
- CRISE econômica agrava problema social. *JSC*, 18 - 19/04/93, p. 10, col. 2 - 6.
- MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da Vila: Prostituição, Identidade Social e Movimentos Associativos*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- PONTES, Márcia. *A Face Sofisticada e Rentável da Prostituição*. *Jornal de Santa Catarina*. Caderno A, 26/04/95, p. 03.
- SANTIAGO, Vandek. *Grandes Cidades Investem para mudar a vida no centro*. Folha de São Paulo. Caderno 03, 19/05/97, p. 4 - 5.
- TRAFICANTES de 'escravas brancas' estão atuando em SC: menores são vendidas a 250 mil. *Jornal A NAÇÃO*, 10/04/1966, p. 8.
- JUSTIÇA processará proprietária de uma casa de prostituição. *Jornal A NAÇÃO*. 21/05/1969, p. 8.



TAMANDARÉ  
Futebol Clube

## TAMANDARÉ FUTEBOL CLUBE

Walmor E. Belz\*

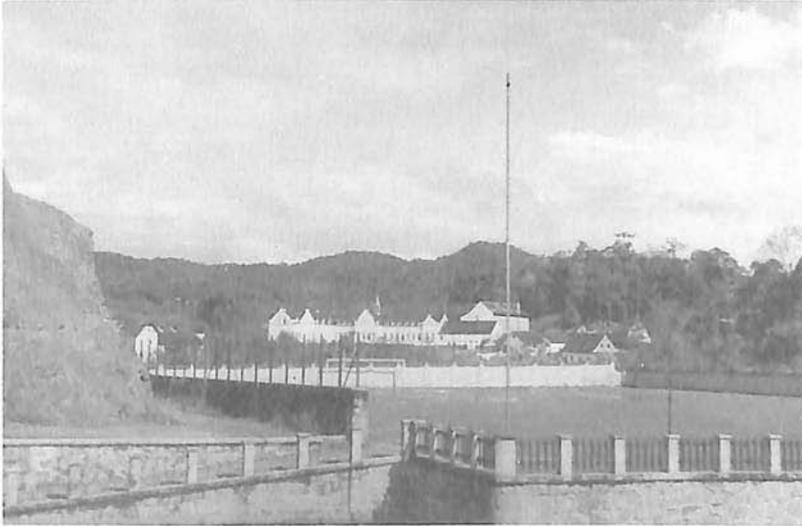
Quem não se lembra da gloriosa trajetória no futebol amador nos anos 30 a 50, comandada pelo Tamandaré F.C. Fundado em 9 de agosto de 1934, sendo uma das faces da sociedade recreativa dos alunos do Colégio Santo Antônio? A ata de fundação foi assinada pelos senhores Edmundo dos Santos, Alexandre M. de Queiroz e Luiz Freire Rezende, e com novo regimento em 1949, assinado por Ayres C. Pereira. Esta entidade foi celeiro de inúmeros craques do futebol catarinense como: Famfa, Adoli, Jaime, Gropp, Piloto que jogou no Olímpico e Carlos Renaux, Longo e Notari, campeões pelo aspirante Olímpico de 49, Ludim, pelo Palmeiras e Paissandu, Massita, Luiz Razini, Sadinha, pelo Palmeiras, e os campeões estaduais Aderbal, pelo Carlos Reunax, e Walmor, pela famosa Equipe do Olímpico de 1949. As atividades do Tamandaré, cujas cores são azul e branco, mantinham relações esportivas com muitos times amadores da região como Gaspar, Joinville, Lages, São Francisco do Sul, Itajaí, Jaraguá do Sul, Ibirama, Indaial, e até mesmo com o Fluminense Futebol Clube do Rio de Janeiro. Entretanto, a fase áurea que o Tamandaré viveu foi sob o comando de Aderbal V. Schaeffer, nos anos 40 e 50.

Em 1946, o Tamandaré disputou importante campeonato, envolvendo equipes de Lages, Brusque e Blumenau, vencendo todas as agremiações com notável equipe: Flesch, Notari, Fiedler, Fogaça, Mauro, Walmor, Aderbal, Ney, Krueger, Doming, Ludim e Cherem. Nessa época, o futebol encantava Frei Luiz, fluminense doente, Professor Max Kreibich,

---

\* Emérito da Academia Catarinense de Medicina. Foto de abertura, em pé: Fleit, Spit, Fogaça, Jensen, Flesch, Notari. Agachados: Walmor, Aderbal, Pavão, Gando e Perú - 1945.

vascaíno fanático e o palmeirense Frei Odo, e Frei Eurico, apaixonados pelo futebol e pelo Olímpico. E o Frei Adelino que conosco jogava. O time do Tamandaré fazia às vezes representar o aspirante e juvenil do Olímpico. Existiam na época dois campos de futebol, um chamado dos menores, sem grama, localizado onde hoje está o ginásio coberto, e o outro assim chamado dos grandes, que situava-se onde hoje encontramos o Porta Aberta.



Colégio Santo Antônio. Vista do campo localizado onde atualmente fica o Porta Aberta.  
Ao fundo, Colégio Sagrada Família, anos 40.

Interessante que, além das partidas oficiais, disputavam-se os famosos rachas, como o chamado Tostão. Permitia-se jogar só descalço e tinha-se que depositar um tostão. Quem ganhasse levava a bolada. Famosas e renhidas pelegas foram “Internato contra Externato, das quais saíam faíscas. Havia também o famoso Fla-Flu entre torcedores dos dois times comandados pelos Bertolis. E as famosas disputas de ginásio contra científico e contador.

Época de encantamento. Hoje acredito não existir mais aquela paixão pelo Tamandaré. A vida muda, nós mudamos, mas as reminiscências ainda vivem.

## E OS MORROS ANDARAM

Alda Niemeyer\*

Choveu desde fins de agosto. Nós, os radioamadores, havíamos montado nossas antenas e nossa estação num terraço da APAE, para divulgar a AÇÃO SOCIAL, um grande evento realizado pela FURB e APAE, durante um final de semana. Tudo estava molhado: grama, árvores, caminhos. Mesmo assim este evento estava bem concorrido e nós mandamos nosso cartão QSL-especial para muitos colegas brasileiros e estrangeiros. Dos visitantes da festa, chegaram muitos curiosos para ver como funciona o radioamadorismo.

Chovia durante 90 dias, às vezes com pequenos intervalos de sol, até que em 21 de novembro veio “o dilúvio”. A chuva caía tão forte, que da nossa casa não víamos mais a casa do outro lado da rua. As notícias via rádio comercial trouxeram as primeiras informações alarmantes. Fornecimento de água interrompido, devido um deslizamento de morro. Escolados como somos pelas enchentes passadas, começamos a captar água da chuva em tudo que era vasilhame, banheira e tanques de lavar roupa. Ação rápida, de tão grande que era o volume de água que caía do céu.

Nós, os radioamadores, estávamos à disposição da Defesa Civil, como sempre em casos de emergência. Nosso treinamento com a Defesa Civil, dentro da RENER (Rede de Emergência Nacional de Radioamadores) é constante, bem como são freqüentes as orientações e atualização que nos preparam para este trabalho. Cada um de nós tem seu posto, sabe como chegar lá rapidamente e montar a estação. Só que desta vez não era o rio que causava preocupação. Eram os morros, os deslizamentos das encostas em todos os lados e bairros da cidade. Os morros começaram a andar!

---

\* A autora é PP5ASN, do Clube de Radioamadores de Blumenau.

A terra estava tão saturada, tão encharcada, que não segurava mais. Veio abaixo com tudo o que havia pela frente: árvores, postes, casas e seres vivos. O volume da água que veio do céu foi demais para o solo, as encostas e os morros. Como em partes da cidade a rede elétrica, os telefones e os celulares continuaram funcionando, o trabalho dos radioamadores nesta calamidade foi bem outra. Cada um no seu posto já havia montado seu equipamento, garantindo a comunicação entre si, a Defesa Civil, o Exército no Quartel e demais órgãos que ajudam em caso de emergência.

Assim, soubemos também do deslizamento atrás do Shopping Center, que inundou o estacionamento e da encosta que desceu na Rua Martin Luther, atingindo casas e tornando intransitável aquela via. Estávamos a par da evacuação das famílias na Rua Coripós, que já foi providenciada um dia antes. Acompanhávamos o acontecimento na Rua das Missões, onde desceu outro morro e via de asfalto, tornando tudo intransitável por ali também.

O rio Itajaí-Açu elevou seu o volume da água a 11 Metros e 52 centímetros. Volume severo para a cidade, que já tem bairros e casas alagadas com 8 metros. Mas as águas que desceram dos morros haviam cavado grandes covas debaixo do asfalto, que quebrou feito casca de ovo. Mais vias interditadas.

Nós, nos nossos postos, tínhamos outras preocupações desta vez. Não era a comunicação nossa tarefa, ela ficou em parte garantida pelos telefones funcionando e pelos celulares. Nós tivemos que ajudar a população desalojada, atingida pelos acontecimentos brutais, assustada e sofrendo com a calamidade. Tudo foi diferente de 1983 e 1984! Nossos chamados de socorro tiveram outro teor.

Assim, escutamos o nosso jovem Ricardo Gehrke-PU5KGB chamar do seu posto, pedindo ajuda. Ele estava sozinho, porque seu companheiro de trabalho não conseguiu chegar até lá. Normalmente há dois radioamadores num posto. Ricardo precisava urgentemente de ajuda. Entre os flagelados havia duas pessoas dependendo de hemodiálise, três

fraturas, uma delas exposta, uma criança visivelmente com apendicite e um morto. Ricardo precisava realmente de ajuda.

Outro chamado veio do Bairro Nova Esperança. Lá o Luiz da Silva-PP5LSD e seus dois filhos, eles também radioamadores, estavam completamente isolados. Lá o posto recém instalado ainda não tinha estrutura, não estava ainda preparado para emergências. As encostas haviam descido, levando junto as casas. As pessoas, salvas apenas com a roupa do corpo, foram alojadas na igreja e nas casas que sobraram. Faltou tudo para o nosso amigo Luiz. Nem caixa de primeiros socorros havia lá. Luiz pediu ajuda via rádio, principalmente para um senhor idoso que precisava urgentemente de insulina. O chamado desesperado foi escutado pelo radioamador Rubens Foryta-PP5RR. Ele não teve dúvida, pegou sua moto potente, encheu uma caixa de isopor numa farmácia com tudo que ele achava que era preciso para primeiros socorros. E, passando por água e barro, empurrou sua moto por caminhos difíceis, morro acima, morro abaixo, até a casa do Luiz. Hoje rimos ao lembrar que uma voz na Defesa Civil perguntou onde estaria a receita para a insulina. Ora, aquele senhor com diabetes mal e mal salvou sua própria vida, como haveria de ter documentos ou a receita médica? Mas ajuda ele teve lá no posto do Luiz. Mais tarde os filhos do Luiz, com pás e enxadas plainaram uma clareira, marcaram com cal uma área e deram assim possibilidade para que um helicóptero pudesse pousar e aliviar a situação, atendendo as primeiras necessidades.

De repente nossa repetidora no Morro do Cachorro começou a falhar. Precisava de “ajuda” também. Ela garante sempre a comunicação entre os radioamadores no Vale do Itajaí. Nosso jovem Leandro Gonçalves-PU5FBI é o diretor técnico do CRB, responsável pela repetidora. Ele, e Glenn Brussek-PP5FE não tiveram dúvidas, já que a estrada para o Morro era intransitável, embarcaram num helicóptero. Este os levou para o topo do morro, onde não havia lugar para pousar. Glenn, que conhece todo terreno, orientou o piloto. Desta forma o Leandro se viu pendurado numa

corda, com todo o material necessário para o reparo. Girando e com ventos circulando, Leandro desceu, fez o reparo e foi levantado, via corda, de volta para o helicóptero. Ele confessou, sentiu desconforto nesta ação. Mas a repetidora permaneceu funcionando durante todos os dias da calamidade.

Quem coordenou todas estas ações foi o presidente do Clube, Werner Keske-PP5QY, que desde as primeiras horas do acontecimento esteve no Quartel do 23 BI, com seus equipamentos, suas antenas e tudo que poderia ser útil. Durante dias não pôde dar-se o luxo de uma roupa limpa ou de fazer a barba. Estava presente no Batalhão, foi para a Prefeitura, andou por lama e água com Rubinásio Mendonça-PP5RU. Na oficina do Rubinásio montaram mais antenas especiais, para garantir a comunicação entre os pilotos dos helicópteros, a Defesa Civil e as estações de radioamadores. Além disso, ele havia pedido material de São Paulo, que veio até Navegantes pela “GOL “. Num helicóptero e, com Wilson Keske-PP5EDI a bordo, foi trazido de lá.. Incansável e sempre disposto a ajudar, sem medir esforços, foi Mauro Cerqueira Leite-PP5BSD. Ele, um veterano radioamador, quando se trata de calamidade pública. Desde 1983, quando recém-chegado do Rio de Janeiro, já se viu envolvido nos trabalhos de socorro dos radioamadores da cidade de Blumenau, é uma “coluna segura” nestas horas difíceis.

Alexandre Scholl-PU5BAR monta sempre sua estação direto na Defesa Civil e fica lá, dia e noite, o tempo que preciso for, deixando tudo e até sua família, depois de garantir-lhe a segurança.

Cada um dos radioamadores faz a sua parte. E, assim teríamos muito mais histórias para contar de radioamadores em ação.

Em novembro de 2008 foram 31 radioamadores voluntários a postos, dia e noite nos microfones, prontos para ajudar. Nosso trabalho é sempre gratuito e feito com todo coração. Solidariedade se escreve em letras maiúsculas. Ficamos sempre à disposição da Defesa Civil e de toda a comunidade. “Quem não vive para servir, não serve para viver” é nosso lema também.



## CORRESPONDÊNCIAS DE IMIGRANTES

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Carta nº 18

Iguassú (hoje Iguaçu), 10 de Junho de 1883.

Minha querida e boa Mãe!

As últimas cartas de janeiro de Anna e de Eugen acharam o caminho daqui (nota da trad.: há notícias de extravio de cartas) para grande alegria minha e trouxeram-me a certeza de que vocês, queridos, estão bem e também tu, minha velha e querida Mãezinha, suportaste, felizmente, a parte mais dura do inverno, e assim estas linhas te encontrarão forte e com total saúde para receber meus sinceros votos de felicidade pelo teu aniversário! Queiras estar conosco ainda muitos anos para depois de todos os sofrimentos suportados, gozar das alegrias dadas pelos netos.

Graças a Deus recebi também muito boas notícias - as últimas de 20 de abril - minha família está bem, os garotos alegres e bem comportados, o que para a mãe deles é uma das coisas que mais importa. O pequeno bando já consegue esquentar a cabeça da gente, são queridos pequenos moleques. Mathilde está novamente em casa, não agüentou a febre palustre (malária) que há lá (em Joinville) e será de grande ajuda para sua mãe na administração da casa. Não dá para confiar no serviço das empregadas domésticas, nisto elas aqui são iguais às daí.

Mathilde deveria, como já escrevi antes, ficar ainda alguns anos em Joinville a fim de completar tanto quanto possível o seu enxoval, coisa que não pode ser feita em Blumenau. Na verdade, a saudade de casa deve ter tido um papel preponderante na doença dela e assim não resta nada a fazer do que deixar tudo como estava antes.

Naturalmente é muito prejudicial para o desenvolvimento das crianças quando são, como é o caso daí, sobrecarregadas com trabalhos da escola; é quase tão ruim quanto aqui, onde não há chance nenhuma para a formação das crianças. Infelizmente elas crescem sem ter aprendido o

estritamente necessário; como deve ser-lhes difícil nessas condições, escolher uma profissão. Elas não vêem nada, elas não ouvem nada. Certamente nos dias de hoje, estruturar uma vida - uma subsistência - não é especialmente difícil aqui, onde existem milhares dos quais pode-se dizer que “não semeiam nada e não colhem nada”. Mas quanto tempo esta situação durará? Não arderá mais cedo ou mais tarde, também nestas incomensuráveis florestas virgens, a luta pela sobrevivência, arrasando de um golpe só, as perspectivas de vida de agora?

Edmund está aqui comigo para aprender a conhecer a floresta virgem e os trabalhos no mato. Eu na verdade tinha a intenção, nesta ocasião, de lhe abrir a chance de uma carreira de técnico em telegrafia; mas para meu desgosto, tive de desistir da idéia porque Edmund quer ser construtor de máquinas e eu vou procurar arranjar um lugar com um construtor de máquinas de Curitiba. August também terminou a escola e ....(ilegível)...., ele está fazendo aprendizado com meu cunhado Lueders que é um comerciante competente. Tu nem imaginas quanta preocupação se tem aqui com a escolha profissional dos rapazes; e como isto é diferente aí no além-mar. Artesão, lavrador, comerciante, por uma dessas profissões eles têm que se decidir, se não preferirem ser nada - o que acontece aqui na maioria dos casos.

Que eu no momento estou metido nas profundezas da selva e ocupado com a exploração do Rio Iguassú (hoje Iguaçu) Bertha certamente já te escreveu, provavelmente ficarei longe de casa mais uns 5 a 6 meses, já que estes serviços serão prosseguidos até o Rio Paraná; então espero conseguir um emprego definitivo mais cômodo em Blumenau (pelo qual muito almejo). Eugen acredita que a vida aqui na selva teria fatos e coisas fascinantes e interessantes - para um europeu cidadão vivendo numa supercultura! - mas não! Aqui nestas quase ilimitadas selvas virgens tudo é quase igual como no alto mar ou no deserto de areia: a eterna monotonia é cansativa, ainda mais que com um olhar apenas, se vê tudo de uma vez só.

Como vão Rudolph e Adelheid? Eles lá de cima do Ehrenbreitstein devem ter sido poupados das assustadoras enchentes. Também imagino que a vida junto a esse velho castelo deve ser muito rotineira. Nós ainda não recebemos do jovem par nenhuma notícia, Rudolph não é diligente redator de correspondência, mas eu havia contado com minha jovem cunhada, para a qual peço transmitir minhas cordiais saudações.

Passa bem, minha querida Mãezinha, dá lembranças carinhosas a todos os nossos queridos e continua amando teu

Emil.

---

Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht:

**Marie, Hedwig, Rudolph, Anna** - irmãos de Emil.

**Eugen** - cunhado de Emil, casado com sua irmã Marie (Marie Luise).

**Rudolph e Adelheid** - irmão e cunhada de Emil.

**Mathilde, Edmund, August** - alguns dos 15 filhos de Emil e Bertha.

**Lueders** - era casado com Elise, uma sobrinha de Bertha, portanto não era cunhado (terá sido lapso de Emil? Nos comentários da carta de 25.07.84 voltaremos ao assunto). Ele faliu dois anos mais tarde.

**Joinville** - Emil escreve: "Mathilde (...) completar seu enxoval em Joinville, coisa que não pode ser feita em Blumenau". Explicamos o porquê disso: Joinville era muito mais "cidade" que Blumenau; desenvolveu-se mais depressa principalmente pelo seguinte:

1- A Colônia fora o dote matrimonial da Princesa Dona Francisca (irmã de D. Pedro II) e do consorte Príncipe de Joinville.

2 - O Governo Imperial, por meio de contrato, em 1849, encarregou a "Sociedade Colonizadora de Hamburgo" de efetuar a colonização. O Governo, por meio de inúmeros decretos (de 1850, 53, 71, 75, 76, 82, 87 e 88) deu grandes vantagens à Colônia de Joinville. Enquanto que Dr. Blumenau teve que enfrentar enorme burocracia e até certa má vontade de parte das autoridades.

As vantagens dadas já começavam no Porto de Hamburgo, por exemplo: os emigrantes para Joinville tinham toda a proteção do Consulado Brasileiro de Hamburgo; a partir de 1871 tiveram suas passagens de navio parcialmente pagas pelo Consulado (50 taler aos emigrantes entre 10 e 45 anos e 25 taler aos menores de 10 anos).

Como a dita Companhia Colonizadora teve dificuldades em encaminhar emigrantes na proporção que prometera em contrato, funcionários do Consulado Brasileiro passaram a

“roubar” os candidatos cujo destino era Blumenau. Há relatos detalhados na história da imigração sobre o assunto.

4 - O contrato de 1887, por exemplo, previu à Colônia de Dona Francisca uma subvenção de Rs.70:000\$000 (setenta contos de réis).

5 - Outro ponto decisivo foi a ligação ao planalto catarinense por meio da “Estrada da Serra”, ligando a Colônia à Vila de Rio Negro, concluída em 1873, enquanto que Blumenau conseguiu ligação ao planalto bem mais tarde (através dos trabalhos de exploração e locação do Engº Emil Odebrecht), em 1879.

Com todas essas vantagens e mais a da topografia (terras mais planas), Joinville desde o começo se desenvolveu com maior velocidade.

Todos que se interessam por História sabem o quanto tudo isto deu “dor de cabeça” ao Dr. Blumenau e quanto sofrimento causou ao grande colonizador e aos blumenauenses.

**sempre a esperança de conseguir trabalho mais perto de casa** - Emil escreve: “ficarei longe de casa mais uns 5 a 6 meses ... então espero conseguir um emprego definitivo mais cômodo em Blumenau (o qual muito almejo)”. Que doce ilusão teve ele! Já muito cansado, sentindo o peso da idade e com a saúde abalada desde suas crises de malária quando de sua participação na Guerra do Paraguai, ainda trabalhou nos confins das selvas do Paraná e de Santa Catarina até dezembro de 1888! Por uma questão de princípios, nunca usou a política para alcançar objetivos de interesse pessoal. Só a partir de 1889 conseguiu trabalhar mais perto de casa: construção da linha telegráfica Blumenau-Itajaí e outras linhas na região do Vale e arredores.

**Exploração do Rio Iguaçu** - trata-se do levantamento geodésico do rio desde o Salto Osório até a foz e da desembocadura de cada um dos principais afluentes.

---

Carta nº 19

Iguassú (hoje Iguaçu) 4 de julho de 1883.

Minha querida Anna!

Hoje foi um dia especial para mim! Pois recebi boas notícias de todas as partes. As últimas cartas de Blumenau são de 25 de maio. Os meus estão todos bem, e a tua querida carta de 19 de abril mandada por Bertha prova que o mesmo se dá com vocês. Minha querida irmã, te agradeço muitíssimo pelas tuas carinhosas cartas!

Recebi a notícia do meu correspondente de Curitiba, o Sr. W. H. A. Peters, de que ordenou o pagamento de 300 marcos em teu nome; mando este dinheiro com a finalidade de ajudar um pouco nos cuidados para com a nossa querida velha Mãezinha, que eu gostaria tanto de ainda

poder rever nesta vida! Fora isto estou bem aqui na floresta virgem, é claro que ainda terei de passar muitos meses na selva, separado dos meus, porém depois disto certamente poderei contar com o meu estabelecimento definitivo em Blumenau, com o salário que me possibilitará oferecer aos meus a garantia do sustento. Eu havia feito grandes dívidas, agora este problema já passou, e poderemos reservar a metade do meu salário sem que nos falte nada.

Meus parabéns pelo 1º de julho devem ter chegado com atraso. Felicidades para ti! Querida Anna, transmita minhas saudações carinhosas a minha velha Mãezinha e a todos os nossos, do teu

Emil

---

Comentários dos tradutores Rolf e Renate Odebrecht:

**Anna:** irmã caçula de Emil. Ele já não via suas queridas mãe e irmã há mais de vinte anos ... a irmã era ainda uma adolescente quando ele emigrara para o Brasil.

---

Carta nº 20

Blumenau, 12 de julho de 1883.

Querida Marie!

Já recebi a tua carta há 2 meses. Podes porém imaginar, que não tive a menor inspiração de respondê-la, já que aqui neste mesmo tempo corria o boato de que o Emil teria se acidentado, com grande parte dos seus trabalhadores. Sem demora uma alma sensível encarregou-se de me participar o fato. Apesar da minha intuição me dizer que se tratava de invencionice, uma notícia trágica desta faz o sangue da gente parar. Há dias tive notícias do Emil, mas estas também já eram de 6 semanas atrás. O correio é sempre muito mais irregular e lento do que para o exterior,

o que também é natural nas condições de comunicação precárias. Neste momento já tenho a certeza de que toda essa fofoca não tem fundamento nenhum. O Emil e o Edmund, assim como todos os outros estão bem e com saúde. A fronteira com o Paraguai, onde se encontram, é muito perigosa, além de haver índios mais espertos e habilidosos do que os nossos bugres daqui, há muitos tigres e outras pragas. Quero agradecer ao Criador, se Emil e Edmund voltarem bem desta viagem.

Emil escreve sobre a dificuldade de tocar os trabalhos, já que o transporte de alimentos, etc. é por demais difícil. Enquanto estavam no campo tudo ia bem, mas agora estão nas profundezas da selva. Sobre estes campos o Emil escreveu à Mathilde: “Tu não podes imaginar o quanto são diversificadas e fantásticas as flores e frutas daqui. Já juntei muitas sementes, tu verás, em alguns anos teremos frutas e flores que aí nunca ninguém viu, todos os dias colho flores para secar”. Acontece que Emil tem que organizar um herbário para o Cap. Neumann, chefe geral do Departamento dos Telégrafos, trata-se do hobby dele. O Edmund gostaria de poder estar em viagem sempre, as quais só são prazerosas para os amantes da natureza. Para os jovens tudo está bem, o mundo lhes pertence, enquanto os mais velhos, como o Emil, não desejam nada mais do que passar os seus dias em paz. Ter de acampar assim meses a fio na mata virgem, sem variação e ter de comer feijão preto e café diariamente, sem um pedaço de pão, aí chega o ponto em que mesmo o grande filósofo e o amante da natureza finalmente se fartam.

Edmund também escreveu na semana da Páscoa: “Aí na nossa casa certamente já tem cheiro de bolo, aqui só de feijão preto. Quanto aos tigres, eu ainda não vi nenhum, mas rastros, de monte.”. O August, o segundo dos meninos, foi confirmado no Domingo de Ramos, em 20 de maio ele completou 15 anos e desde o dia 8 de maio está fazendo um aprendizado com um comerciante, onde ele também tem a oportunidade de se exercitar na língua portuguesa, o que é necessário aqui. Até agora

ele esteve aqui somente por meia hora, e foi uma alegria enorme para as crianças: “O August chegou! O August chegou!”. Agora tu podes imaginar a agitação, quando o Emil chega, entretanto aí são as meninas que se achegam a ele, sem deixar os meninos se aproximarem. O August já cresceu neste curto espaço de tempo, é um garoto forte e de ombros largos com cachos cheios, que são tão raros aqui. Quando os filhos dão o primeiro passo para fora da casa dos pais, é como se não nos pertencessem mais tanto e totalmente. Muitos dizem que ainda nos restam os outros, mas cada um deles é único e querido a seu próprio modo. É provável que para vocês também esteja chegando o tempo, em que terão de deixar o Eugen sair de casa. Eu desejaria que os nossos filhos já fossem tão grandes quanto os de vocês. Mas ainda temos 4 em idade pré-escolar. O menor de apenas 9 meses é um molequinho, graças a Deus até agora todos são saudáveis de corpo e espírito. Conforme Anna nos escreveu também os filhos de vocês lhes dão muitas alegrias.

Agradeço de coração pela linda gravata, que é muito admirada aqui, e com isto quero terminar por hoje. Dá lembranças minhas ao teu marido e às crianças e me tem em boa lembrança. Tua irmã

Bertha.

---

Comentários dos tradutores: Rolf e Renate Odebrecht

**Marie** - Marie Luise, irmã de Emil.

**Eugen** - sobrinho, filho do Dr. Eugen Briegleb e Marie Luise.

**Bertha:** esposa de Emil. Ela chama a cunhada de irmã. Nesta carta ela se refere duas vezes a Deus; salientamos o fato porque ela, uma típica alemã do norte, só raramente fala de seus sentimentos, muito menos da vida espiritual.

**Edmund, Mathilde, August:** alguns dos filhos do casal.

**gravata:** (Kravatte) um tipo de peitilho, às vezes duplo e cruzado, fazendo às vezes de gravata; geralmente rendado ou bordado, complementando as grandes e largas golas; ou ainda fixado e completado por um broche, como se vê em fotografias.

Artemio Zanon



Sonetos  
para  
Imortais



PATRONOS E SONETOS

## PATRONOS E SONETOS

Enéas Athanázio

O escritor e jurista Artemio Zanon, meu colega de Ministério Público, está numa fase de produção literária febril. Seus livros se sucedem com rapidez impressionante e exerce constante atividade na área cultural. É ubíquo, está em toda parte, e nessa marcha poderá repetir Mário de Andrade: “Sou trezentos, trezentos e cinqüenta...”

Sua obra mais recente intitula-se “Sonetos para Imortais”, publicada sob o número 33 da Coleção ACL (Florianópolis – 2008). Nela o Autor publica uma sùmula biogràfica de cada patrono das cadeiras da Academia Catarinense, contendo também informações bibliogràficas a respeito, e em seguida um soneto de sua lavra enaltecendo a figura. Ilustrações enriquecem o volume.

Sobre Crispim Mira (1880/1927), jornalista combativo e escritor que muito me agrada, cuja vida/obra muito pesquisei, Zanon diz o seguinte: “Cadeira 5 - Crispim Mira nasceu em Joinville, SC, no dia 13 de setembro de 1880. Foi folclorista, historiador e, como jornalista, foi morto em Florianópolis em 5 de março de 1927, na redação do jornal “Folha Nova.” Também no exercício do jornalismo teve atuação duvidosa na questão do “Contestado”, entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. O falecido Acadêmico Licurgo Costa (Licurgo Ramos da Costa, nascido em Lages, SC, no dia 4 de novembro de 1904, e falecido em Florianópolis, no dia 12 de julho de 2002, tendo sido titular da Cadeira 37), em “Um Cambalacho Político” (1987), aborda o tema e o Acadêmico Francisco José Pereira (Cadeira 5) na novela histórica “As Duas Mortes de Crispim Mira” (1992), buscou resgatar a memória desse Patrono. O escritor Enéas Athanázio é autor de “Jornalismo por Ideal – Algumas Considerações sobre um Catarinense Esquecido” (Edição da Fundação Casa Dr. Blumenau,

Blumenau, SC, 1992). Ao que se tem conhecimento é o primeiro a biografar o Patrono desta Cadeira.”

Nas muitas leituras que fiz de Crispim Mira, não me pareceu que fosse duvidosa sua atuação na questão do “Contestado.” Diria, antes, que foi equivocada, porque ele batalhava pelo acordo de limites entre os dois Estados e nisso teve parcela de responsabilidade pela influência que exercia. Pelo que entendo, nosso Estado foi prejudicado no referido acordo, convicção que se reforça com a leitura dos arrazoados do Conselheiro Mafra. Mira, porém, sempre defendeu às claras suas posição. Como jornalista combativo que era, conquistou admiradores e inimigos, contrariando interesses poderosos, razão pela qual foi uma figura controvertida.

Voltando ao livro de Zanon, eis o soneto com que prestou homenagem ao patrono da Cadeira 5:

“Crispus – o de cabelos encrespados;  
Mirus – maravilhoso, um adjetivo.  
Crispim Mira, bem mais que substantivo,  
uma legenda dentre os celebrados.

“Minha arma é a pena!” – diz aos potentados.  
Na Folha Nova, em texto combativo,  
esgrima a ferramenta firme e altivo,  
consciente de outros mais também armados.

Do “escândalo do porto” faz debate  
e de atentado não o poupa a sorte,  
fulminando-o no campo de combate.

Dentre os iguais tombou por ser um forte:  
na História fez-se-lhe imortal resgate,  
não havendo de ter terceira morte.”

(Págs. 32 e 33)

Antropólogo, filósofo, escritor e poeta, Fídias Teles está publicando dois novos livros. Trata-se de “O brilho cósmico dos vivos e dos mortos” e “Pequena história da Academia Parano-Catarinense de Letras”, este em sua terceira edição, revisada e ampliada.

O primeiro contém “uma abordagem filosófica dos fenômenos insólitos e enigmas da vida” e se estende por 362 páginas de puro pensamento e erudição. Aborda temas filosóficos e espiritualistas, destacando-se, entre tantos outros, as “Candeias cósmicas da amargura”, “Um olhar filosófico sobre os fenômenos insólitos”, “No encaço do transcendental”, “Materializações confirmam a existência da alma?”, “A sacralidade no rastro do mundo profano”, “A organização das almas no além-túmulo”, capítulo dos mais instigantes, e muitos outros que abordam a metafísica do amor, o suicídio e o crime sob o prisma filosófico, a angústia e a depressão, a ecologia, Ets, reencarnação, seres iluminados, o conhecimento filosófico, a fornalha dialética vida-morte-vida, ao lado e além do planeta Terra e numerosos outros assuntos, complexos e subjetivos, sempre enfrentados com agudo senso de investigador e conclusões corajosas. É um livro para ler, reler e pensar, que constitui importante acréscimo à densa obra do autor.

O segundo livro faz história contemporânea da vida literária em nosso Estado ao reconstituir os passos da Academia de Letras sediada em Mafra/Rio Negro, onde tive a satisfação de encontrar inúmeros amigos e conhecidos das mais diversas etapas da vida, como membros ou patronos. Assim, por exemplo, lá estão o próprio Fídias Teles, meu velho amigo Francisco Filipak, Valfrido Piloto, Marta Schulze Scholze, cujas obras comentei na imprensa, Alvir Riesemberg, grande e inesquecível amigo, Joaquim Osório Ribas, contemporâneo de colégio em tempos que vão longe, Anair Weirich, andarilha incansável pela causa do livro, além de figuras consagradas, de todos conhecidas, homenageadas como patronos das respectivas cadeiras. É um trabalho importante e que registra para os anais a vida de uma instituição que luta pela cultura e pelas letras.

Ambos os livros foram publicados pela Nova Letra – Gráfica e Editora, de Blumenau.

---

Está circulando mais um número de “Atuação”, jornal da Associação Catarinense do Ministério Público (ACMP). Além de abordar temas institucionais e assuntos do momento, dedica toda uma página a trabalhos literários em prosa e verso de seus associados. Contos e crônicas de minha autoria têm sido publicados. O jornal tem esmerada apresentação gráfica e capricha no conteúdo.

---

Circula também novo número da “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina” (IHGSC). Com 240 páginas, a publicação contém ensaios de natureza histórica e geográfica, discursos, notícias sobre eventos e solenidades, notas e comentários, constituição da diretoria e relação de associados, além de outras matérias. Exibe fotografias que a enriquecem, pois é uma publicação destinada a documentar a nossa história.

---

Está circulando mais um número da revista “Mirandum”, editada pela Confraria de Quintana, que tem à frente Maria de Fátima Barreto Michels (Laguna) e Luiz Carlos Amorim (Florianópolis). Este número publica trabalhos em prosa e verso de Luiz Carlos Amorim, Pedra Aparecida de Souza, Else Sant’Ana Brum, Rosângela Borges, Teresinka Pereira, Joel Rogério Furtado, Cissa de Oliveira, Tânia Carvalhal e Maria de Fátima Barreto Michels. Publica poemas de Drummond e Luiz de Miranda alusivos a Quintana, poemas e entrevista do próprio poeta homenageado e notas diversas. É admirável o esforço dos editores para manter uma revista destinada a um único autor. E Quintana bem o merece!

# REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

## **Política editorial**

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

## **Artigos**

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo devem constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos devem ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

## **Autores Catarinenses**

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

## **Biografias**

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

## **Burocracia & Governo**

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

## **Crônicas do cotidiano**

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

## **Documentos Originais**

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

## **Entrevistas**

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

## **Fragmentos da nossa história local**

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

## **Memórias**

Setor que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

## **Transcrição de documentos**

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: [arquivohistorico@fcbu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcbu.com.br), digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Exemplares avulsos: R\$ 12,00 (edições anos 50 a 2003)
- Encadernação: R\$ 100,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a)  Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2010.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_ reais) conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: \_\_\_\_\_ Preço: R\$ \_\_\_\_\_  
(\_\_\_\_\_ reais)

Formas de pagamento:

Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 5203-5. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

Cheque - Banco: \_\_\_\_\_ Número do Cheque: \_\_\_\_\_

Dados do Assinante:

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ Cx. Postal: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ - Fone para contato: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 3326-6990 - Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) - E-mail: [arquivohistorico@fcblu.com.br](mailto:arquivohistorico@fcblu.com.br)



Arquivo Histórico  
José Ferreira da Silva  
arquivohistorico@fcblu.com.br

Mausoléu  
Dr. Blumenau

Museu  
da Família Colonial  
museudafamiliacolonial@fcblu.com.br

Centro Cultural  
da Vila Itoupava

Casa da Memória da  
Escola Nº 1

Biblioteca Municipal  
Dr. Fritz Müller  
biblioteca@fcblu.com.br

Museu de Arte  
de Blumenau  
mab@fcblu.com.br

Galeria  
Municipal de Arte

Centro de Publicação  
Documentação e  
Referência em Leitura  
editora@fcblu.com.br

www.fcblu.com.br



Até parecem umas “tetéias” as donas madamas “mariposas” quando vão ao cinema, na plateia, misturando-se com as filhas de família...

Já dissemos, outro dia, que se parecem mais com aves de penujens, com suas roupagens em aspecto dos tempos idos, pelo que - é muito facil ter-se a “ficha” das mesmas!...

Mas o pior de tudo, é que - se contuniarem a frequentar as sessões do Cine Busch, aos domingos a tarde, irremediavelmente (sem remédio) o nosso “ranchinho”, tão bom que estava, vai acabar transformando-se numa “filial” das pocilgas, existentes lá pelas bandas de riba... com todos os “giga” a lhes fazer companhia!

MARIPOSAS no Cinema. **Cidade de Blumenau**, Blumenau, 3 fev. 1960. *Flagrantes da Cidade*, [p.10].

Continuam as meninas “mariposas”, daqueles lugares suspeitos, a fazerem (merecidamente!) seus footings pelas ruas da cidade, igual a borboletas em um jardim florido!...  
Com suas vestes tal qual aves de arribação, “encantam” os “don juans” baratos, perdidos de amores por um olhar qualquer!

VOVÔ Sapecá Apresenta: socyeti em 3ª dimensão. **Cidade de Blumenau**, Blumenau, 17 jan. 1960. *Vida Social*, [p.13].